



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO ACADÊMICO EM ARTES

BEATRIZ MACHADO ALVES NOGUEIRA

CATALISAR O SENSÍVEL:
UMA CARTOGRAFIA DOS AFETOS NO CÁRCERE

FORTALEZA

2024

BEATRIZ MACHADO ALVES NOGUEIRA

CATALISAR O SENSÍVEL:
UMA CARTOGRAFIA DOS AFETOS NO CÁRCERE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Arte e Pensamento: Das obras e suas interlocuções.

Orientadora: Profa. Dra. Deisimer Gorczewski.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- N71c Nogueira, Beatriz Machado Alves.
Catalisar o sensível: uma cartografia dos afetos no cárcere/Beatriz Machado Alves Nogueira. – 2024.
132 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Deisimer Gorczewski.
1. Artes no cárcere. 2. Cartografia. 3. Invenção de si. 4. Filosofia da diferença. 5. Alteridade. I. Título.
CDD 700
-

BEATRIZ MACHADO ALVES NOGUEIRA

CATALISAR O SENSÍVEL:
UMA CARTOGRAFIA DOS AFETOS NO CÁRCERE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Arte e Pensamento: Das obras e suas interlocuções.

Aprovada em 29/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Deisimer Gorczewski (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Carmen Silveira de Oliveira
Laboratório de Micropolíticas Urbanas (LAMUR/UFC)

Profa. Dra. Claudia Vicari Zanatta
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGARTES-UFC) pela possibilidade de concretização do Mestrado em Artes.

À minha orientadora de pesquisa, Profa. Dra. Deisimer Gorczewski, por sua generosidade na partilha do sensível e por ter me guiado neste caminho cheio de percalços e de alegrias que é o pesquisar. À Profa. Dra. Carmen Silveira de Oliveira, cujas contribuições na qualificação e na defesa deste Mestrado foram essenciais, decifrando com maestria aquilo que estava nas entrelinhas. À Profa. Dra. Nize Maria Campos Pellanda, por sua presença singular na banca de qualificação; como admiradora de sua trajetória de vida, que vai além da academia, ler as suas colaborações - feitas com destreza - para este trabalho modificou-me por completo. À Profa. Dra. Claudia Vicari Zanatta, por afirmar com as suas palavras, na banca final, a força da imagem comprometida com a sua leitura atenta das fotografias aqui trabalhadas, sendo como uma força de lembrança do porquê de fotografar. Ao Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa, que desde o início do Curso, que me trouxe potência criativa e reflexiva através de suas aulas. As suas sugestões valiosas, tanto na qualificação como na defesa, e seu rigor acadêmico tornaram-se raízes na minha constituição como pesquisadora.

À minha mãe, Diva Mercedes, que com o seu amor aos livros soube plantar as mais belas sementes em meu jardim.

Ao meu pai, Edizio Nogueira, por acreditar na força do letramento.

Ao meu companheiro, Jaime Queiroga, aquele quem abre caminhos com a voz, quebrando muros de qualquer presídio, construindo seus discursos de resistência com os irmãos em cárcere, sintonizado na mais bela harmonia, onde descalcifica até o coração mais embrutecido por lembrar que ninguém é irrecuperável.

Ao meu filho, João Lázaro, fruto de um amor que nasceu com a poesia nas prisões. João é aquele quem todos os dias me convida a criar a vida como obra de arte.

Por fim, agradeço aos que tiveram seus corpos enclausurados, mas, pela força dos bons encontros, voltaram a acreditar na força do amor, na potência das artes e na luz que há em cada um, mesmo quando em escuridão. Com vocês, pude fazer poesia com Deus.

“Trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto”. (DELEUZE; GUATTARI, 1994, p. 222).

RESUMO

Esta pesquisa nasceu e se desenvolveu pela nutrição de um solo inquieto sobre as prisões dos corpos e da energia pulsional de vida. A dissertação foi cultivada com base crítica, artística e filosófica para a questão da alteridade, da imagem do outro. Imagem essa criada por um sujeito e insistentemente reelaborada a partir da imagem de si e da relação que se criou com este que é o "outro". Experimentar a partilha com aquele que tem muito a falar, a libertar. Criar, com relatos ensaísticos, após anos de convivência com a temática do cárcere, adentrando às grades de algumas prisões brasileiras, com hora para retornar para a liberdade do corpo, em conjunto com minha produção fotográfica intra e extramuros, faz pensar sobre como todo esse cenário é montado em nosso contemporâneo dentro e fora do cárcere. Mergulho em uma criação estética da linguagem e da imagem como prática política e de existência coletiva. Seguindo, pergunto quais são as potencialidades ativas e quais são os limites para uma pesquisa que perpassa pelos relatos de vivências no cárcere e pela criação de imagens em ambiente de privação de liberdade em sobreposição ou colagens com cenas que convoquem o paradoxo para o pensamento: a liberdade, o inconsciente imagético e a natureza em ato. Nesse processo, percebo como funciona a dinâmica no campo da macrofísica e da microfísica da violência (HAN, 2017) criando um jogo entre o real e o ficcional, como forma crítica da violência que se alimenta dos dispositivos biopolíticos (FOUCAULT, 2014) que regulam as visualidades da experiência violenta e o imaginário que criamos e disseminamos a partir das imagens, corpos e espaços em contextos de marginalização na contemporaneidade. Por fim, trago a importância dos afetos na pesquisa e na escrita acadêmica, já que fui guiada justamente por eles, pelos incômodos e paradoxos que a pesquisa com o cárcere suscita. Por perdurar fora da zona de conforto durante boa parte desse trajeto, passo a entender que é este estado de afetação que dá forças para exercitar o estado de alteridade necessário para sustentarmos as práticas e o estado de micropolítica necessário no contemporâneo.

Palavras-chave: artes no cárcere; cartografia; invenção de si; filosofia da diferença; alteridade.

ABSTRACT

This research was born and developed by nourishing a restless soil on the prisons of bodies and the instinctual energy of life. The dissertation was cultivated with a critical, artistic and philosophical basis for the question of otherness, of the image of the other. This image is created by a subject and insistently reworked based on the image of oneself and the relationship that one has created with this "other". Experiencing sharing with someone who has much to say, to free. Creating, with essayistic reports, after years of living with the theme of imprisonment, entering the bars of some Brazilian prisons, with time to return to the freedom of the body, together with my photographic production inside and outside the walls, makes one think about how this entire scenario is set up in our contemporary world inside and outside of prison. I immerse myself in an aesthetic creation of language and image as a political practice and collective existence. Next, I ask what are the active potentialities and what are the limits for a research that goes through the reports of experiences in prison and the creation of images in an environment of deprivation of liberty in overlapping or collages with scenes that call the paradox to thought: freedom, the unconscious imagery and nature in action. In this process, I perceive how the dynamics in the field of macrophysics and microphysics of violence (HAN, 2017) work, creating a game between the real and the fictional, as a critical form of violence that feeds on the biopolitical devices (FOUCAULT, 2014) that regulate the visualities of the violent experience and the imaginary that we create and disseminate from images, bodies and spaces in contexts of marginalization in contemporary times. Finally, I bring up the importance of affects in academic research and writing, since I was guided precisely by them, by the discomforts and paradoxes that research with prison raises. By remaining outside of my comfort zone for much of this journey, I come to understand that it is this state of affectation that gives me the strength to exercise the state of alterity necessary to sustain the practices and state of micropolitics necessary in contemporary times.

Keywords: arts in prison; cartography; self-invention; philosophy of difference; otherness;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exu entre versos do prisioneiro.....	10
Figura 2 - Recorte de fotografias vencedoras Prêmio Funarte de Artes Visuais.....	13
Figura 3 - Sonho da Natureza.....	16
Figura 4 - Fundação Casa Vila Maria, São Paulo/SP.....	18
Figura 5 - Sarau Asas Abertas, 2023.....	22
Figura 6 - Sarau Asas Abertas, 2023.....	23
Figura 7 - A raça do capital, 2016.....	24
Figura 8 - A cruz do cárcere, 2017.....	28
Figura 9 - As mães do cárcere, 2016.....	30
Figura 10 - Memorial às mais de 111 vidas. Vidro, grade de ferro e vidro 300 x 630cm.....	37
Figura 11 - Memorial às mais de 111 vidas. Vidro, grade de ferro e vidro 300 x 630cm.....	38
Figura 12 - Entre o martelo e a bigorna, 2019. Bigorna de ferro, vidro e martelo de juiz.....	39
Figura 13 - Vigiar e Punir (2020), No Martins na Galeria Jack Bell.....	40
Figura 14 - Campo Minado (2019), No Martins na Galeria Jack Bell.....	40
Figura 15 - Senhora Injustiça, 2017.....	41
Figura 16 - Sem título (2019), No Martins.....	42
Figura 17 - Os olhos do mundo.....	48
Figura 18 - Poema entre muros.....	51
Figura 19 - Alguém ai?, 2021. Unidade Prisional APAC feminina/BH.....	52
Figura 20 - Rabisco em diário de bordo, 2022.....	58
Figura 21 - Diário de bordo, 2022.....	60
Figura 22 - Diário de bordo, 2022.....	61
Figura 23 - Diário de bordo, 2022.....	62
Figura 24 - Diário de bordo, 2022.....	63
Figura 25 - Diário de bordo, 2022.....	64
Figura 26 - Diário de bordo, 2022.....	65
Figura 27 - Os poetas, 2022.....	68
Figura 28 - A Divina Comédia Humana. Gih Trajano.....	71
Figura 29 - Meu Povo é descendente de reis. Alaor Alves.....	72
Figura 30 - O falso Messias. Gih Trajano.....	73
Figura 31 - Espelhos, 2021.....	75
Figura 32 - Te vejo, 2021.....	75

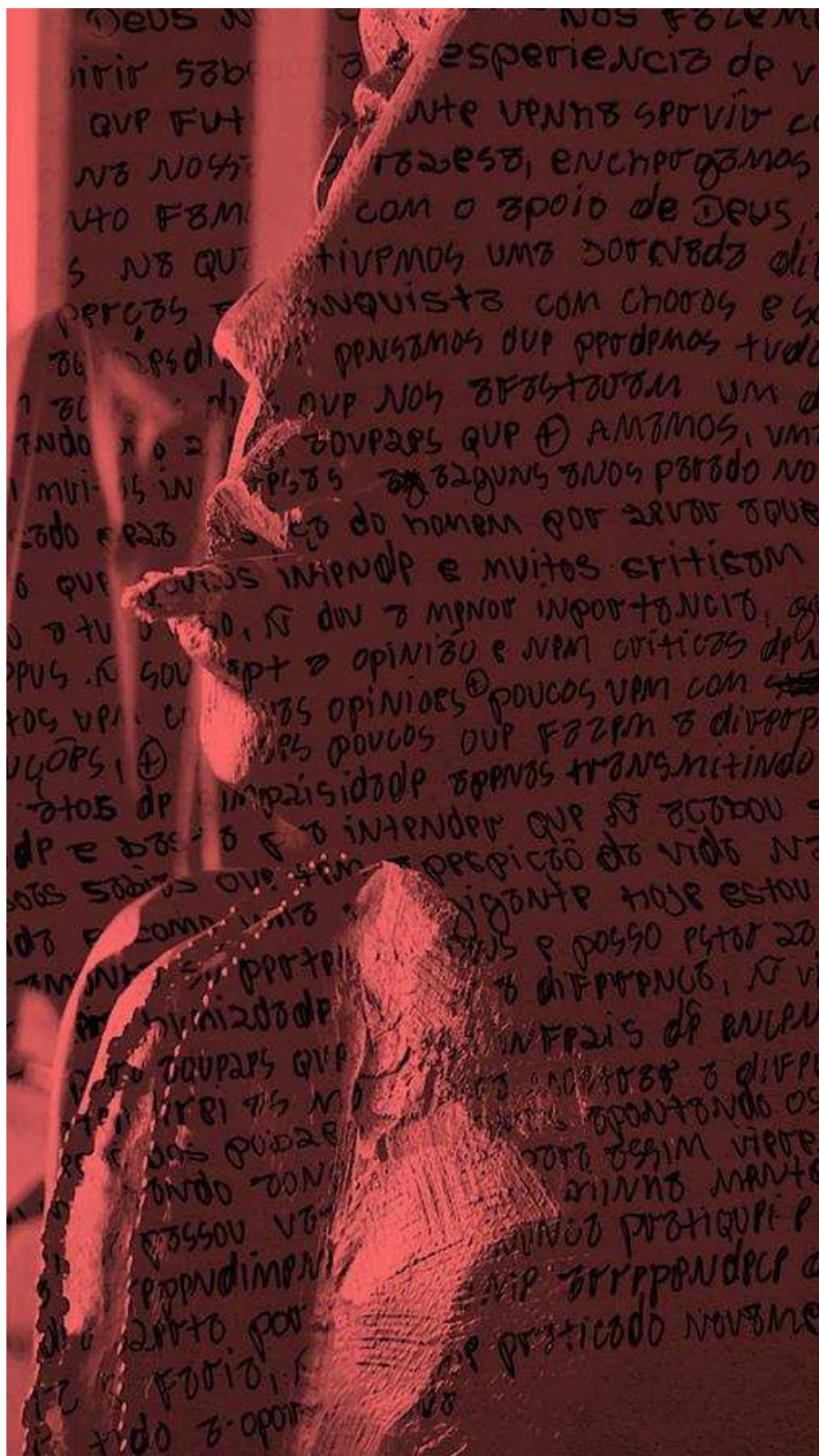
Figura 33 - Kombi do Sarau Asas Abertas – Literatura e poesia em prisões.....	78
Figura 34 - Terra, voa, 2022.....	81
Figura 35 - Pele, 2021.....	85
Figura 36 - A escrita das águas, 2022.....	87
Figura 37 - O que vê?.....	90
Figura 38 - Autorretrato em Penitenciária Feminina APAC/BH, 2021.....	92
Figura 39 - Qual a sua arma? 2017.....	94
Figura 40 - Capão Redondo/SP, 2023.....	97
Figura 41 - Unidade Prisional APAC Feminina de Itaúna/MG, 2021.....	100
Figura 42 - Unidades Prisionais APACs/MG.....	101
Figura 43 - Orixá Xangô e a ultrassonografia de João Lázaro - 16 semanas.....	104
Figura 44 - A chegada de João Lázaro I.....	106
Figura 45 - A chegada de João Lázaro II.....	107
Figura 46 - A chegada de João Lázaro III.....	108
Figura 47 - A chegada de João Lázaro IV.....	109
Figura 48 - A chegada de João Lázaro V.....	110
Figura 49 - Aleitamento. 02 de maio de 2024 às 21h51min. Autorretrato.....	114
Figura 50 - Curvas que alegam o caminho.....	115
Figura 51 - Sem título.....	116
Figura 52 - Diário de bordo.....	121
Figura 53 - Diário de bordo II.....	122
Figura 54 - Diário de bordo III.....	125
Figura 55 - Lágrimas molharam a escuridão, nasceu a Luz, 2024.....	128

SUMÁRIO

1.PRELÚDIO.....	10
1.1.Restaurando o espelho quebrado da infâmia.....	19
1.2.Heterogênese, uma poética da subjetividade individual, coletiva e institucional.....	20
1.3.Um caminhar ensaístico pelas presenças e ausências da pesquisa.....	21
1.4.Liberar a vida onde ela é prisioneira.....	21
2.AS INSTITUIÇÕES E SEUS AVESSOS.....	24
2.1.O poder, seus saberes e suas verdades.....	29
2.2.Vidas infames, vidas outras.....	31
2.2.1.Abordagens contemporâneas em repetir-resistir-revalorar.....	34
2.2.2.Como as artes podem desempenhar um papel de “contraconduta”?.....	43
3.O OUTRO.....	49
3.1.A subjetividade é polifônica.....	53
3.2.Como criar “instâncias de subjetivação” ativas e criativas?.....	54
3.3.Por uma poética da subjetividade individual e coletiva.....	57
3.4. Uma percepção que pede passagem.....	79
4.A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE.....	83
4.1.A ausência.....	83
4.2.Memórias.....	87
4.2.1.O nascimento da escrita.....	87
4.2.2.O nascimento da escrita sobre e com as prisões.....	89
4.3.Em busca da terceira margem do rio.....	91
4.4.Artes frustradas.....	94
4.5.A arte do encontro com o outro por uma ética da alteridade.....	99
5.UMA CONCLUSÃO EM MOVIMENTO.....	102
5.1.Uma escrita ética-estética-política.....	119
REFERÊNCIAS.....	130

1 PRELÚDIO

Figura 1 — Exu entre versos do prisioneiro.



Fonte: arquivo pessoal.

Ontem, 22 de março de 2023, eu estive, mais uma vez, submersa nas profundezas da Odisseia de todos nós. Laboratório vivo, não para colher histórias e gozar com elas quando me livrar das grades da carne ao cruzar o portão (ou portal) no fim do dia, mas para escutá-las e, juntos, tratá-las com respeito, com honra e com lealdade. Triangulação pouco compreensível para muitos.

Ao iniciarmos, mergulhamos na missão de encontrarmos um ritmo para partilhar a voz, aqui há a criação de um corpo banhado em fineza sensorial para compreender o que cada ser presente necessita neste dia. Uma sala aparentemente banal ganha uma função muito clara. Ali todos somos tratados pelo remédio da presença, do olho a olho, da alegria, do improviso, do silêncio, do embate, da palavra que jorra e pelo choque com a doença acontece a cura. Cura minha, cura tua.

Cura de quê? Daquilo que fomos destinados a trabalhar nesta existência: traumas, vícios, quedas, repetições, incompreensões. Certamente, neste processo, cairemos mais uma vez, faz parte, sempre mais aptos à vida retornaremos, com experiências a mais, com chagas a menos, processo de maestria de si. Porém, como enxergamos apenas as sombras da dança que é a vida, caímos na tentação de acharmos que uma queda significa A Queda, o resumo da tal Odisseia. Ando aprendendo que isso também faz parte. Não sinto a dor de milhares que hoje estão privados de suas liberdades corporais nem pretendo compreendê-las ou saná-las por meio de um discurso. Sei meu lugar.

O que se faz naquela salinha é processo de fina percepção e de experimentação daquilo que nos une, que nos iguala: o desespero de um ser profundamente ferido, seja lá a sua história, honramos essa dor que insiste em aprisionar, vamos dar passagem a essa voz em clausura. Aquilo que não passava de ruídos desconexos passa a ser compreensão respeitosa para nossos ouvidos, melodia subjetiva, individual e, por isso, universal, ritmada pelos ciclos agora compreendidos. Escutando e dançando por meio de nossas vozes há tempos abafadas nos tornamos filósofos, curandeiros da alma. Naquele espaço, entro em processo de compreensão de uma linguagem, um novo tom, um possível som. O corpo vibra e se cura pela reencarnação de nossas células há tempos mortas pela descrença no processo da existência.

Ontem, 22 de março de 2023, fui dormir não aliviada, mas viva, e sei que eles também. Sigamos.

Se o cárcere é a marca de desagregação, exclusão e aniquilamento de subjetividades, as artes de si brotadas “do lado de lá” surgem como procedimentos inventivos da reconstrução de Ser no mundo. Gira, gira, gira, grita, estabiliza, cria! Beatriz Nogueira

23 de março de 2023. O dia clareou com muitas inquietações. Pela primeira vez, me sinto apta para afirmar que faço cartografia. Passei por meses de profunda insegurança por não entender esta pesquisa. Desde a elaboração do projeto para o Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGARTES/UFC), havia uma certa obstinação para realizar um projeto idealizado em minha mente, gostaria de aplicar uma arte fechada, sonhada nas métricas perfeitas de meus devaneios. Entre estudos de Nietzsche (2006), Foucault (2006, 2014), Espinosa (1983, 2004), Rolnik (2007, 2016) e outros, eu me sentia sufocada, alimentando o medo de ser apenas uma idealizadora. Nesses momentos, recorria às minhas imagens, escrevia cartas para mim e para o mundo, como um grito ensurdecedor.

No fim de 2022, tive a oportunidade de concorrer ao Prêmio Funarte - Olimpíadas de Artes Visuais para pesquisadores da Academia. Entre resistência e coragem, resolvi submeter cinco fotografias do cárcere em sobreposição com imagens da liberdade, natureza viva. Dessa criação dei o nome “Prisões, alteridade e afetos: quantas verdades cabem em uma fotografia?”, recorrendo àquilo que já pesquiso, moldando um percurso ao lado da crítica ativa artística e filosófica para a questão da alteridade, da imagem do outro, nesse jogo de visualidade e obscuridade.

As obras foram premiadas, o que traz uma visibilidade institucional para a criação artística sobre e com prisões. Fora da esfera do “bom ou ruim”, acredito ser um passo importante para o entrelaçamento da arte com a política em nosso país.

Figura 2 — Recorte de fotografias vencedoras Prêmio Funarte de Artes Visuais



Fonte: arquivo pessoal.

Em dezembro, me vi trocando de pele, migrando novamente para São Paulo, metrópole dos paradoxos, do tudo ou nada, do muito e do pouco, do amor e do ódio, do cheio e do vazio. O motivo dessa decisão não poderei resumir somente em um único centro, mas já tinha convicção de que o cárcere e as fundações casas desse lugar me acolheriam para encontrar perguntas reais por meio de minhas vivências. Pesquisar requer sair da zona neutra, trazendo incertezas, medos, desapegos e inconsistências. Sei de tudo isso, pois é nessa zona que habito.

Cheguei em São Paulo e desde as primeiras semanas de 2023 visitei seis fundações e casas; logo após retomamos os trabalhos semanais no presídio Adriano Marrey II, o mesmo

que me acolheu em 2019 para o projeto de poesias (Sarau Asas Abertas). Jaime Queiroga, o idealizador do projeto, no início de 2023 me convidou para criar um projeto em paralelo com o Sarau. Esse convite me gerou inquietação, temor pela falha, pelo julgamento. Entrei e nada surgiu. Apenas escutava, falava pouco, o necessário. Tinha a minha idealização no bolso, mas ela não vingava na vida real. E agora? Medo, impotência, desistência? Não.

Durante os meses mais ativos desta dissertação, eu passei por processos dolorosos, de luto e de busca de significado dos acontecimentos da época. Neste relato, não me privarei de falar que passei pelo luto de um aborto espontâneo que sofri no início de 2023. Eu e meu companheiro levamos nosso filho em memória para o cárcere, nossos irmãos nos ouviram, rezaram em nós e nos confortaram. Em maio de 2023, quem foi tratado, escutado e abençoado dentro do cárcere foi ele. Semanas depois, fui eu. Deixei minha voz jorrar pela necessidade de falar da maior dor de minha existência para eles, os sofredores do corpo e da alma, os abandonados, os “infames”. Nesse processo, começamos a falar sobre filosofia, sobre a cura que o pensar ativo, afetivo e coletivo pode nos proporcionar.

Em uma visita nesse período, conheci Nicole¹, transsexual preta que ainda habita o presídio Adriano Marrey. Ela havia deixado o cárcere há alguns meses com a promessa de nunca mais voltar. Retornou em prantos, em lamúrias com todas suas feridas expostas pela vergonha em regressar para o poço sem fundo. Diz que foi forjada em um serviço que fazia no regime semiaberto e agora cumprirá uma pena que não é sua, em regime fechado. Após relatar sua profunda dor pela situação que se encontra, Nicole leu para nós um poema de Shakespeare.

A escrita intitulada “Um dia você aprende” estava transcrita numa folha amassada que carregava consigo ao lado de seu único livro, este bastante peculiar, um “capa dura” verde água cheio de frases em rosa *pink* ilegíveis. Levantou-se e começou a tentativa de leitura. Nicole balbuciava e suava frio. Após algumas palavras, Jaime pede para que ela pare e respire. Silêncio. “Agora, comece novamente”. Retorno. “Pare mais uma vez”. Troco de lugar na roda com Jaime, fico face a face com Nicole, olhando em seus olhos enquanto tenta começar a leitura mais uma vez. Entre uma frase e outra, levantava a cabeça e me fitava. Eu, atenta, respirava em cada frase agora recitada em tom meditativo. Chorei, me levantei e abracei Nicole. Todos aplaudiram seu ato de coragem e de grandeza. Após muitas trocas, decidimos que a filosofia e

¹ Nome fictício elaborado para preservar a privacidade dos integrantes do sarau em estado de privação de liberdade.

suas ramificações iriam estar presente em minhas conversas com Nicole nos próximos encontros. Afinal, o que é fazer filosofia?

Ali um laço fora criado; sei disso, rezo para que vingue. Essa grande mulher trans, preta, de unhas rosa *pink*, cabelos bem penteados e seios fartos tem muito a me ensinar. A arte que tanto estava em busca se concretiza na figura de Nicole; talvez a representação dos deuses que a humanidade se nega a enxergar: esplendor e dignidade em heterogênese.

No fim do sarau, tive a oportunidade de ficar a sós com um dos “velhos” da cadeia. Velho porque transpirava respeito. Ele estava cansado. Há tempos vem soltando, como quem não quer nada, “ei, eu tenho alguma importância por aqui?”. Em escuta atenta, Jaime pede para que Cláudio² se levante e converse comigo em particular fora da sala. De imediato, ele me olha com apreensão, levanto calmamente e estendo a mão. Ele olha para Jaime e entende que ali não haverá nenhum problema. Saímos em direção à biblioteca. Suas primeiras palavras são de profunda sensibilidade pelo ocorrido comigo. Me abro, falo em detalhes como as últimas semanas foram difíceis, ele escuta atentamente e diz que coisas grandiosas estão por vir, que sabe bem o que significa perder um filho, pois perdeu a sua com somente 13 anos. Dor. Já era uma menina formada, como curar a ferida germinada pela partida prematura de um fruto seu? Silêncio.

Cláudio me confessou que estava cansado do que via ali. Estava exausto. Não acreditava que cantar *funk* sanaria o seu desespero. Falei para ele que tinha uma proposta de iniciar um estudo mais profundo de nosso ser; falei do meu grande desejo de explorar a condição humana, de dialogar sobre o que pode ser uma libertação em cárcere. Seu semblante se transfigurou em um segundo. “É isso, é isso que eu quero! Estou cansado, me interesse pela libertação da alma, Beatriz”. Pronto, entendemos o motivo dessa conversa particular. Ele me disse que se afetou pelo que levei há umas semanas quando falei sobre o *yoga*, pois, há anos, quando levava uma vida de caprichos aqui fora, ele namorou uma moça em Balneário que praticava e sempre falava que ele precisava sentir a fundo as mudanças que o *yoga* era capaz de proporcionar. “É, Beatriz, quem sabe a hora chegou?”. No fim de nossa conversa, quando ele desabafava sobre a vida que o roubo lhe proporcionou, uma reflexão ficou cravada em mim. “O crime é como um restaurante, você pode comer à vontade, mas uma hora, seja ela qual for, você terá que pagar a sua conta”.

Eis a cartografia se inventando. Eis a arte em ato, em vida, em potência. Memórias resgatadas, partilhadas, cuidadas e recriadas.

² Nome ficcional criado para preservar a privacidade dos integrantes do sarau em estado de privação de liberdade.

Figura 3 — Sonho da Natureza



Fonte: arquivo pessoal.

Em uma das inúmeras visitas às Fundações Casas em janeiro de 2023, quando tive que me apresentar para os adolescentes, li um poema de Sérgio Vaz (2009):

Ontem
Eu sonhei o teu sonho.

Sonhei que os soldados,
Cantando e dançando,
Libertando-se de todo mal
Surgiam de todos os lugares
Para velar o funeral
De todo arsenal
Das ogivas nucleares.

No sonho
Os homens não eram escravos
Nem de si
Nem dos outros
Tampouco das cores.
Pois o dinheiro
Havia sido morto
No combate com o amor.

As crianças,
Cravo e canela,
Dançavam com as flores,
Como não tinham fome
Caçavam estrelas
Quando cansadas
Tornavam-se nelas!

Sonhei
Que as mulheres e os homens
Não tinham coisas, mas sentimentos.
E em sinal de alegria
Plantavam suas orações
Não de mãos espalmadas,
Mas de braços dados
Com o milagre do dia.

E Deus – todo pequeno gesto de amor-,
Não frequentava igrejas,
Livros ou estátuas
Apenas corações...
Ontem
Sonhei o teu sonho
Sem saber que também era o meu.

Ao terminar, eu pedi para que cada um se apresentasse e falasse qual era o seu sonho. “Sou Bruno, senhora. Meu sonho é ser cantor”. “Sou Caio, senhora. Quero ser dentista”. “Henrique, senhora. Jogador de futebol”. “Sou Fábio, senhora. Mecânico de carro”. Após ouvir as vozes que sonhavam com aquilo que lhe fora negado, chegou minha vez de falar qual era, afinal, meu sonho. Parei, olhei para mim em sentimento, olhei para eles, olhei para o pátio azul

e cinza numa tarde chuvosa e declarei o que meu ser necessitava falar: “meu sonho é fazer, criar, fabular filosofia em presídios”. Pronto. Mais uma declaração em partilha.

Figura 4 — Fundação Casa Vila Maria, São Paulo/SP.



Fonte: fotografia de servidor da Fundação Casa Vila Maria.

Tenho muito a relatar sobre as vivências no cárcere (principalmente se eu for rememorar as experiências desde 2017). Tenho muito a processar, a criar, a comunicar e a transformar. Vejo-me em processo de escrita com o corpo, com as vísceras, com tudo aquilo que há em mim. Percebo esta pesquisa como um laboratório vivo, que se faz a cada dia habitado em atenção e em entrega para o inesperado, para o vazio, para o cheio e para as contradições. Eu sei, foi uma escolha consciente envolver esse universo tão paradoxal como pré-requisito para me tornar mestre em artes. Por detrás de tudo isso, acredito haver aqui uma necessidade de levar outras vozes, outras dores, outras vivências comigo, talvez um dever de elucidar que o

“outro” pode ser tão “mestre” quanto eu, basta escutar e apreciar a diferença que nos aproxima, a tua maestria que se distingue da minha és única e por isso, digna de reverência.

Não falo sozinha, muito menos penso só. Se aqui me encontro, implicada em totalidade nessa temática, reconheço ser graças às oportunidades de aprendizado que tenho quando em contato com o universo do crime, do cárcere, da dor, da revolta e do sofrimento ininterrupto. Como Foucault, esse grande companheiro que me acolhe em momentos de solidão, fala das vidas infames, sei que estou indo em direção de meu desejo: colorir essas vidas com arte e encanto, criando linguagens outras para falarmos sobre um tema tão frágil e desprezado pelas pautas das grandes mídias. Nossos jovens estão morrendo cada vez mais cedo e estão pensando cada vez menos. Pensar custa caro: requer comida na mesa, requer tranquilidade de espírito, solidão e muita consciência de si e do mundo o qual nos encontramos. Claro que nosso projeto neoliberal trabalha na contramão do pensamento para o povo.

Essa temática precisa ser refletida nas artes, no direito, na educação, na política, nos bares, nos lares, na medicina e em nosso íntimo. Sigo perguntando, criando e, acima de todas as dores, me alegrando, pois não há antídoto maior para a sociedade entristecida, adoentada e apática que inventamos, adestrando seres cada vez mais aprisionados em microcosmos, longe da micropolítica necessária para a ruptura das prisões ideológicas, racistas, classistas, segregacionistas e aniquiladoras de potência de vida.

1.1 Restaurando o espelho quebrado da infância

No capítulo primeiro, irei abordar os processos de produção de subjetividade que permeiam todo o campo social. Explorarei o conceito de dispositivo, desenvolvido por Michel Foucault (1997) e explicitado por Gilles Deleuze (1997), para que ampliemos a compreensão sobre os fenômenos que se processam no campo social de modo aparentemente dissociado. Assim, para pensar o fenômeno da criminalidade no contemporâneo, se faz necessária a análise de com uma mesma engrenagem cria discursos, práticas e suas instituições de aplicação de todo esse modo de operar, emergindo, assim, os efeitos na subjetividade que todo esse mecanismo jorra e faz transbordar para o campo extra-institucional.

A atual sociedade de controle (DELEUZE, op. cit.), ampliada pelas práticas psicopolíticas neste cenário neoliberal, transformaram drasticamente as instituições disciplinares, compondo sua engrenagem alimentada pelo medo e pela impotência, onde a

energia libidinal se converte em negatividade e, agora, também em positividade e produtividade voltada para o consumo em massa.

Um dos maiores sintomas do contemporâneo se faz espelho através do cárcere. Basta fazer a simples pergunta “qual o seu grande sonho?” para aqueles que cumprem pena, e trago aqui a grande parcela dos jovens que se encontram encarcerados, para percebermos de imediato como os sonhos foram colonizados, onde o desejo se empobrece e materializa-se no consumo fugaz. Eis o desejo da máquina se fazendo realidade, eis o desejo dos humanos se perdendo antes mesmo de ter a oportunidade de criar a si para além do já dito e já configurado.

1.2 Heterogênese, uma poética da subjetividade individual, coletiva e institucional.

Seguindo, proponho o pensar sobre a possível triangulação ética presente na produção de subjetividade contemporânea a partir do pensamento de Félix Guattari em seu texto “Heterogênese” (GUATTARI, 2012). Falo triangulação por perceber claramente o entrelaçamento entre os campos coletivos, institucionais e individuais na construção de nossa subjetividade. Para sair da ideia simplista de meritocracia, de livre arbítrio e de controle total de si, precisamos compreender como essa teia se dá através da produção de afetos ativos ou passivos (ESPINOSA, 1983), já que a relação com os elementos sociais é uma das grandes fontes de criação de nossos modos de existência.

Por fim, trouxe a relação da temática mais geral com o objeto desta pesquisa, trazendo a história de Alaor Alves e Gih Trajano, dois sobreviventes do cárcere, grandes artistas que criaram a si “do lado de lá”, com os quais tive a honra de criar três produções audiovisuais.

Como a alteridade aparece em nosso contemporâneo e como o estudo e a prática da “poética” da existência pode traçar uma terceira margem para sair do campo da visualidade e podermos encarar a obscuridade, o real, pela via artística, e assim abrir um diálogo sobre e com o “Outro”? Trarei um relato de como as artes estão presentes no cárcere e como esses processos comunicam e trabalham o processo de subjetivação. Finalizo com o entrelaçamento entre produção de subjetividade e (micro) política.

1.3 Um caminhar ensaístico pelas presenças e ausências da pesquisa

Dando continuidade, abrirei espaço para falar sobre a ausência. A temática das prisões habita esta pesquisa em sentido amplo há, pelo menos, sete anos; porém, essa trajetória fora construída mais por ausências do que por presenças no cárcere. Aqui houve muito planejamento, no que a maioria foi frustrada ou redirecionada. Para onde todo esse processo levou a pesquisa?

Falarei sobre o significado da arte, que antes de tomar forma é frustrada, barrada, tornada infértil. Dias, meses, grandes períodos sem entrar “do lado de lá”. Como persistir, reinventar e renascer para que a chama do propósito não finde?

Talvez, no final deste capítulo tenha nascido não uma resposta, mas uma força propulsora para não desistir, pois não vejo a escrita desta dissertação sem passar pela temática do encarceramento do corpo em entrelace com a construção da subjetividade desta que hoje aqui escreve, tecendo reflexões e trazendo as imagens criadas ao longo desses anos. Como tudo isso cria um corpo vibrátil (ROLNIK, 2016)? Qual o poder das imagens – como é acessá-las novamente? Como estimular a visão para além da representação?

A ideia é trabalhar a partir da percepção do real que carrego, tecendo as histórias escutadas e assistidas. Como alimentar a memória das sensações? Como trabalhar de dentro para fora? Quero sentir com as palavras e construir uma superfície de intensidades e, assim, criar um fundo comum das imagens, das sensações e das palavras.

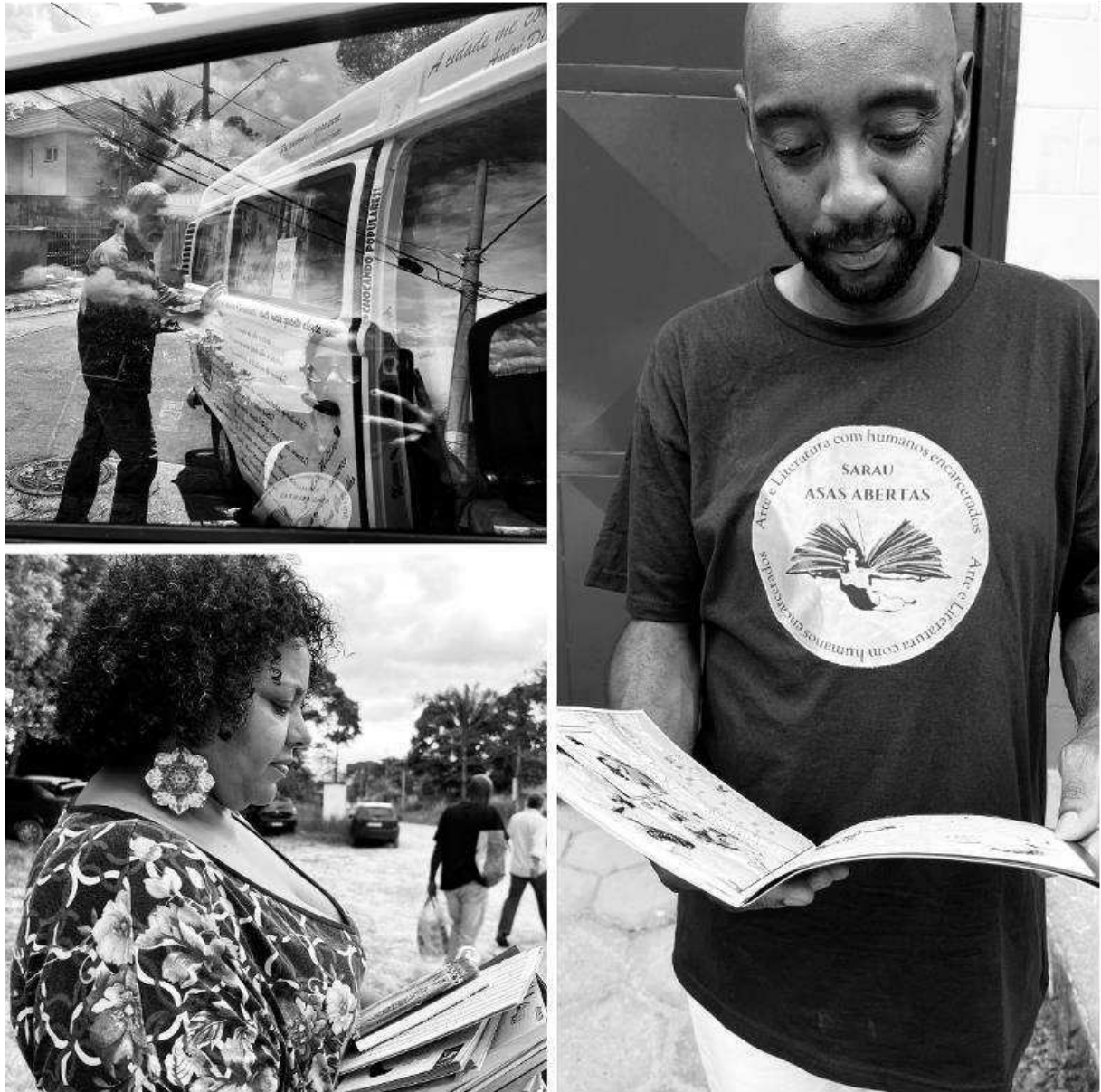
Ao longo da escrita, deixarei claro que, na verdade, não se trata de representar o real duro e material que caracteriza o cárcere, mas, antes, de produzir uma outra esfera do possível real que seja capaz de problematizá-lo.

1.4 Liberar a vida onde ela é prisioneira

Fechando esta dissertação, e não a pesquisa, voltei a escrever após quase um ano em ausência. Para um exercício de “observação de si”, passei a identificar esta metodologia que intuí nos anos em imersão na temática do cárcere dos corpos. Falei um pouco sobre este método, sobre o caminho percorrido, que fora construído à base de muita intensidade, onde afirmo ser potente e possível de ser lapidado. Percebi que tudo há necessidade de tempo e experimentação para vingar, pois é na caminhada que criamos um método, uma forma de agir, de investigar.

Da mesma forma são os afetos, as nossas pulsões, da mesma forma se faz uma cartografia. O cárcere dos corpos e toda a potência que o mergulho nesta temática tão urgente me trouxe, se faz presente neste capítulo, mas talvez de uma forma não tão óbvia. É preciso atenção para saber fazer a costura necessária em processos às vezes fragmentários, pois, para o cartógrafo, pesquisa é habitar um território existencial (ROLNIK, 2016).

Figura 5 — Sarau Asas Abertas, 2023.



Fonte: arquivo pessoal.

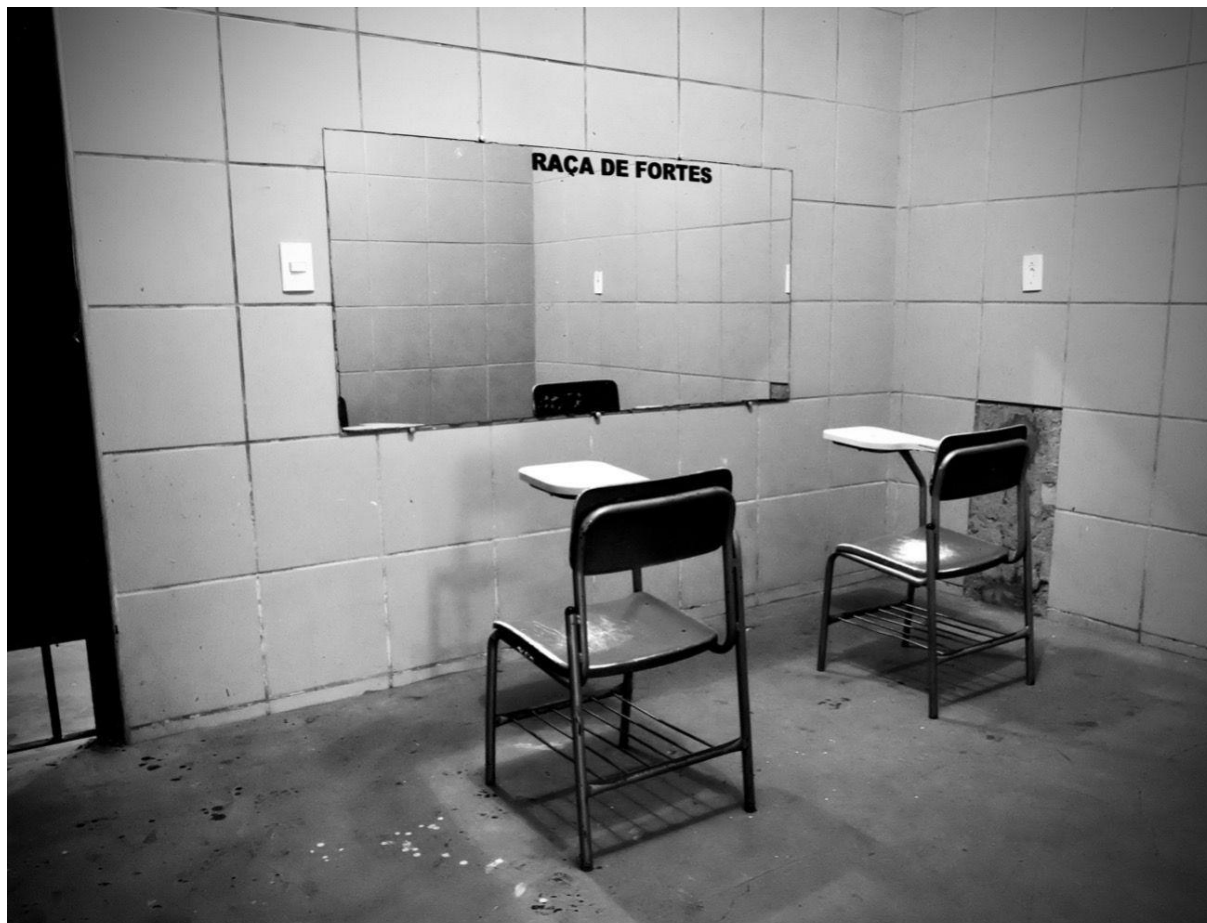
Figura 6 — Sarau Asas Abertas. 2023.



Fonte: arquivo pessoal.

2 AS INSTITUIÇÕES E SEUS AVESSOS

Figura 7 — A raça do capital. 2016



Fonte: arquivo pessoal.

Diário de bordo, 07 de junho de 2022.

Atravessada.

Completamente atravessada pelos novos acontecimentos.

Somos feitas de acontecimentos.

Eles rasgam planos, ideias pré-concebidas, ideais pré-fabricados por outrem.

Como não temer? Como não acionar o imagético colonizado pelo medo do desconhecido?

Veja, a minha dualidade mora no campo energético da prudência, da consciência e do cuidado sobre meus limites, e aqui há aquilo que denominamos de sombra, que no campo da linguagem trago como uma espécie de curiosidade absurda sobre o “infame”, sobre o não dito, sobre o obscuro, sobre tudo aquilo que está escondido para as vias da normalidade.

Vibro ao entrar em penitenciárias, mas tenha cuidado ao ler isso, pois minha vibração é muito mais complexa do que eu possa narrar.

A vibração vem de minhas camadas profundas de arrebatamento pela condição humana, a minha vibração vem da visão de meus poros, visão a respeito de tudo aquilo que não é dito, de tudo aquilo que a linguagem tapa de nosso campo de visão.

Vejo e por isso vibro.

Não vibro de sadismo.

Vibro através da visão.

Vejo.

Apenas vibro, sem nada para completar como justificativa para isso.

O que faço com o que vejo?

Vejo o que está disponível para todos, não alcanço o campo das aparições.

A minha visão vem do que está posto em nossa carne e em nossa mente coletiva, em nosso presente, em nosso passado e em nosso futuro que se constrói dia após dia.

Olha, deixa eu te contar com o que mais vibro?

É uma espécie de investigação, sabe?

Te conto para me contar.

Vibro com rituais, vibro com a noite, vibro com a madrugada que após segundos se torna dia.

Vibro com o contato com o sagrado. Vibro com livros do século XVIII, vibro com imagens de nossos antepassados. Vibro com uma filosofia que chega para rasgar toda a tradição.

Vibro profundamente com a possibilidade de dançar enquanto filmo uma vida em movimento.

Vibro com o ato do registro fotográfico de outros seres. Ah, nada mais arrebatador para mim do que a comunicação através da imagem em movimento. Acesso profundo.

Vibro com o preto e o branco em harmonia, contraste profundo em sua beleza indizível.

Vibro pela possibilidade da crítica com a arte.

Vibro quando estou imersa, sozinha, em alto mar.

Vibro com contatos amorosos profundos, com encontros arrebatadores, de entrega e harmonia em ato, mas isso é coisa rara, raríssima, talvez duas ou três vezes em toda uma existência. Será?

Vibro com a solitude, com o nomadismo de minha alma quando encontro a oportunidade de sair, de estar à deriva em terras desconhecidas. Deleite.

Vibro com músicas instrumentais que conseguem conduzir o meu corpo enquanto escrevo, enquanto danço, enquanto fotografo, enquanto vivo em Terra.

Vibro com a possibilidade de viver através da pesquisa, do audiovisual e da escrita como forma de comunicação crítica, nômade e menor do real. É possível? Estou em curso.

Vibro.

Descubro aos poucos

Que esse corpo vibra

Que aqui há vida

Que aqui há muito a ser explorado

A ser sentido

A ser pulsado

A ser honrado

A ser comunicado

A ser compartilhado

A ser amado

A ser amedrontado para ir além

A ser descoberto

A ser harmonizado

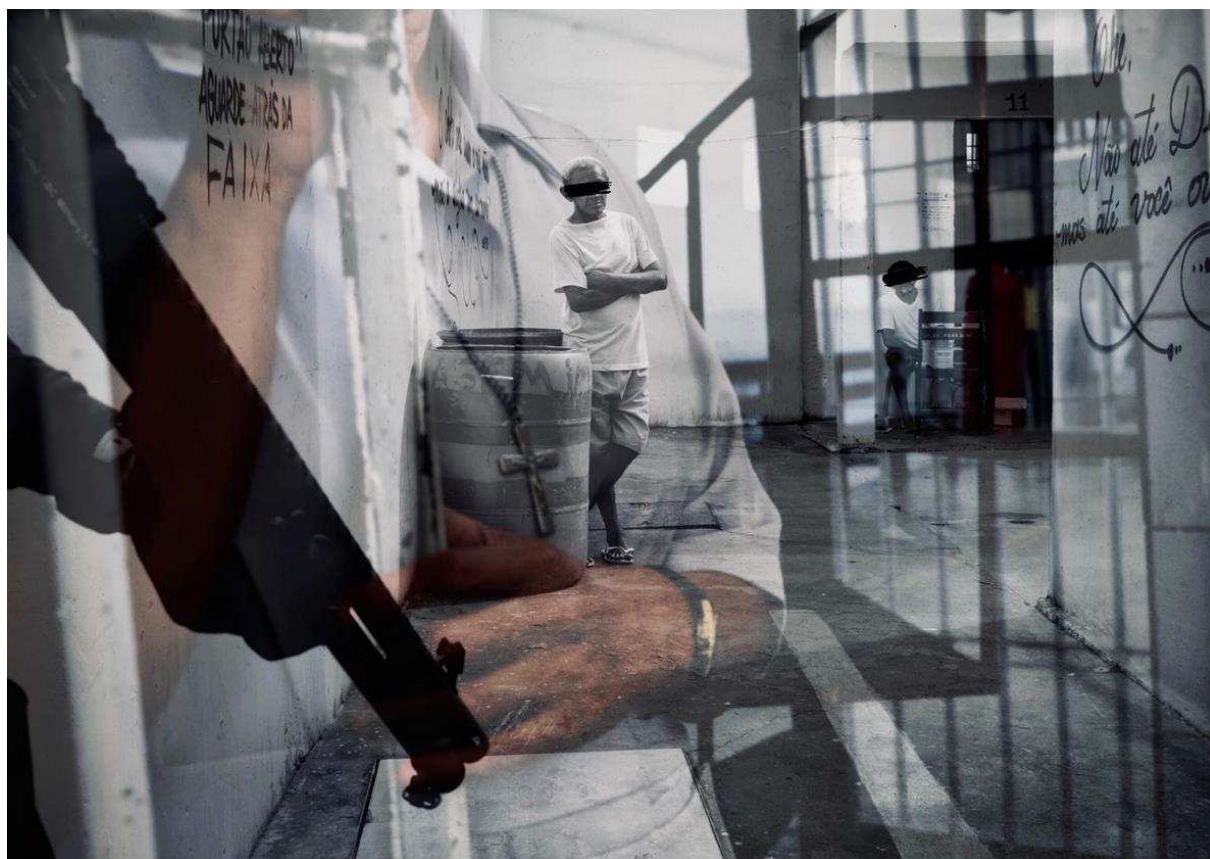
A ser meditado

A ser criado

A ser acionado

Enquanto esse corpo vibra
A alma está aqui
Pronta para a transvaloração
De todos os valores impostos
A custo de sangue, suor e sadismo
Muitas vidas foram impedidas de vibrar
Muitas vidas foram impedidas de sentirem as ondas que correm em seus corpos
Esse fato histórico que está no presente diminui minha vibração
Quero vibrar
Quero que outros corpos possam vibrar em sua plenitude
Quero o que é de direito de todos nós
Quero a dança
Eu sou tu
Quando tu vibras a partir do que tu podes sem opressão recalcada
Tu me salvas
Tu salvas a humanidade
Isso não é utopia
Isso é o que Ele escreveu em nós
Soterrado por nossa necessidade de vibrar roubando a vibração do Outro
Somos assassinos
Todos nós
Construímos as grades de nossa prisão perpétua
Temos as chaves de nossas prisões
Cuidamos tão bem delas
Ela tem um lugar especial em nossas casas
Ela dorme em nossa cama enquanto dormimos no subsolo inundado de sangue
Ancestral
Não sei o final desse conto que construímos
Mas estou aqui
Vibrando
Oscilando
Comecei esse relato em altas vibrações
Concluo em baixa dança.
Como restaurar o poder de comando sobre nossas oscilações?

Figura 8 — A cruz do cárcere. 2017



Fonte: arquivo pessoal.

2.1 O poder, seus saberes e suas verdades

A formação de uma jovem jurista, carregada de verdades normativas e dogmáticas, que paulatinamente entraram em processo de descamação das certezas que doutrinas penalistas oferecem para a construção de um belo discurso sobre o dever ser, a moral e o brilhantismo de nossas leis penais, constitui a semente que germinou nessa pesquisa acadêmica e, para além, na forma como vejo a vida. Com a aproximação com a historiografia e a filosofia de Michel Foucault (1997), ampliei minha visão para o campo da criação dos discursos de cada época, compreendendo o processo de formação das verdades jurídicas. A abertura de caminho veio com a primeira indagação: o que, de fato, acontece no campo de batalha?

Pelo modo de fazer filosofia de Foucault (op. cit.) e das camadas profundas que seus estudos me permitiram acessar, consegui redirecionar o rumo daquilo que estava trilhando. A jurista por formação hoje atua no campo criminal, mas de forma bem distinta daquilo que se espera, agora direcionando o seu foco para o estudo e a atuação nas causas relacionadas às políticas penitenciárias de nosso país, e faço esse manejo com as artes e com a filosofia – afinal, como trabalhar uma (re) subjetivação para além daquilo que os dispositivos normativos nos permitem ser?

Fazendo uma digressão para o século XVII, lembro de Espinosa (2009) pois afinal, o que pode um corpo? E expando para as perguntas: o que pode um ser humano enjaulado? O que podem os afetos daquele que ninguém vê, mas que vive e um dia retornará para o caos social o qual estamos inseridos? Há alternativa de vida para quem está do lado de lá? De que forma a genealogia de Foucault (1997) se apresenta como uma pista para darmos largada no pensamento, no questionamento e na ação sobre a nossa realidade social, que é regida pela lógica normativa e repressiva? Lógica essa que hoje nos mostra sua apropriação de nossos encontros mais genuínos, se estendendo para as relações sociais e pessoais.

Portanto, para tentar visualizar nosso cenário atual, trago um breve relato sobre como, afinal, chegamos até aqui; algo que não tem a ideia de ordenar o caos, trazendo a linearidade histórica, mas sim de tencionarmos o ontem e percebermos as táticas veladas de controle dos corpos, das mortes, das mentes e das pulsões. Em resumo, o panóptico, com o passar das décadas, só modifica sua forma de aparição.

O estudo genealógico realizado por Michel Foucault (op. cit.), sobretudo acerca do poder, da verdade e de sua relação com os saberes que fora realizado de forma aprofundada em suas obras da década de 1970, está diretamente relacionada às práticas jurídicas de cada época, embora não deva ser considerado como um filósofo do direito. Em suas tentativas de apreender

os mecanismos de atuação por meio do poder, Foucault ressalta como as regras do direito delimitam formalmente o poder, além dos efeitos de verdade que esse poder produz, conduz e reconduz, havendo um triângulo nessa relação entre poder, direito e verdade.

As conferências ministradas na PUC-RJ, com o título “A verdade e as formas jurídicas”, seus cursos no Collège de France, ministrados em 1971 e 1973, intitulados “Aulas sobre a vontade de saber” e “A sociedade punitiva” são algumas das obras fundamentais para a devida compreensão do problema o qual o ponto de partida será a crítica à colocação do sujeito como uma instância essencial, preexistente e situado acima da realidade e das instituições que o cercam.

O *status* essencial e absoluto dado ao sujeito de conhecimento e o fundamento racional da verdade e do saber são colocados em questão pela tese de Nietzsche (1998) que Foucault (1997) se utiliza como ponto de partida para situar o direito como uma série de práticas sociais existentes que constituem verdades ritualizadas e tipos de sujeitos de conhecimento. Ou seja: o supracitado autor demonstra que, ao contrário do senso comum, o sujeito não é um dado essencial que chega ao conhecimento único e absoluto pela via de uma dialética ascensional, mas sim um sujeito estabelecido pelas relações de poder que se constituem em suas práticas sociais imanentes.

Figura 9 — As mães do cárcere. 2016



Fonte: arquivo pessoal.

2.2 Vidas infames, vidas outras

Michel Foucault (1997, 2006) aparece aqui como uma base teórica importante, que contribuiu para problematizar minha pesquisa de base - o que resultou em diversas ramificações, trazendo a percepção da estrita relação entre discurso e poder, conceitos fundamentais que aparecem no período genealógico de seus estudos, nos quais afirma que “esses discursos realmente atravessaram vidas; essas existências foram efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras” (FOUCAULT, 2006, p. 207).

Em Foucault (1997), também há o pensamento de interesse por aqueles que foram excluídos, invisibilizados, como uma forma de dar destaque às vidas obscurecidas que apenas foram iluminadas quando colocadas como alvos de discursos disciplinares, “reformadores” e que as tratam como objetos condenáveis para corroborar e justificar saberes articulados com modelos normatizados de pensamento e conduta. O artigo intitulado “A vida dos homens infames” (FOUCAULT, op. cit.) é uma espécie de antologia, que fala sobre homens e mulheres infames desaparecidos na história: os loucos, os leprosos, os criminosos, os homossexuais, os anormais, os doentes, ou seja, os ignorados, invisíveis, ou esquecidos no tempo.

De que forma realizar o estudo aprofundado da genealogia em Foucault (1997), principalmente no que se refere à história das vidas tidas como infames, e indagar-se como fazer um uso potente e criativo de fontes históricas e criar uma antologia das vidas tidas como infames hoje? A ideia inicial veio com a possibilidade de ir além, de continuar esses estudos por meio de outras vidas e por meio agora das artes. A objeção aqui é justamente o alcance que ele teve ao fazer essa antologia daquela época, pois hoje se pode criar e pensar tais vidas de forma diferente, trazendo a experiência de forma mais real, nítida, concreta. Como a criação de subjetivações se fecundam no processo de viver?

Foucault (op. cit.) era um pensador dos modos de subjetivação e não um mero teórico do poder, e trago essa ressalva porque a temática da produção de subjetivações está como base de meus estudos, portanto me interessa aqui entender como se articula essa relação entre saber e poder na produção de subjetividades, já que, para Foucault (1997, 2006), poder produz subjetivações, afirmando que “os poderes são produtores de produtos, são máquinas de produzir” em uma conferência na Universidade Federal da Bahia (UFBA), intitulada “As malhas do poder”, nos mostrando como operam os conjuntos de técnicas, aparecendo como efeito das relações de força, clareando nossa visão para as estratégias produzidas a cada instante que aparecem em relações móveis e desiguais.

Agora volto a atenção para a necessidade de percorrer a sua fase genealógica, fazendo uma espécie de genealogia das estratégias punitivas/jurídicas e início com o poder soberano, explícito no decorrer da idade média, com sua característica principal no campo da proibição por meio das práticas penais antes da estruturação do Estado e da centralização da soberania nesta entidade.

Aqui, havia a figura dos suplícios e das práticas que exerciam a legitimidade do fazer morrer ou deixar viver, a depender das condutas de cada um, onde o soberano aparece de forma vertical e externa. Como um exemplo ilustrativo, temos a clássica narrativa no início de “Vigiar e punir” (FOUCAULT, 2014), com a dilaceração do corpo de Robert Damiens em praça pública pela tentativa de assassinato de Luiz XV, dando espaço para táticas do espetáculo e de penas extremamente dolorosas. Ou seja: aqui almejava-se produzir súditos a partir da lei, proibindo e permitindo determinadas condutas.

Já o poder disciplinar chega com as suas características de prescrição e comportamento, aparecendo com o desenvolvimento das práticas jurídicas presentes nos processos disciplinares, surgindo de forma difusa na figura do Estado e através dos regimes de saber modernos (criminologia, psiquiatria, ciências sociais), constituindo o modo como a sociedade moderna operará o poder disciplinar, identificando os sujeitos que aparecem como inimigos internos (os anormais, criminosos, vagabundos), devendo, assim, serem normalizados em nome de um padrão normativo científico, estabelecido em nome de um discurso de defesa social. Tempo de ascensão das correções pelas instituições, uma espécie de ortopedia moral para a transformação do homem e de suas condutas, para transformá-los em corpos dóceis, transformar os tais “vagabundos em trabalhadores e agricultores em soldados”, onde há a legitimação para o nascimento das prisões, onde o micropoder das sanções institucionais aparece como um exemplo de atuação das práticas jurídicas, área que legitima práticas sociais específicas e saberes.

Em “A sociedade punitiva” Foucault (2017) nos diz: “na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento” (FOUCAULT, op. cit., p. 113).

Prosseguindo, vemos a passagem do corpo individual para o populacional; digamos “corpo população”, na forma central de atuação do poder, como um conjunto de processos biológicos governáveis por meio da natalidade, da criminalidade ou mortalidade. Percebe-se aqui como as formas de governo articulam este papel de deixar tais processos dentro de uma margem da normalidade, produzindo processos desejáveis e minimizando os indesejáveis (ou

seja, a mentalidade de governo passa a se articular com formas de saber oriundas da economia política e das doutrinas liberais). Aqui, o direito atua por meio de estratégias que viabilizem certos "discursos de segurança" à população, como o meio da via judicial.

Nesse panorama, o estado securitário inaugura a biopolítica das populações. Através das práticas de regulação fica nítido como funciona a produção de subjetividades com o humano visto como uma espécie biológica. Ajustados às expectativas sociais, a governamentalidade surge (com a triangulação de alvo, saberes e técnica), reforçando suas ideias de normalização, suas estatísticas, seus mecanismos de segurança e a minuciosa divisão do espaço urbano. Ou seja: uma população estruturada pelo poder econômico e controlada pelos novos dispositivos de segurança, no campo penal e fora dele. Nascimento de uma biopolítica que aparece hoje como uma tanatopolítica (AGAMBEN, 2002) quando se fala em uma nova economia da punição ou até mesmo uma somatopolítica neoliberal numa espécie de devir-negro do mundo (MBEMBE, 2018).

O "fazer morrer", existente desde a Idade Média, se fortalece com as táticas de "deixar morrer", algo completamente visível no século XXI, através das políticas da morte de corpos etiquetados como descartáveis. Bem, em pensamento atento, percebe-se que essas estratégias de controle operam a céu aberto em periferias e em zonas de conflitos, a depender da localidade. Portanto, a lógica da segurança como estratégia eficaz para o controle criminal é abraçada pelo poder judiciário e por seus dispositivos de amparo. A lei, aqui, aparece como tática.

Importante ressaltar que essas estratégias se mesclam e se retroalimentam. No sistema jurídico arcaico, tínhamos a presença de aspectos disciplinares, já que a lei do suplício acarretava adestramento e correção forçada para a sociedade. Um roubo que resultasse em uma pena de morte, estaria, paulatinamente, também implementando os mecanismos de segurança. Já quando falamos no sistema disciplinar, com seus códigos jurídicos bem definidos, as táticas securitárias também se faziam presentes, pois as estratégias de correção e de punição se distinguiam a depender do risco de reincidência e periculosidade.

Nesse sentido, no cenário contemporâneo, todo o sistema de segurança está amparado por medidas legislativas que se retroalimentam, tornando-se cada vez mais infladas, onde o pensamento e o agir securitário fortalece também o *corpus* disciplinar. Ou seja, são estratégias interligadas, sem espaço para pensarmos somente numa "era securitária". Conforme salientou Foucault (2017), o que cabe perceber é qual sistema de correção que se estabelece de forma dominante, a depender do contexto.

Tendo em vista que as práticas soberanas e disciplinares persistem, há uma necessidade atual de aprofundamento sobre a maneira como certos discursos ocuparam seu lugar. Nessa direção, estou em processo de investigação sobre os atuais dispositivos que atuam diretamente em regime de poder-saber que incide sobre a população. Tema atual e relevante, no qual o conjunto social se rearranja com as grandes cidades de alta densidade demográfica, emergindo a política dos corpos da população.

Mesmo que o cenário do século XXI apareça com estratégias mais refinadas e até imperceptíveis, como as recentes ideias de psicopolítica, sociedade do cansaço e empreendedorismo de si, vindas do filósofo sul-coreano Byung Chul Han (2018) e demais autores da atualidade, se faz necessária uma análise, por meio de uma espécie de filosofia da diferença, dos efeitos globais desde o nascimento da biopolítica, examinando, principalmente, o deslocamento do “direito de vida e morte” e a emergência dos saberes que governam a vida.

2.2.1 Abordagens contemporâneas em repetir–resistir–revalorar

Como pensar o biopoder a partir de uma lógica decolonial? Indo além, como atualizarmos toda essa trama? A política de morte, ou necropolítica, termo criado por Achille Mbembe (2018), filósofo e historiador camaronês, deve se fazer presente neste trabalho, mesmo que de forma breve. Breve porque mesmo esta sendo uma pesquisa que visa, que busca, que investiga linhas de fuga para encontrar a pulsão de vida em cárcere (como resistir?), há a necessidade de se falar sobre a pulsão de morte, pois é ela que nos trouxe até aqui, é esta pulsão que ocupa as instituições carcerárias.

Afinal, o que são as nossas prisões? Espaços criados para aniquilar qualquer tipo de subjetividade. Mas, de forma objetiva, elas são feitas para os seres humanos que escaparam (vivos) da guerra declarada em nossos becos e vielas. Guerra contra o preto, o pobre, o favelado. Guerra contra a preta, a pobre, a favelada. O destino deles e delas, geralmente é lá, é entre as grades frias de uma prisão – e não estou, mais uma vez, romantizando ou generalizando. Basta fazer uma visita aos nossos amigos, às nossas amigas em cárcere. Ou seja: há esperança para o destino das pessoas pretas, pobres que habitam a favela?

Repetição.

Importante frisar que “Necropolítica” (MBEMBE, op. cit.) foi escrito poucos anos após os ataques às Torres Gêmeas, em Nova York. A famosa “guerra ao terror” pode se assemelhar à “guerra às drogas” brasileira? Enfim, essa guerra contra o “inimigo” justifica todos os meios e níveis de violência para salvaguardar valores conservadores ocidentais e cristãos, o que, quase por consequência, traz valores das democracias liberais. Estamos muito bem ambientados nesse cenário. Mbembe (2018) nos permite chegar à conclusão de que a política é uma forma de guerra.

Em Necropolítica (MBEMBE, op. cit.), vemos com clareza as três atuais estruturas de poder: a soberania, a biopolítica e o estado de exceção sendo bases para o cenário catastrófico da política de encarceramento em massa, visando aniquilar comunidades, culturas e classes específicas da sociedade, isto é, todos aqueles considerados descartáveis pela lógica do poder vigente.

As palavras de Bertold Brecht (1898 - 1956) não poderiam ser mais atuais: “há muitas maneiras de matar uma pessoa. Cravando um punhal, tirando o pão, não tratando a sua doença, condenando à miséria, fazendo trabalhar até arrebentar, impelindo ao suicídio, enviando para a guerra etc.” (BRECHT apud LIMA; PAZ, 2021).

Corpo, morte e vida. Essas três palavras ganham sentido juntas, pois se orquestram para contar a história dos modos de exercício do poder. Aqui há o biopoder defendido por Foucault (2017), mas não se limita a ele; há algo que precisamos enxergar pelas frestas: a necropolítica, a política de morte operante no século XXI, por meio de nossa realidade ainda colonial, escravocrata e opressora, nos mostrando uma nova configuração do biopoder, de Estado, de exceção e de soberania permanentes, que irão fortalecer e até legalizar as políticas de extermínio chanceladas pelo controle biológico, social, cultural, político e econômico das vidas, reafirmando a lógica racista e colonial histórica (FOUCAULT, op. cit.).

O campo de concentração se prolonga no tempo e no espaço, atinge outras nacionalidades. Violência soberana e destruição se mesclam, se afirmando em união nos dias atuais. Abrindo espaço para Giorgio Agamben (2002), vemos que o “estado de exceção” ultrapassa a ideia de que ele existe apenas em situações emergenciais de interrupção provisória do Estado de Direito. O paradigma do governo se estabelece com a constituição de uma “terra de ninguém” ou uma “zona incerta”. Neste espaço ácido habitado pelo “desejo de *apartheid*” ou “desejo de inimigo”, pela “fantasia do extermínio”, encontramos espaços de completa e constante colonização. Enfim, esse cenário surge como um espelho brasileiro, um reflexo de nossa realidade segregadora, racista e classista, que direciona pessoas e culturas específicas para a clausura.

Mbembe (2018) nos permite pensar mais a fundo sobre o nascedouro dos campos de concentração - o que não o nega, mas afirma que há acontecimentos antecessores que foram esquecidos quando narrados os dispositivos biopolíticos do século XXI. A colonização e suas práticas escravagistas precisam de destaque e o autor afirma que “qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica” (MBEMBE, op. cit., p. 27).

Resistir.

Diante deste cenário, afirmo que o caminho artístico de diversos artistas negros e negras é uma das maiores e mais potentes formas políticas de resistência, de criação de subjetividades que rasgam a pele eurocêntrica alinhavada em seus corpos. Como suas obras, abre-se um caminho que somente a arte consegue trilhar. A alteridade passa a acontecer para quem se permite enxergar o grito de “basta”.

Grada Kilomba (2019) afirma que “a ideia de que se tem de escrever, quase como uma obrigação moral, incorpora a crença de que a história pode ser interrompida, apropriada e transformada por meio da prática artística e literária” (KILOMBA, op. cit., p. 27).

Compartilho de seu pensamento, pois esta pesquisa foi escrita pela fé de que a arte é o caminho que temos para criarmos novos futuros, onde cada um pode encontrar sua expressão, sua causa, seu pulsar mais genuíno para se fazer vivo, para se fazer visto e para simplesmente fazer a sua vida valer a pena para si. Arte aqui surge não como cura, mas como encontro, como direito, como afirmação de si e de sua história, de seu povo, de sua subjetividade possível.

Arte como recriação decolonial da memória.

Revalorar.

Como transformar a realidade? Olho para trás, olho para frente, olho para o presente. O que vejo? Narro para mim, narro para os meus. Escuto relatos nas prisões, com as prisões. Assisto ao noticiário, deslizo o dedo pelas redes sociais, saio à rua, vou ao bar, bebo uma cerveja, converso com desconhecidos, escuto suas memórias. Assisto a aulas, estudo os pensadores, as pensadoras. Vejo a vida acontecer. Participo da vida que acontece. Assim, passo a narrar o viver, transformo o que pode ser dito.

Sei que corro o risco de ser (quase) repetitiva em minhas palavras. Quase. Pois em toda repetição pode haver uma transgressão molecular, já que repito a fala com outras palavras e, aos poucos, a ideia vai se reformulando - uma alquimia traz o novo possível. Pois bem, repito que nas atividades artísticas em cárcere há puramente a possibilidade de abrir espaço para a produção de outras subjetividades antes inimaginadas, agora preenchidas de vida presente, por

tanta insistência para encontrarem a pulsão perdida. As atividades em cárcere produzem a cada minuto um sujeito político ativo no mundo.

Quero abrir espaço para fabular com um potente artista brasileiro que, por conhecer a realidade dos becos e das vielas, por viver em sua pele, também através da pele de seus ancestrais, a violência policial e estatal em todas suas camadas. Tem muito vibrar, a nos fazer acordar, com a sua arte, desempenhando um papel social de tanta força que abre espaço para afetar quem esteja disposto a enxergar.

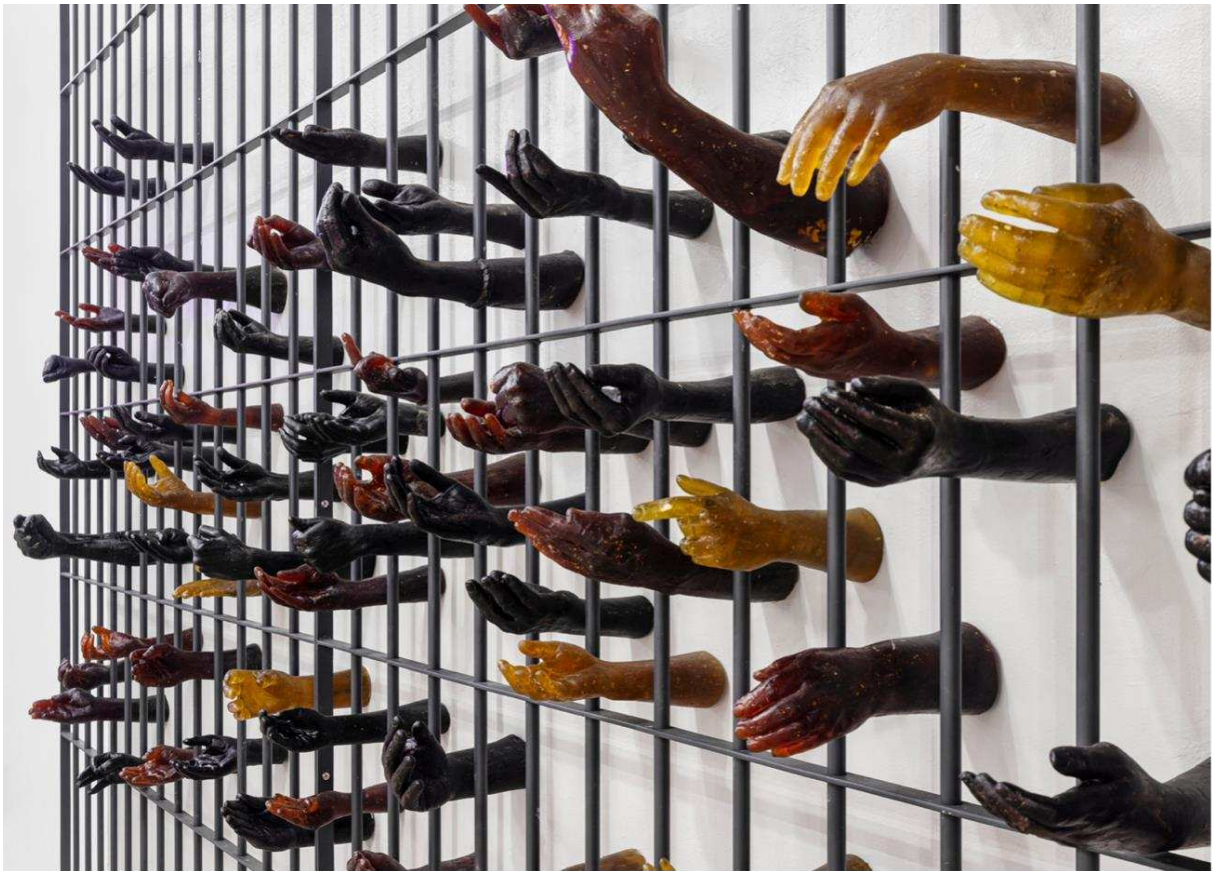
No Martins, artista brasileiro, paulista, nascido em 1987, aos 16 anos conheceu as artes pela e com a rua, começou com o *píxo* e o grafite, não parando por aí. Por ter sido afetado pela potência transformativa das artes, prosseguiu, conheceu novas linguagens, frequentou ateliês e se licenciou em História e Artes Visuais. No Martins é um caso que precisa aparecer nesta dissertação porque a força de seus afetos é uma força que resiste, que grita por milhões que hoje estão enclausurados.

Figura 10 — Memorial às mais de 111 vidas. Vidro, grade de ferro e vidro 300 x 630cm.



Fonte: fotografia de Filipe Berndt. Disponível em: <https://millan.art/artistas/no-martins/millan.art>

Figura 11 — Memorial às mais de 111 vidas. Vidro, grade de ferro e vidro, 300 x 630cm.



Fonte: fotografia de Filipe Berndt. Disponível em: <https://millan.art/artistas/no-martins/millan.art>

Em sua crítica artística e em outros trabalhos contemporâneos que vejo revolucionar a maneira como se faz política e arte em nosso país, não há uma promessa de um “país do futuro” ou de uma salvação por suas imagens: pelo contrário: nelas podemos encontrar uma espécie de criação de memória testemunhal, podendo revisitar o passado, acender uma lamparina em fatos históricos responsáveis por tanta dor e clausura para nos fazer sentir e perceber nosso sistema de dominação que acontece no presente.

A exemplo das criações de No Martins, percebe-se que há ali a oportunidade de plantação de ações micropolíticas pautadas na ética e nas relações. O preto que pinta a sua história com suas lentes abre caminhos para novos dispositivos artísticos disponíveis para a solidariedade.

Figura 12 — Entre o martelo e a bigorna, 2019. Bigorna de ferro, vidro e martelo de juiz. Dimensões variáveis.



Fonte: fotografia de Júlia Thompson. Disponível em: <https://millan.art/artistas/no-martins/millan.art>

Figura 13 — Vigiante e Punir (2020), No Martins na Galeria Jack Bell.



Fonte: divulgação/Groisman.

Figura 14 — Campo Minado (2019), No Martins na Galeria Jack Bell.



Fonte: Groisman.

Em entrevista para a revista Arte! Brasileiros (2020), No Martins afirma que

[...] Na maioria das vezes, os primeiros contatos com a violência policial na periferia acontecem no período da adolescência, período escolar. Se fizermos uma visita à Fundação Casa, com certeza não vamos encontrar nenhum menor interno nascido e criado no Jardim Europa, por exemplo, ou seja, o abuso de poder é destinado a uma parte específica da população, e esta deve participar desses debates.

Ademais, Miguel Groisman (2020), em entrevista a No Martins, nos traz sua visão de que

[...] Esse conceito de “direito de matar” foi implantado forçadamente na consciência da população que sofre diretamente com isso. Ele exemplifica a questão utilizando a frase “bandido bom é bandido morto”, que se tornou “uma ferramenta muito eficiente para o extermínio da população pobre e preta: nas reportagens de TV e em programas sensacionalistas ouvimos repetidamente a desculpa de que pessoas são mortas por terem passagem na polícia, ou por terem envolvimento com o tráfico de drogas”.

Aqui vemos toda a teoria de “Necropolítica” (MBEMBE, 2018) sendo aplicada ao cenário brasileiro, onde o projeto da soberania contemporânea visa a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações.

Figura 15 — SENHORA INJUSTIÇA, 2017. Tinta acrílica, *spray*, colagem e fotografia sobre painel, 120 x 210



Fonte: No Martins.

Figura 16 — Sem título (2019), No Martins.



Fonte: Groisman. Disponível em: <https://artebrasileros.com.br/arte/exposicoes/no-martins-individual-social-signs/>

O que um “retrato policial” pode nos contar? Um policial de pés descalços. Reflito. Um policial preto de pés descalços. Resquícios da escravidão, um soldado fardado, identificado, armado. Quando se encontra na função é um, quando tira seus trajes, outro. Mas nunca sem os pés descalços.

É preciso emancipar a negritude dos modos de conhecer científicos e históricos que a criaram. Dada a natureza semiótica da racialidade-colonialidade, não é de surpreender que a arte desempenha um papel central neste rompimento categórico com a representação que ordena o pensamento moderno (COSTA; GREINER, 2020, p. 17).

Nesse sentido, o poético, a arte, a sensibilidade, quando se faz micropolítica em seus atos, em sua existência, há uma verdadeira “experiência política do sensível ou experiência sensível do político” (RANCIÈRE, 2017, p. 121), algo que sabemos não ser o suficiente para estancar a necropolítica à brasileira que assola nossas periferias. Mas, sinceramente, mesmo não gostando da palavra “esperança”, vou pegá-la emprestada, para dizer que as artes são pontes de esperança para que possamos recuperar a respiração, a visão, a lembrança.

A arte, em suas inúmeras formas de manifestação, não serve para nada, mas existe e com sua existência pessoas ressurgem, comunidades passam a operar em união, mesmo diante da desgraça, artistas saem das prisões, artistas deixam de ir para as prisões. Com a arte, o tempo deixa de ser apenas cronos, o tempo deixa de ser ditado pela televisão, pelo relógio no pulso. O tempo da arte é outro, nos desloca, nos faz retornar mais atentos, mais presentes. Ou deveria ser assim. Arte que recupera a pulsão de vida, que devolve a pulsão de morte para o seu lugar, esta arte é a que me interessa. Essa que acredito ser uma potente micropolítica do século XXI.

Resistência.

2.2.2 Como as artes podem desempenhar um papel de “contraconduta”?

Como esse cenário relaciona-se com as tecnologias biopolíticas, com a sua lógica de produção, e qual a relação com o direito e suas condutas? A proposta dessa reflexão se faz em uma realidade complexa, pois as práticas jurídicas se articulam em diferentes níveis - desde a camada global do poder, cujos princípios jurídicos-soberanos universais continuam a vigorar

e a gerar efeitos, muitas vezes apenas aparentemente democráticos, como é o caso da dignidade humana expressamente exposta em nossa Carta Maior.

Já na camada das estratégias de segurança locais, as práticas jurídicas/punitivas continuam presentes, mas com outras formações pautadas na norma, como nas estatísticas criminais, algo já normalizado sem haver a preocupação efetiva e real com a erradicação de crimes, afinal, se pensarmos em sistema penitenciário, esse dispositivo nasceu em crise e se mantém nela, como uma característica fundamental para preservar-se em funcionamento.

A noção das “contracondutas”, uma espécie de resistência estabelecida por Foucault (2017), contribui para a reflexão crítica do que seria lutar por direitos para além da luta absoluta pelos direitos humanos ou pelo direito dos governados. Na visão foucaultiana, na verdade, devemos atentar para a defesa de um direito que não se confunde com as práticas jurídicas, mas, na direção oposta, podemos pensar no direito de lutar, de resistir e de insurgir contra, de transgredir uma ordem imposta por uma modalidade cristalizada de governo, e podemos ir na contramão do discurso dominante por meio de práticas micropolíticas.

Resistência essa que não é contra o direito exatamente, mas que tencione um determinado modo de funcionamento do poder que atua com a intenção de governar individualidades e todo o corpo social. A reação que entra em atrito com essas condutas adotadas, vem como forma de não admissão da sociedade em ser governada de uma maneira específica, por meio dos procedimentos adotados historicamente, apenas atualizados para as novas moralidades (FOUCAULT, op. cit.). Portanto, estamos falando aqui sobre resistência e transformação que passa por uma ação contrária e uma certa oposição ao governo das individualidades, e não a luta por novas leis.

O problema central está, primeiramente, em entender como e por quais dispositivos somos dominados, já que o discurso jurídico é uma espécie de força para fortalecer a atuação do poder (nem sempre opressor) e a criação de verdades dominantes. Aqui está a necessidade e a problematização de pensar com e para além do direito, para uma compreensão de como e porque se pune na modernidade por meio das novas estratégias da razão punitiva.

Nesse sentido, entender esses modos de funcionamento de poderes tem um papel importante no direcionamento das ações, para que se tenha uma real insurreição dos saberes sujeitos.

Por fim, resta a indagação de como as contribuições de um mapeamento artístico, que se cria pela cartografia de todas essas vivências, a partir da escuta, da fotografia e da experimentação da realidade ao lado de pessoas que estão encarceradas, poderiam induzir um posicionamento crítico em direção aos afetos. Posicionamento que é considerado como aquele

que gera um impulso de abandono dos significados existentes quando se pensa em prisões para alcançar novos afetos, fazer emergir novos sentidos e sensíveis, a partir de formas criativas de lidar com o que acontece a si, o que aproxima esse projeto da noção de produção artística defendida por Gilles Deleuze (1997).

A ideia de cartografia dos afetos no cárcere explora a transdisciplinaridade nas áreas do direito, das artes, da literatura, da filosofia, da história e da antropologia. Essas disciplinas são potências isoladas que ocupam campos de conhecimento distintos, mas que por vezes se tocam e se fundem em um território. A esse território híbrido propõe-se dar o nome de cartografia dos afetos no cárcere, em fluxo. Projeto esse que já desenvolvo em algumas unidades prisionais e socioeducativas de São Paulo/SP.

Dessa forma, esse projeto passa a ser analisado como um modo de pesquisa cartográfica, procurando entender a complexidade espacial do mundo de maneira específica. O cerne dessa discussão passa pela questão de base desta pesquisa: de que agenciamentos o afeto é capaz a partir de uma cartografia em prisões?

Para alcançar essa perspectiva que pretende entender a arte como um fazer ativo, micropolítico e potente de criação de novas redes de afetos como parte de uma ordem do sensível, linhas de especulações são propostas e, dentro delas, muitos conceitos são criados. Me interessa aqui esmiuçar e somar a outras teorias, algumas ideias propostas sobre o fazer cartográfico como um espaço de iniciação ao exercício do pensamento como produção, sobretudo a ideia de cartografia sentimental proposta por Suely Rolnik (2007):

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência...até os fantasmas, inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não (ROLNIK, op. cit., p. 68).

Aproveito a temática da cartografia para expressar brevemente a minha alegria em ter aprofundado o seu conceito e a sua prática durante o ano de 2022, no mestrado em Artes (PPGARTES - ICA/UFC). No decorrer da disciplina de Seminário de Pesquisa em Artes, ministrada pelas professoras Deisimer Gorczewski e Thereza Rocha, criei uma videoarte, como uma linguagem de expressão sobre o fazer cartográfico, após a leitura do artigo de Luciano Bedin da Costa (2020) intitulado “A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa”.

Ressalto que essa criação só foi possível ser imaginada e concretizada após o envio da turma para o nosso grupo de seminário sobre o que cartografar suscita em cada um e em cada uma, criando uma espécie de poema coletivo, no qual pude incorporar pela primeira vez o espírito da prática cartográfica, tanto através desse coro coletivo, como pela busca em meus arquivos pessoais de vídeos criados em outras localidades e temporalidades. É exatamente essa forma de tecer criações que busco para comunicar sobre minhas pesquisas em curso.

Abaixo, disponibilizo o QR Code para acesso à criação “Cartografia”:



Videoarte “Cartografia”, de Beatriz Nogueira, 2022.

A cartografia aparece como algo diferente do mapa: enquanto este representa “um todo estático”, a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2007, p. 23). Assim, o papel do cartógrafo “é dar língua para afetos que pedem passagem (...). O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago” (ROLNIK, 1987, p. 23), que captura, devora e dá sentido aos movimentos de intensidades/sensações dos desejos, aos modos de vivências e de afetos que surgem e deslizam em seu plano afetivo e em seu entorno, alimentando-se de diferentes linguagens.

É antropófago³ também por aproveitar as referências teóricas do seu repertório, transformando-as em devir, sem desprezar outras “matérias de qualquer procedência (...) sem racismo de frequência, linguagem e estilo” (ROLNIK, op. cit., p. 24). Portanto, há flexibilidade no devorar, experimentar, improvisar, construir e criar a cartografia, baseando-se “nas urgências indicadas pelas sensações, ou seja, os sinais da presença do outro [no] corpo vibrátil” (ROLNIK, 2016, p. 20). Corpo vibrátil é a capacidade que nossos órgãos de sentidos têm de atuarem em conjunto e que nos permite

³ A antropofagia entendida como uma forma de subjetivação, caracterizada “pela ausência de identificação absoluta e estável com qualquer repertório, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridização, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar novos territórios e suas respectivas cartografias” (ROLNIK, 2007, p. 19).

[...] Apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se assim, parte de nós mesmos (ROLNIK, op. cit., p. 12).

Ademais, venho trazer a escrita encarnada nesse processo a partir da vivência como alguém de “fora”, memorando tantos momentos ao lado de vidas taxadas como infames. As artes e suas ramificações se tornam meu maior objeto crítico e reflexivo, indo contra o processo atual de espetacularização, de aceitação pura e simples do que a mídia nos entrega, com cautela e crítica para se interpretar e analisar. Ou seja: se pensarmos por uma via oposta ao que conta a ordem do discurso dominante, o que essas vidas “banais” nos contam? Como podemos debater e pensar soluções jurídicas, educacionais, sociais e filosóficas para o problema do cárcere em massa brasileiro, para além do direito positivo puro, o qual já demonstraram total fracasso na modificação de condutas?

Essa pesquisa tem um objetivo final e está na fabulação, criação e ampliação da voz e da imagem das vidas de homens e mulheres tidos pelo senso comum como “infames”, expansão essa que vem com a pesquisa atenta e consciente, trazendo, com a maior qualidade possível, o exercício de reconhecimento do *conatus* (ESPINOSA, 1983) individual como potência de subjetivação ativa, mesmo que essas vidas estejam, ainda, com seus corpos encarcerados. A ideia é que essas vidas aprisionadas possam ser tratadas com a atenção devida e, assim, refletidas pela academia e pela sociedade extramuros, cedendo, agora, um olhar atento às vidas obscurecidas que se encontram encarceradas.

Figura 17 — Os olhos do mundo.



Fonte: arquivo pessoal.

3 O OUTRO

“Se estou condenado, não estou
somente condenado à morte, mas
também a defender-me até a
morte”. (Kafka)

data . . .

S T Q Q S S D

Posso ou não posso, faço ou não faço.

Me lembro de algo sobre lágrimas de um palhaço

Sigo, não sigo,

me adianto, avanço, regredo,

vou e volto.

A batalha não para e as vezes me revolto.

A vida bate, esmaga e tão cansado estou,

mas não posso parar

enquanto não me encontrar

e descobrir quem realmente sou

As vezes eu me pergunto: Que sentido isto tem?

Eu aqui lutando enquanto a dama não vem

Por que isso tudo? De que me adianta?

E a vida me diz: Começou outro dia, vai, levanta

Desistir? Não quero, não posso, não vou

Triste guerreiro, levanta de al e verdadeiro,

que outro dia já começou.

Um cético ou patético, sensível ou louco

As forças me faltam e pra cair falta pouco.

Limpa as feridas guerreiro, sei que é voraz

A vida sacode

da forma que pode.

Vai poeta, segue adiante e não olhe pra trás

O que passou, passou e não dá pra voltar

Segue, segue que ainda é longo o seu caminho

Não, não vida, eu quero parar.

Então ela diz: Não guerreiro, não pode

Não pode pois este não é seu lugar

Eu sei que sou difícil, e as vezes sou dura

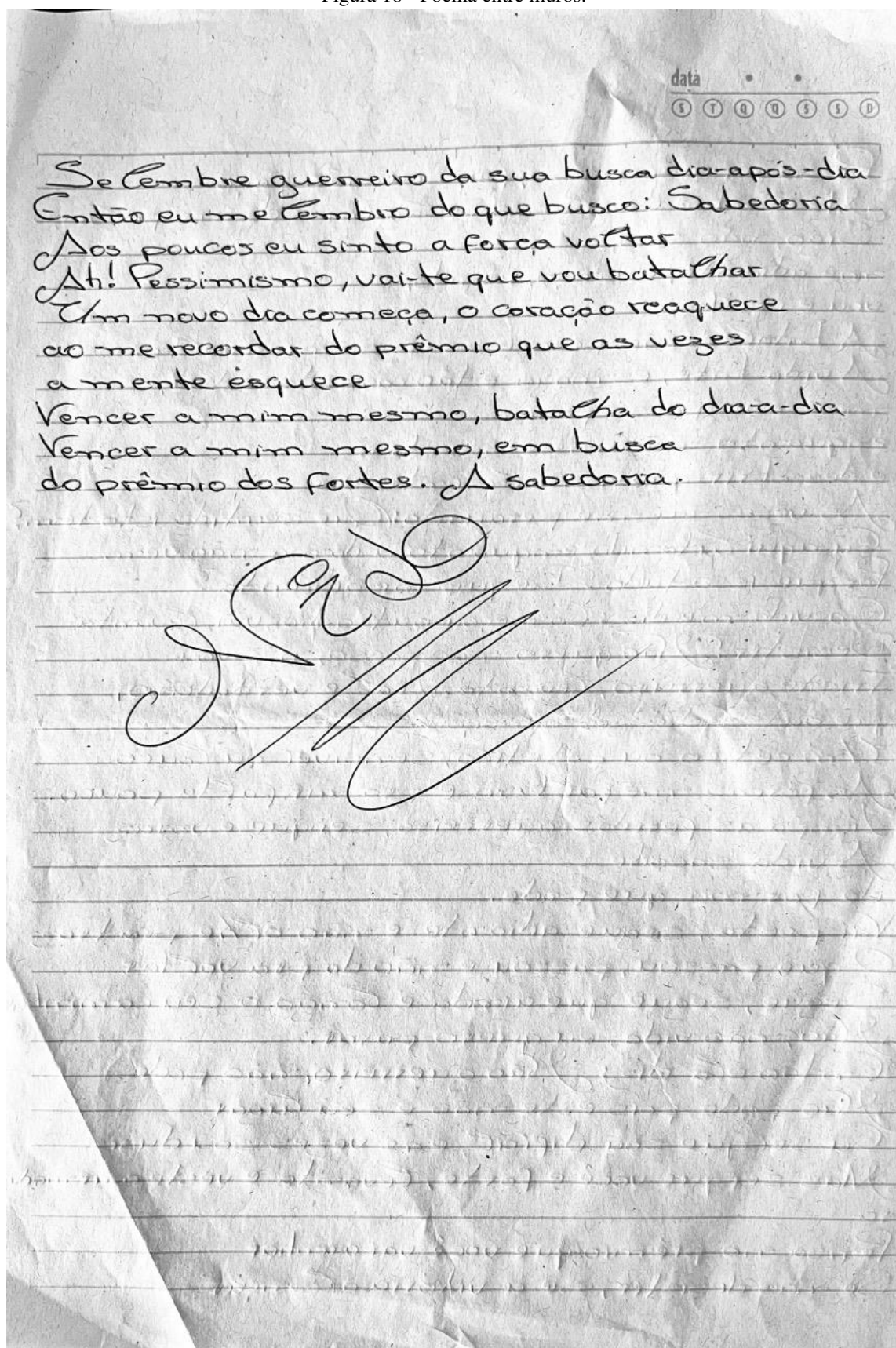
Mas sei que você é forte, levanta e veste a armad

ra

Pensa no prêmio que você vai ganhar

Se não desistir, se a vitória alcançar

Figura 18 - Poema entre muros.



Fonte: poeta Nilo em estado de cárcere. Poesia escrita durante a oficina do Sarau Asas Abertas, Penitenciária Adriano Marrey, Guarulhos/SP.

Somos feitos pela fusão de nossos encontros - esse processo não cessa. Quando o meu corpo se choca ou se conflui com outros corpos, algo acontece. Alquimia da linguagem, dos afetos, das experiências, do estranhamento, da recusa, da aproximação, do aprendizado, da criação. Quando adentro no universo do cárcere, o que acontece? Um universo de novos significados para a existência se cria. Passo a enxergar para além de meu microcosmos, me sinto arrebatada pela condição humana, pelas inúmeras formas de se criar o humano e de deteriorá-lo. Como comunicar todas essas visões que nascem a partir do universo prisional?

São muitos os envolvidos, desde instituições consolidadas, que operam pela legitimidade de algumas profissões e pela subalternização de outras, onde se cria substrato para muitas narrativas sobre um mesmo tema. Além das instituições operantes, não esqueçamos dos campos familiar, social e pessoal que se fazem vigentes, não só de quem está em clausura, mas principalmente, como também daqueles que pesquisam e se interessam por essas vidas. Todo um sistema se altera quando um ser passa a lidar com a questão prisional, seja lá em que posição de atuação ele se encontra. Eu, como pesquisadora, quando me aproximo de cada visão, algo acontece - a alteridade se faz presente.

Figura 19 — Alguém aí? 2021. Unidade Prisional APAC feminina/BH.



Fonte: arquivo pessoal.

3.1 A subjetividade é polifônica

Em sua obra “Caosmose”, Félix Guattari (2012) nos traz as ideias de polifonia e de pluralidade para tratar sobre como se dá a construção de um sujeito, desmistificando a ideia de instância estruturante e dominante da “totalidade” ou da “unidade” herdada da filosofia metafísica e representacional. A ideia do devir e da diferenciação são possibilidades que descortinam uma nova forma de interpretarmos e lidarmos com a vida. Nesse sentido, a subjetividade produz sentidos, sofre variações e é atravessada por modos coletivos e heterogêneos, trazendo as dimensões maquínicas de subjetivação, nos levando a permanecer na ideia da

[...] Heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção de subjetividade, já que encontramos aí: 1-componentes semiológicos que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2-elementos fabricados pela indústria das mídias, do cinema, etc; 3-dimensões semiológicos a- significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas (GUATTARI, op. cit., p.14).

Pensando o contemporâneo, com nossa sociedade cada vez mais globalizada, invadindo os antigos espaços de pequenas comunidades ou grupos por meio das tecnologias, com as suas redes de interação, e com o cenário neoliberal, criando novas formas de aparição para o Estado Penal, passamos a identificar como nossas subjetividades são formatadas de forma cada vez mais global, herdando características de outros povos, abrindo, assim, a homogeneização e criando um empobrecimento da subjetividade, trazendo o paradoxo de também abrir-se um espaço para a heterogeneidade, já que há aí a possibilidade de interações e criações de si antes inimaginadas através da convivência com outras culturas, com formas de vida, com signos e com linguagens.

Nesse contexto, Carmen Oliveira (2017) nos mostra o cenário de forma clara quando afirma que

[...] A máquina capitalística na contemporaneidade não para de produzir em série o colonizador: uma visão de homem assentada nos valores que cultuam a ambição, a competição, o agir orientado para o sucesso, o descompromisso ético, o deslocamento rápido. É assim que o ideário neoliberal de livre regulação do mercado a qualquer preço e sem limites incide nessa marca, atualizando-a e produzindo sujeitos gananciosos que se caracterizam pela dificuldade em negociar as

renúncias indispensáveis à sobrevivência do outro, da coletividade e do meio ambiente. É neste contexto que entendemos que um genérico pau-brasil vem sendo dilapidado também na paisagem contemporânea do Brasil (OLIVEIRA, op. cit., p. 75).

Todas essas mudanças se tornam um ponto de partida para que possamos exercer o senso crítico sobre tudo aquilo que chega para governar ou controlar, exigindo de nós um verdadeiro envolvimento político, para o cultivo de um solo, em estado fértil, ante às transformações digitais e culturais. Basta um pequeno exame de consciência para percebermos a facilidade do controle e do manejo das subjetividades exercido pelas redes sociais atualmente; portanto, fica fácil de entender que de fato não há substancialidade nem essencialidade, mas modulação, produção e fabricação de subjetividades em constante circulação.

Nesse sentido, Guattari (2012) alerta em seu texto para aquilo que nos escapa, que vaza na constituição da subjetividade, através de seu caráter trans-subjetivo, mostrando a “subjetividade em estado nascente que não cessaremos de encontrar no sonho, no delírio, na exaltação criadora” (GUATTARI, op. cit., p. 16), ou seja: ela está sempre em fluxo, em constantes conexões e transversalidades.

O autor, através de sua prática clínica em La Borde com doentes psicóticos, nos fala sobre o ambiente de responsabilidade e de atividade da clínica que tinha o intuito não de somente desenvolver uma comunicação, mas também de “criar instâncias locais de subjetivação coletiva” (GUATTARI, 2012, p. 14), não somente para uma remodelagem da subjetividade tal qual era antes da crise psicótica, mas para pensar uma nova produção de si, pois, para além de uma nova matéria de expressão, espera-se uma constituição de complexos de subjetivação, na qual há “indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se singularizar” (GUATTARI, op. cit., p. 16).

3.2 Como criar “instâncias de subjetivação” ativas e criativas?

“Criam-se novas modalidades de subjetivação do mesmo modo que um artista plástico cria novas formas a partir da palheta de que dispõe” (GUATTARI, 2012, p. 54).

Penso no trabalho para potencialização daquilo que o autor chama de “paradigma estético”, criando para além das dimensões já existentes de si, possibilitando um confronto com o novo ao ser a ponte para o acesso a práticas artísticas no cárcere.

Há um tempo estou compreendendo e assimilando a importância de um trabalho que estimule práticas que tragam a possibilidade de uma narrativa da própria história, criando, aos poucos, uma espécie de estudo cartográfico em ambiente carcerário, no qual discutimos sobre o significado das vidas comuns, banais, ínfimas, que ganham outro tom e ritmo ao serem elucidadas pelo dispositivo do poder, trazendo consigo a contradição que vira questionamento: como essa dramaturgia trágica do real transforma a vida de pessoas privadas de liberdade em peças de ficção?

O que observo nos estudos é o papel ficcional que esses seres passam a desempenhar para a sociedade a partir do fenômeno criminal, ou seja, perde-se totalmente o tato com o real daquele ser, trazendo aqui o duplo acontecimento: o ser infame ganha a “fama” e, ao mesmo tempo, a rechaça moral da sociedade, tornando-se infame agora não mais pelo seu anonimato e sim pelo seu enquadramento como um criminoso, independentemente do crime que fora cometido e da análise real dos fatos. Sentir a possibilidade de tomar a vida pelas próprias mãos é algo que liberta o devir de corpos ainda encarcerados. Uma linha de fuga⁴ que se firma pela invenção de novos afetos ativos e de estratégias micropolíticas⁵ para se narrar uma nova história.

A escrita de si no cárcere, que nasce com a interseção entre arte, desejos e afetos ainda aprisionados, baseia-se nas ideias de Foucault (2017):

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez jus e pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para um solitário. Mas, simultaneamente, é levantada uma segunda analogia, que se refere à prática da ascese como trabalho não somente sobre os atos, porém mais precisamente sobre o pensamento: o constrangimento que a presença de outro exerce na ordem da conduta, a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma (FOUCAULT, op. cit., p. 145).

⁴ A linha de fuga é esta linha que arrasta toda a subjetividade para um campo novo e a transfigura no processo; por isso podemos dizer que a linha de fuga não é uma fuga: é muito mais uma linha de subjetivação que faz um mundo fugir, porque leva o conjunto para um lugar novo. Ao se descobrir algo novo, é toda uma subjetividade que passa a ser afetada de uma maneira diferente.

⁵ As estratégias micropolíticas podem ser definidas como formas de criação de pequenos coletivos, do menor, das tribos; é uma alternativa para a constituição de um conjunto de multiplicidades singulares; é a possibilidade de articular a diferença sem intermediação; é a admissão de que o político é aquele que cuida de si e por isso pode cuidar dos outros.

Evidentemente, a arte não pode transformar o mundo quando o pensamos como materialidade imediata, mas aqui há a potência que faz surgir nos espíritos a necessidade de mudança, reunindo as condições intelectuais e materiais necessárias para a sua efetivação. O que na arte parece afastado da práxis da mudança, pode ser pensado como um elemento necessário em uma práxis futura de libertação.

Guattari (2012) nos traz a ideia de que

Dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões (GUATTARI, op. cit., p. 21).

Nesse sentido, de acordo com o autor, abre-se espaço para que possamos entrar em relação com a função poética, capaz de recompor universos de subjetivação artificialmente rarefeitos e ressingularizados, aparecendo tal função como uma espécie de catalizador de operações existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência. A sua eficácia aparece justamente por promover rupturas ativas convocando as discursividades escriturais, vocais, musicais ou plásticas, colocando em movimento diferentes faces da subjetividade.

3.3 Por uma poética da subjetividade individual e coletiva

Corpo em relação.

Reconfiguração.

Subjetividade se produz

E é com os afetos.

Encontros: efeito de um corpo quando entra em contato com outros.

Desejo? Se produz a partir desses encontros.

Relacionar-se com os componentes sociais para produzir nossos modos de existência, Uma verdadeira heterogeneidade semiótica.

De que modo o nosso corpo se conecta com determinadas coisas?

Vamos pensar sobre a economia dos afetos.

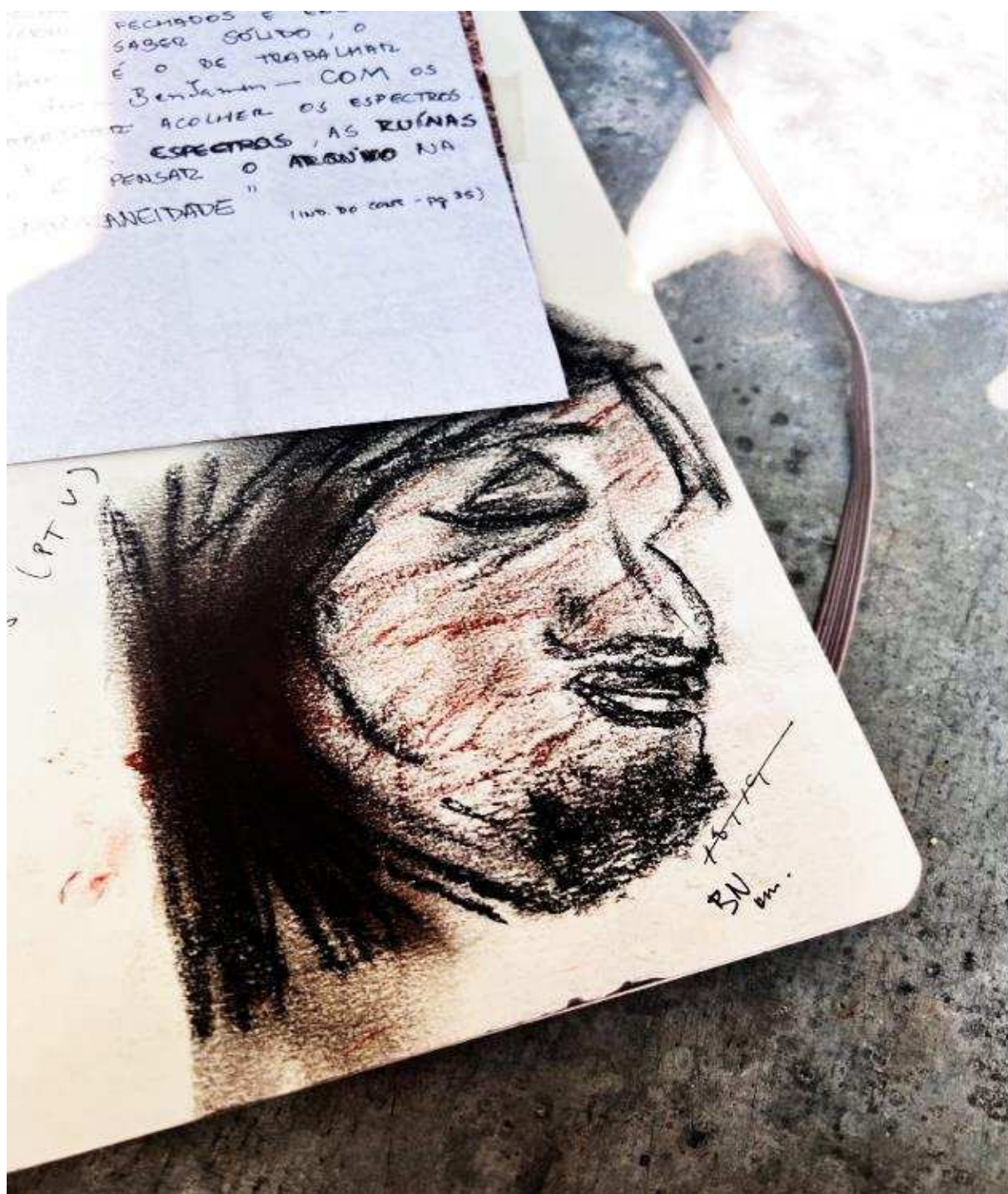
De que modo me conecto com o cotidiano?

Me produzo como Ser na relação com o outro.

Atenção.

Beatriz Nogueira.

Figura 20 — Rabisco em diário de bordo, 2022.



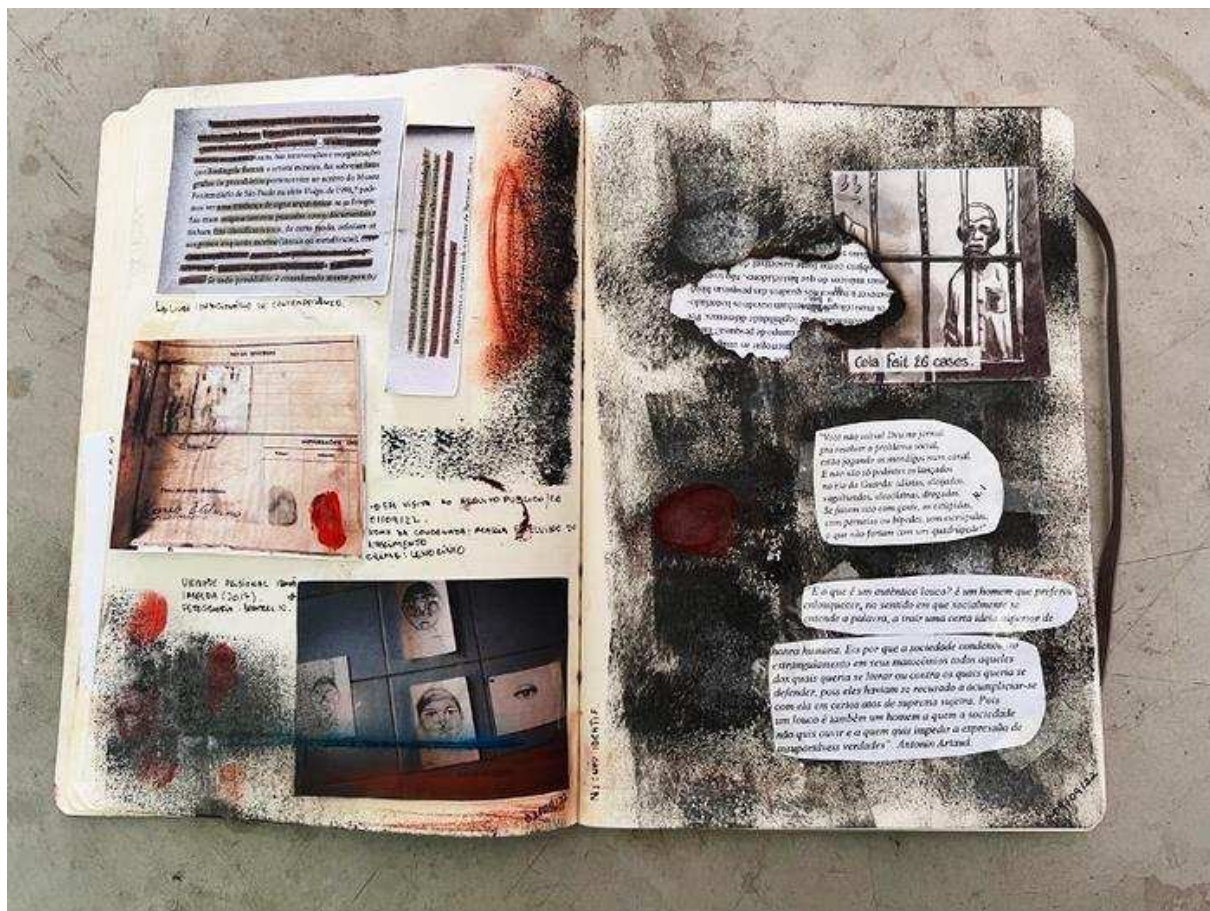
Fonte: arquivo pessoal.

Expandindo o campo de percepção, comecei a perceber as possibilidades de criação fora do sistema prisional com os sobreviventes que por lá passaram. Preciso narrar como esse processo aconteceu e, para isso, regresso em memória a setembro de 2022.

Neste período da pesquisa, eu me via completamente tomada pelas artes em seu sentido material. Criei um pequeno caderno, uma espécie de diário de bordo, no qual reunia flutuações imagéticas sobre o cárcere, o crime e meus desejos de ruptura de todo esse sistema aniquilador de subjetividades. A colagem passou a ser uma grande companheira de criação, além da pintura e dos desenhos intuitivos. Aos poucos, vi um pequeno processo acontecer, uma abertura para o sensível.

A seguir, algumas páginas de um caderno de bordo criado no início de 2022 para pensar e vivenciar a pesquisa, mesmo estando longe das ações nos presídios.

Figura 21 — Diário de bordo, 2022.



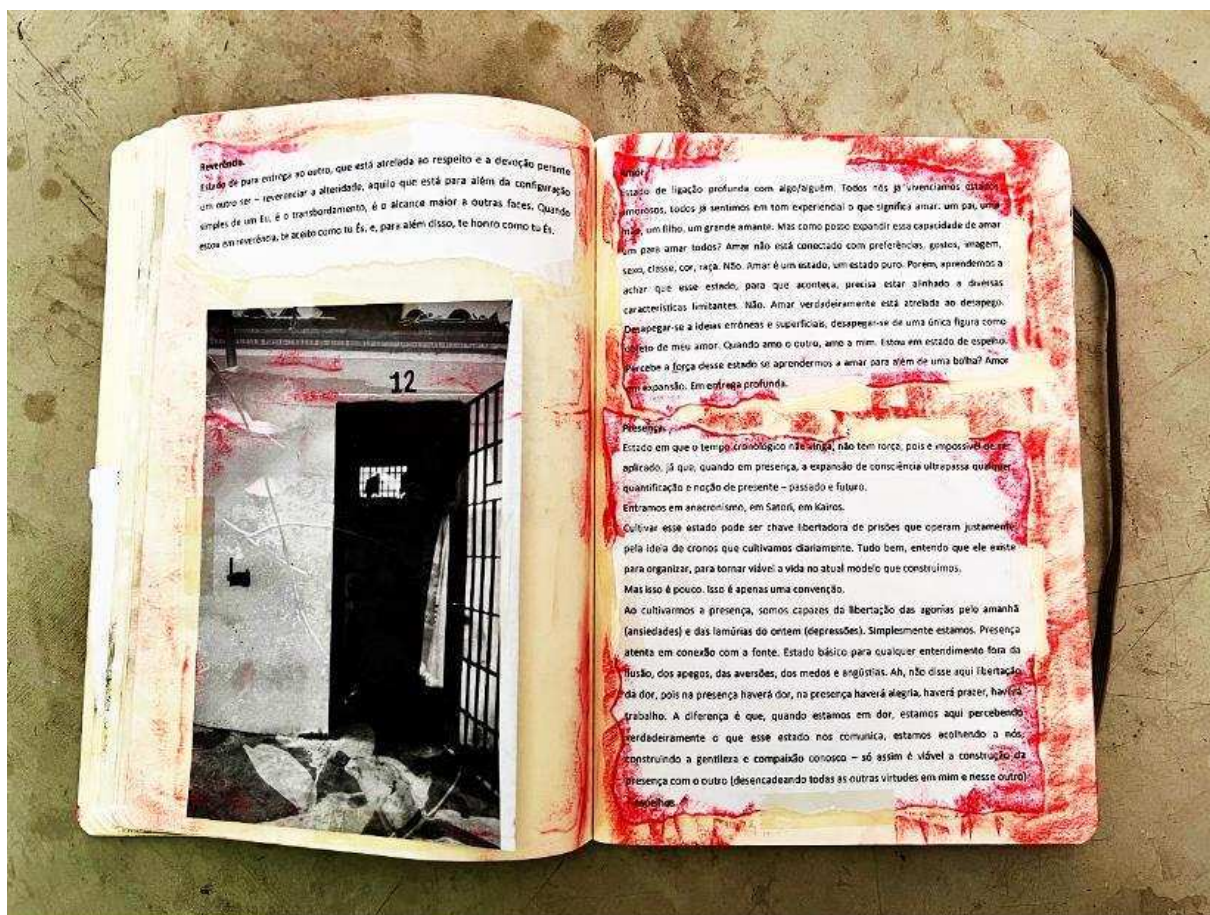
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 23 — Diário de bordo, 2022.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 24 — Diário de bordo, 2022.



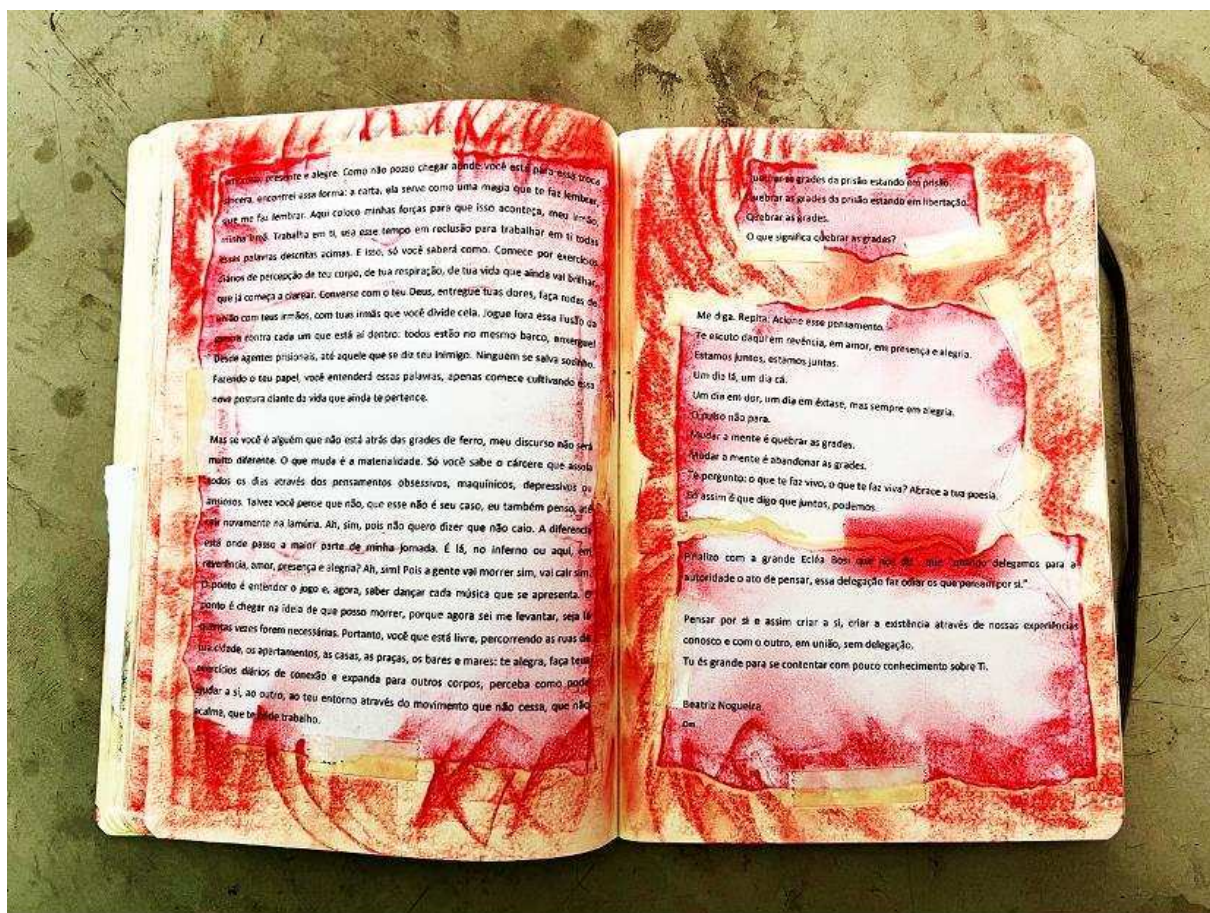
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 25 — Diário de bordo, 2022.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 26 — Diário de bordo, 2022.



Fonte: arquivo pessoal.

Este processo de compor ideias, sentimentos, emoções, pensamentos, estudos e criações no papel, como forma de trazer a materialidade para a pesquisa, foi uma experiência surpreendente, pois

[...] Falar na primeira pessoa é autoformação e ninguém, absolutamente ninguém, pode se construir pela pele, mente e alma de outro. Felizmente, o discurso da neutralidade e da impessoalidade está causando reações importantes na ciência em geral e na educação em particular. A investigação educativa tem se voltado muito para as histórias de vida e os relatos em primeira pessoa. A autoexperimentação, tão importante em termos autopoieticos, e as percepções que dela procedem, são expressas de forma mais efetiva nos relatos de primeira pessoa. Os relatos de terceiros são sempre de alguém que está fora do sistema e que não viveu a experiência. (PELLANDA; GUSTACK, 2015, p. 50).

Nesse sentido, aquilo que se tinha em teoria, como a importância da matéria, da arte que se faz no processo, das cores, das rasuras, trazendo o inconsciente para o processo da pesquisa, se materializou. Com essas pequenas criações, passei a me conhecer melhor e, assim, a respeitar mais a fundo o processo de uma pesquisa com a vida.

Em agosto de 2022, a convite do Sarau Asas Abertas, viajei para São Paulo e lá, de forma totalmente orgânica, fui tecendo encontros que estavam há três anos em suspenso. Morei por dez meses naquela terra fria, mas que, de forma alquímica, trazia o calor necessário para a formação dessas subjetividades que me trouxe até aqui.

Gosto da ideia de que precisamos perceber onde, afinal, somos convidados a estar para além do já posto, dito, moldado. Bem, retornando, no dia 24 de setembro de 2022 vivenciei a ação da poesia marginal focada na criação de ex-detentos, no Museu da Língua Portuguesa - onde reencontrei, em especial, Alaor Alves, poeta e filósofo que já enxergava o seu esplendor desde quando estava atrás dos muros da segregação de corpos e mentes, em 2019.

Assim que cheguei no Museu da Língua Portuguesa, acompanhada de Jaime Queiroga, o criador do Sarau Asas Abertas, e de sua mãe, Fátima Teixeira, escutei uma voz ao longe: “Bia, ô, Bia!!!” Olhei de sobressalto. Era Alaor. Bonito encontro em um tom de respeito e de admiração. O Sarau seguiu seu curso; criei imagens estáticas e em movimento a partir do que se desvelava em cada cena; experienciei os encontros.

A seguir, uma escrita criada no dia 02/10/2022 - dia, aliás, do primeiro turno de nossas eleições presidenciais:

Carta aberta para quem tem coragem de fazer poesia em 2022.

No dia 24 de setembro, eu tive o privilégio de presenciar um ato de resistência através da poética amorosa de resgate do ser no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo. Lá reencontrei meus irmãos de caminhada, gente que conheci por meio (e para além) das grades do cárcere (das mentes e dos corpos).

Meus amigos e minhas amigas poetisas me ensinam tanto, é algo que, inclusive, eu estava há uma semana evitando escrever sobre porque sei da responsabilidade quando me proponho a narrar algo que escape de nossas ideias iluministas. Sou devota daqueles que transformam as suas lutas em poesia, que transmutam, através da palavra, a agressão diária do mundo que hoje se encontra em guerra ideológica. Como alquimia, esses poetisas ensinam-nos o valor da arte - entidade poderosa que engrandece qualquer pessoa que percebe em si os dispositivos necessários para narrar suas dores, suas alegrias, seus encontros, suas lutas e disputas. Era lindo ver cada um, cada uma, pegar aquele megafone e jorrar suas vozes - navalha afiada que fazia o êxtase subir à cabeça de cada um, de cada uma. Êxtase de potência amorosa, pois ali qualquer outra ideia perdia a vez, a voz.

Entre lágrimas e risos, eu me via em *satori*, presença em fluxo, me confundia com o Outro: estado de espelho. Quem sou eu? Quem é esse Outro? Eu só queria habitar cada palavra, eu só queria estar ali. Eu estive ali. Talvez essas imagens possam simbolizar um pouco do que vi para além da representação.

Sinto o dever de compartilhar porque há aqui a necessidade de ampliar a palavra. O Sarau Asas Abertas me acolheu e me acolhe; presente dos deuses que, por mim, honrarei pela eternidade.

E, por fim, em minha visão turva, a arte anuncia novos dias; ela me prova que, através dela, podemos nos curar. O que eu presenciei não sai de minha memória, tudo isso já faz parte de minha carne, que ainda luta consigo, mas que, aos poucos, percebe o que vocês, poetisas, fazem. Eu quero aprender mais e mais e mais, é o que me resta e agradeço.

Meu respeito e gratidão a cada poeta do século XXI.

Resistimos.

Domingo, dois de outubro de 2022: dia importante para nós.

Figura 27 — Os poetas, 2022.



Fonte: arquivo pessoal.

Além dessa ação no Museu da Língua Portuguesa, fui afetada por distintos desdobramentos que a experiência em São Paulo proporcionou. No dia 26 de setembro, retornei ao Presídio Adriano Marrey II, o qual não ingressava desde os primeiros meses de 2020. Nesta visita encontrei outros homens, outra sala de atividades, e, portanto, um outro corpo social ali se apresentava.

Apreendi sobre lealdade, respeito e comprometimento quando, em uma roda, já no fim do dia mencionado, um interno chega e entrega café em um pote amarelo de margarina para o irmão, que estava mais próximo da porta. Ali iniciava-se um ritual, onde cada um tomava um gole do café ainda quentinho e, atentamente, entregava para o companheiro ao lado - era olho no olho e assim a roda girava. Chegou a minha vez; recebi em reverência, tomei e passei adiante na mesma atenção, no que o silêncio misturava-se com as vozes daqueles que então manifestavam seus atos em poesia. A hora de partir aproximava-se, até que Jaime pediu para os presentes encenarem e cantarem o rap do “Azul”.

Um homem alto, negro, firme na fala, com um trato especial em seu visual, se levantou, me cumprimentou e começou o seu *show*. Naquele momento, eu tive certeza de que estava mais próxima do que chamam de céu do que daquele poço que dizem ser o inferno. Com meus olhos em movimentos acelerados, na tentativa de captar toda a grandeza que se erguia

naquela sala, eu gravei em mim a dança coletiva que ali fora criada, com todos atentos, alegres e em sincronia perfeita de corpos, vozes e almas.

Experiências, como a descrita acima, confirmam as minhas impressões sobre o motivo de o cárcere me interessar tanto. Aqui, a teoria dos afetos e das afecções de Espinosa (1983) ganha o corpo vivo e digno de ser narrado. O corpo e seus afetos são questões fundamentais na filosofia de Espinosa (op. cit.) - questões essas que guiaram esta pesquisa; basta ler o título desta dissertação. Afinal, o que podem os nossos afetos? Qual a sua relevância diante da razão?

Esta pergunta, ou melhor, este campo de investigação é algo que geralmente deixamos escapar, que se perde entre tantas outras questões. O contemporâneo parece nos afastar daquilo que nos faz pulsar, onde preferimos suprimir o nosso real entendimento sobre como os afetos se fundam, se conectam e circulam na sociedade e em nós. Espinosa (2004) afirma que

Procurei escrupulosamente não rir, não chorar, nem detestar as ações humanas, mas entendê-las. Assim, não encarei os afetos humanos, como são o amor, o ódio, a ira, a inveja, a glória, a misericórdia e as restantes comoções do ânimo, como vícios da natureza humana, mas como propriedades que lhe pertencem [...] embora sejam incômodos, são contudo necessários e têm causas certas mediante as quais tentamos entender sua natureza (ESPINOSA, op. cit., p. 16).

Se quisermos conhecer algo, que possamos investigar pela causa. Qual a causa de minha tristeza ou da minha alegria? Como eu me afeto quando me submeto às afecções que a vida me apresenta? De forma ativa ou passiva? Pois cada afeto tem a sua origem e a sua natureza determinadas, o que faz com que a investigação possa ser feita não de achismos, mas feita com método. A cartografia que guia esta pesquisa me trouxe um método investigativo dos afetos. Pesquisando com o cárcere e com aqueles que lá encontrei, dei atenção ao *conatus* (do latim ‘esforço’), ou seja, o esforço de perdurar na existência; potência de vida, pulsão maior. Os “bons encontros” que lá vivenciei puderam afirmar essa força propulsora criando a alegria como uma relação de potência com o mundo.

Gilles Deleuze (1997) nos diz:

O que é uma afecção do vosso corpo? Não o sol, mas a ação do sol ou o efeito do sol sobre você. Em outras palavras, um efeito, ou a ação que um corpo produz sobre um outro, se diz que Spinoza, em razão de sua física, não acreditava em uma ação à distância – a ação implica sempre um contato – é uma mistura de corpos. A *affectio* é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro receber a impressão do primeiro. Toda mistura de corpos será nomeada afecção (DELEUZE, op. cit., p. 9).

Um espaço de potências enjauladas, sedentas apenas de que outros seres possam estar em sua presença e, finalmente, escutar a sabedoria que jorra em cada partilha. A fase que, inevitavelmente, todos que se interessam pelo tema passam, a de romantizar o cárcere, acredito que já se decompôs por aqui. As ideias e desejos que hoje aqui ressoam, estão ligados aos estudos e práticas de fortalecimento do que já existe em cada um de nós.

Os afetos que confirmam minha vontade de lá estar são muitos, sobretudo, uma espécie de afetos micropolíticos, pois passo a entender que é nesse espaço, e pensando sobre ele, que construí os meus interesses de vida mais genuínos, gerando mais desejo para lá retornar e trabalhar por negar o óbvio: os discursos montados e enraizados sobre o que é o cárcere, sobre quem lá habita e sobre a face estereotipada, já vista e empobrecida de seres que muito têm a nos ensinar e, assim, aprender em conjunto através da reelaboração de suas histórias, antes narradas pela culpa e agora pela responsabilidade e, ao trazer esse processo para uma pesquisa acadêmica, percebo que, como dito por Pellanda e Gustsack (2015),

[...] Nesse devir, a vida de cada um de nós vai se configurando com nossas ações, hábitos e pensamentos, pois não nascemos prontos. E, autopoieticamente, precisamos nos construir no fluxo do viver ao mesmo tempo em que aprendemos. Um instrumento poderoso de constituição de conhecimento/realidade é a narrativa. Somos seres de linguagem. O humano, como afirma Maturana, se constitui na linguagem. E, dentro da linguagem, a narrativa é o instrumento poderoso de constituição de si na medida em que é um instrumento complexo, pois leva os sujeitos a perceberem a emergência do conhecer e do ser de forma inextrincável. Somos aquilo que narramos de nós mesmos e, ao fazer isso, vamos nos complexificando no sentido de maior autonomia e, portanto, de autoria de nós mesmos (PELLANDA; GUSTSACK, op. cit., p. 52).

Por esses motivos é que me afeiçoei pela pesquisa a partir das experiências, pois somente assim é que podemos confrontar ideologias e nos voltar para a realidade dos acontecimentos e seus desdobramentos em nós e no campo social, abrindo frestas para o conhecimento que nasce a partir da resistência à mera opinião enraizada pelo poder vigente.

Ao retornar para Fortaleza, após digerir o tanto que fora sentido, partilhado e aprendido, abro meus arquivos e resolvo encarar a edição de dois vídeos realizados. Um deles é de Gisélia Trajano e o outro, de Alaor Alves. Após meses da edição e da publicação de uma pequena parte do material, percebi o quanto as criações comunicam, desde as palavras ditas por cada um, campo de muita potência para reflexão sobre todos nós e as nossas constituições enquanto sujeitos de conhecimento, pertencimento e entendimento, até o campo estético de cada vídeo.

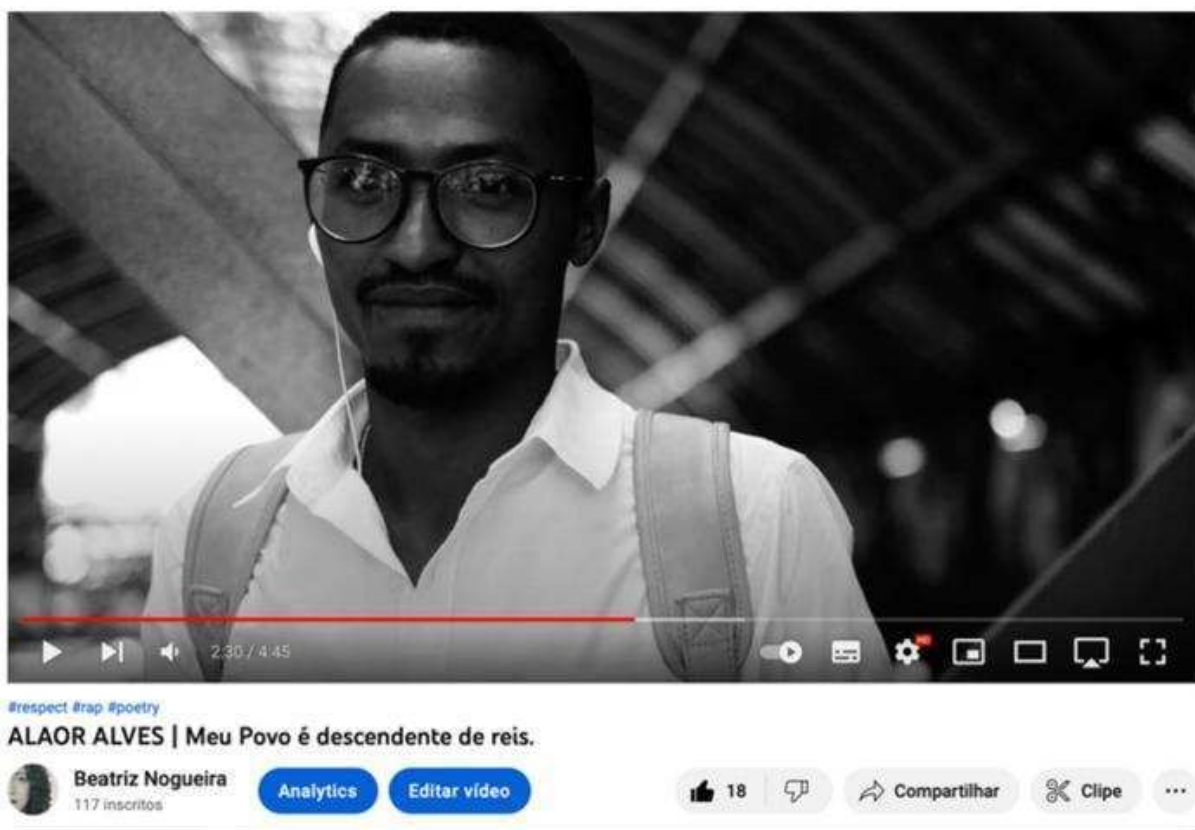
Percebi a união de polos opostos que, juntos, formam uma unidade experiencial poética, política, estética e crítica, trazendo a reflexão sobre como o estímulo do sensível pode ser um terreno fértil para a criação de outras “soluções” para problematizar o fenômeno do encarceramento em nosso país e, principalmente, as vidas que lá habitam ou que por lá já passaram e sobreviveram. Aqui há um convite para a percepção crítica e reflexiva de muitos fenômenos, em especial, a presença das artes: a criação de subjetivações que, através de seus processos individuais e grupais, conseguem encontrar uma fresta para a “fuga” aos mecanismos de normalização dos corpos e das mentes.

Figura 28 — A divina comédia humana. Gisélia Trajano.



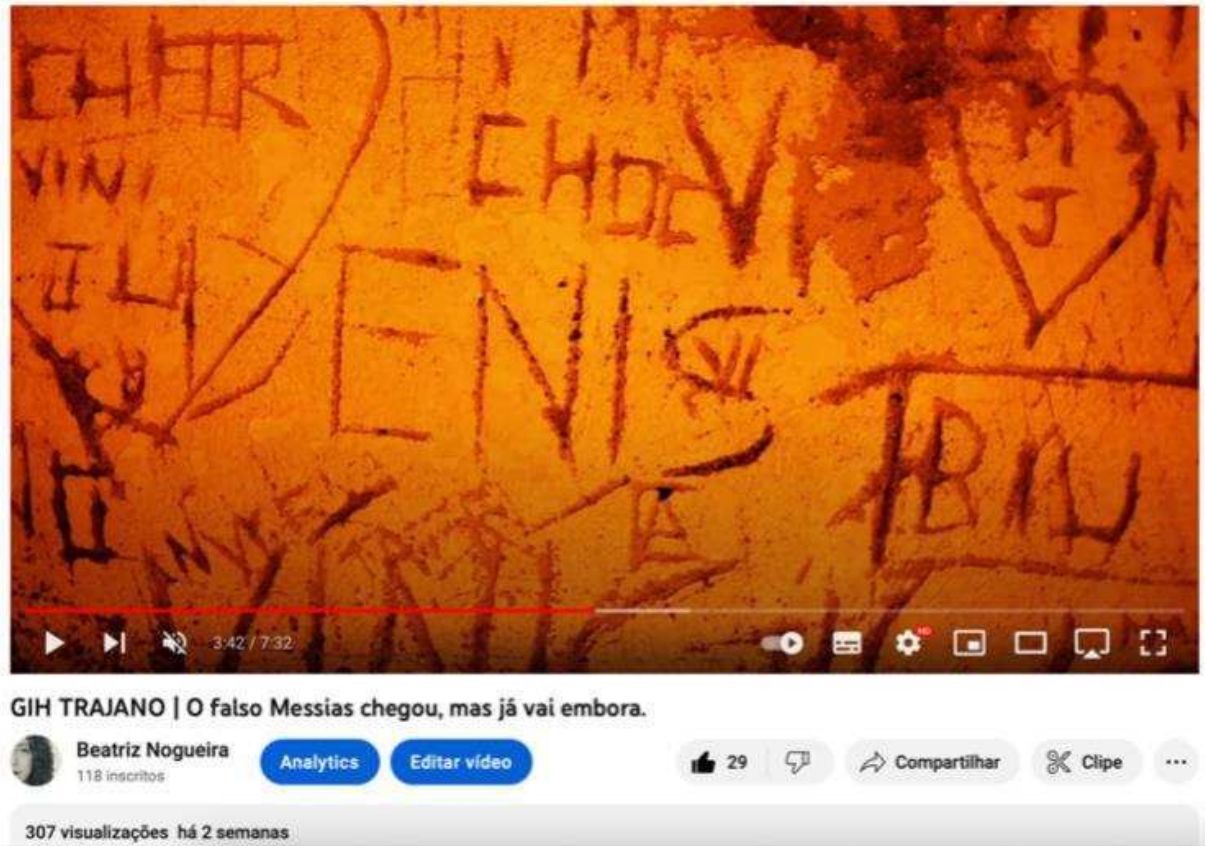
Fonte: vídeo de Beatriz Nogueira. Disponível em: <https://youtu.be/pkACzSVcDx4>

Figura 29 — Meu povo é descendente de reis. Alaor Alves.



Fonte: vídeo de Beatriz Nogueira. Disponível em: <https://youtu.be/Qcn4VAbGS84>

Figura 30 — O falso Messias. Gih Trajano.



Fonte: vídeo de Beatriz Nogueira. Disponível em: <https://youtu.be/RRfj3pBPG6U>

Pelas sincronicidades do destino, Gisélia Trajano me convidou para criarmos um vídeo após a escuta de um texto que escrevera sobre o nosso atual cenário ético, estético, político, econômico e social. Estávamos a três dias para o segundo turno das eleições presidenciais. Passei dois dias inteiros mergulhada em suas palavras viscerais, marginais, reais, cruéis, e impossíveis de sofrer esquecimento. Comecei a criação e já era impossível parar; a obra visual para a sua poética-política já aqui encarnava, pedia passagem.

Publiquei o vídeo na internet em um sábado à noite, a exatas 24 horas para a decisão de nosso futuro como nação e como indivíduos.

Sou absolutamente a favor da urgência de encontrarmos formas sociais, institucionais e individuais, através das práticas terapêuticas e artísticas, para se criar uma verdadeira “mutação das mentalidades”, como Guattari (1992) propõe, a qual possamos manejar em terreno seguro a reformulação de uma nova arte de viver em sociedade. Hoje, no século XXI, o que há de concreto no plano social? Em minha atual construção da pesquisa, criei a ideia de um rio estéril para falar sobre as nossas prisões. Nesse sentido, trouxe essa imagem do rio que não fabrica mais vida para falar de nós, onde nossos rios precisam encontrar a sua terceira margem para refundarmos as nossas relações sociais, institucionais e individuais.

A terceira margem passa necessariamente pela dimensão estética, pois é por ela que a poética recebe passagem para dar vida ao que chamamos de ética da existência e assim mudarmos a lógica de operação relacional para tratarmos desde os problemas mais graves, como a miséria social e a crise ecológica, até as relações íntimas consigo, trazendo o que Guattari (op. cit.) chama de “múltiplas revoluções moleculares”, resistindo aos diversos dispositivos de produção de subjetividades estéreis, que vão desde a escala massiva social a sutis jogos de linguagem de um indivíduo.

A ideia de que “A poesia, atualmente, talvez tenha mais a nos ensinar do que as ciências econômicas, as ciências humanas e a psicanálise reunidas” (GUATTARI, 1992, p. 33), é exatamente o que a área das artes pode oferecer para essa revolução microfísica, pois “em uma atividade política, em uma cura analítica, na instalação de um dispositivo para mudar a vida da vizinhança, para mudar o modo de funcionamento de uma escola, de uma instituição psiquiátrica” (GUATTARI, op. cit., p. 33).

Há ainda muito a criar, fabular, resgatar e dialogar; porém, suspendo (temporariamente) essa reflexão em fluxo com a ideia de que

Para além da criação semiológica de sentido, se coloca a questão da criação de textura ontológica heterogênea. Produzir uma nova música, um novo tipo de amor, uma relação inédita com o social, com a animalidade: é gerar uma nova composição ontológica correlativa a uma nova tomada de conhecimento sem mediação, através de uma aglomeração pática de subjetividade, ela mesma mutante (GUATTARI, 2012, p. 85).

Figura 31 — Espelhos, 2021.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 32 — Te vejo, 2021.



Fonte: arquivo pessoal.

Nesse sentido, como pensar o nosso estar no mundo fora do campo de uma representação? Aproximando-me do pensamento de pesquisadoras brasileiras nos campos da criminalidade, do niilismo, da subjetivação e de formas de estar e perceber a nossa ação no mundo para além do ressentimento, eu me espelhei no pensamento de Carmen Oliveira (2017) quando afirma que

Pode-se aprender muito na paisagem brasileira sobre a elaboração ativa, a digestão das experiências, a abundância e a plasticidade do inconsciente. Há sinais de uma estratégia antropofágica-tropicalista que nos invoca diariamente a uma resistência à morte, à servidão, ao intolerável e à vergonha, pela insistência nas pequenas alegrias de estar vivo e aqui. Logo, não se trata da alegria vista como hedonismo, mas de certa maleabilidade do brasileiro para converter o pesado em leve. Não se trata também do otimismo manipulado pela mídia, políticos ou religiosos, que embota a visão e gera a confiança irresponsável na terra prometida, num futuro que não chega, no milagre econômico, no bolo que não se reparte, em algum “salvador da pátria”. Esse é o alvo do merchandising do otimismo que tem vigorado no país, ao longo dos séculos. O devir-Brasil que aqui propomos como força de resistência à globalização do niilismo tem uma face no desencanto com tudo que é da ordem da idealização, mas é justamente esse desencantamento que poderá engendrar a confiança de que algo está advindo e que sustentaria também a possibilidade de não se fazer drama com o desabamento de mundo (OLIVEIRA, op. cit., p. 82).

Acredito que é somente através do ato criativo e afirmativo como uma resistência às ideias enraizadas que impossibilitam a percepção da imanência como a única potência em ato para nos reconhecermos como os criadores dessa realidade, agora sem mediadores. Percebe-se a importância dos conceitos trazidos por Guattari e Deleuze em suas diversas obras, pois permitem que, aos poucos, possamos ir descortinando todo o cenário contemporâneo que nos retira da presença da vida ativa.

Tais ideias, que *a priori* podem soar como um mero romantismo da vida ativa, a partir do momento em que nos desafiamos a vivenciar tais propostas em coletividade, através de práticas micropolíticas, passamos a nos entender não no campo racional, mas dentro do que podemos chamar de intuição, área refinada e presente do conhecimento, que por si só nos faz compreender a força da imanência e da persistência ao amor à vida e aos seus desdobramentos, retirando-nos de qualquer tipo de prática niilista e ressentida. Isto evoca as ideias de Nietzsche (2006), uma outra grande referência, que me faz criar ramificações de pensamentos e de ações que semeiam a diferenciação das formas de se estar em vida ativa, com as suas infinitas experimentações, cultivando respeito e reverência ao outro e ao meu entorno, por entender intuitivamente a força do coletivo.

Como todas essas vivências que começavam a pedir passagem, passei a perceber o que podem as práticas micropolíticas em ato.

Nesse tempo distanciado de cronos e aproximado do que Henri Bergson (2005) chama de duração, recebi um convite para desenvolver o projeto “ações artísticas de si” dentro da Penitenciária Adriano Marrey II/SP, sendo um laço atrelado a outros dois projetos, o Sarau Asas Abertas, com Jaime Queiroga, e as vivências de jogos teatrais baseados no método do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (2005), elaborado por Igor Rocha (responsável pelo campo da educação artística nesse cárcere) na penitenciária Adriano Marrey.

Aceitei o convite e, em dezembro de 2022, eu me mudei para São Paulo. No fim de maio de 2023, muito aconteceu; uma avalanche de mudanças que, todos os dias, desafiaram. Desafiaram porque nada aconteceu conforme o tão esperado. As entradas no presídio não foram tão frequentes como eu gostaria - o que me obrigou a trabalhar com as tais ausências fartamente narradas no início desta dissertação. Crescer, criar e iluminar através de ausências, em minhas experiências, é sinônimo de dor e incerteza. Continuo com os objetivos, mas respeitando o ciclo e os estágios do tempo.

Ir a São Paulo significou dar vazão ao campo intuitivo e relacional que me habita e estar em pesquisa nesse espaço territorial me trouxe a face da Beatriz que pede oportunidade. O desconhecido pede passagem e voz, pede atenção para esse lugar que se abre - e nem sempre em amabilidade, sei disso. A abertura tida aqui como uma ideia de que, através do olhar pela fresta, não permanecemos iguais: visão como órgão sensitivo disparador de experiências. Olhar nômade, olhar deslocado, olhar outro, olhar daquela que caminha para criar com o mundo.

São Paulo tem essa simbologia em minha trajetória, o que me fez indagar como criar “Fortalezas Sensíveis”⁶ nesse espaço outro. Como escrever com essa cidade que me convida para aqui estar em pesquisa e em entrega constante e atenta? Percebo em minha pele a fusão de pesquisa e vida, que foram se tornando indissociáveis e, por isso, tão viscerais e sensíveis em minha experiência.

⁶ Pensamento que nasceu a partir da participação na pesquisa "Fortalezas Sensíveis", vinculada ao Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas da Universidade Federal do Ceará (LAMUR-UFC).

Figura 33 — Kombi do Sarau Asas Abertas e Jaime Queiroga – Literatura e poesia em prisões.



Fonte: arquivo pessoal.

3.4 Uma percepção que pede passagem

Como retornar ao fluxo que me leva à vida? Faço essa pergunta de forma pessoal, com o intuito de criar a extensão “eu-tu”. Como humana, sei que funciono biologicamente e energeticamente igual a qualquer outro humano; portanto, a ideia é criar novos fluxos de expansão da vida em mim, em nós.

Cindindo ideias herdadas, pretendo explorar formas outras de aqui habitar, de sair do campo da dualidade, da representação e da gramática literal. Como habitar a poesia em nós? Ao mesmo tempo em que faço essas perguntas, muitas de mim aniquilam-me, pois (ainda) possuo um exército que insiste em ditar as regras da doutrinação. Porém, é com o pensamento resgatado diariamente em rituais de despertar que incorporo a força de tantos outros que habitam em mim, trazendo-me a sutileza e, com ela, a percepção em ampliação. Quando isso acontece, eu sinto a plenitude da presença que sou, que somos.

Estamos vivos, nos movemos, crescemos. Mas o que significa estar vivo? Para responder, retorno à pergunta que inaugurou este texto e percebo que preciso investigar mais à fundo a questão do “fluxo”. Afinal, que fluxo é esse e como abrir um espaço para a sua aparição? Perguntas essas que precisam de atenção, pois a resposta aqui jamais pode se dar de forma puramente racional, intelectual. Transbordar para o campo da experiência é fundamental para se chegar àquilo que esta pesquisa busca genuinamente. Portanto, estou em processo constante de aprendizado, de escuta e de investigação - e essa escritura se forma através desses processos em ato, pois

[...] A escrita nos constitui no processo de nossa auto experimentação porque, fenomenologicamente, nos descreve a nós mesmos. Para além da expressão de sentimentos e emoções, as autonarrativas vão nos constituindo como subjetividades e como sujeitos cognitivos. Escrever não é fácil porque no ato da escrita, na ação mesma de dar conta em forma gráfica de nossas dificuldades vamos aprendendo a lidar com elas inventando novas formas de ser. Nesse sentido, a escrita não somente é constituinte, mas possui uma dimensão terapêutica importante (PELLANDA; GUSTSACK, 2015, p. 51).

Sigo agora trazendo o outro lado da moeda: o aprisionamento de nossos corpos e nossas mentes traz o bloqueio do fluxo necessário para a vida acontecer. Cheguei primeiramente ao cárcere dos corpos e hoje me deparo, de forma crescente, com os fenômenos que orquestram o cárcere das mentes, das energias e do devir. A clareza começa a se fazer presente, as peças

vão se encaixando e, com muita escavação, percebo que não posso seguir sem trabalhar os cárceres que aqui habitam.

Ora, isso deveria ser tão lógico, e é!

Como iniciar?

Sigo perguntando

Em criação.

Figura 34 — Terra, voa. 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Diário de bordo. Sábado, 25 de março de 2023.

O que é filosofia?
Atividade imagética,
Racional,
Fina percepção intelectual,
Por fim, uma criação.
Eis a liberdade!

Os sentidos, a matéria, as vivências e decadências são fundamentais para se fazer filosofia. Tudo se inicia com uma modificação de nossa visão perante um acontecimento. Uma perturbação da matéria que chega em nosso campo sutil nos convida para a reflexão; um movimento involuntário é a sua iniciação. Ir além, usar a imaginação para lapidar a visão e não para lhe fazer mestra de nossa inteligência, pois estaríamos nos rendendo ao universo das superstições. Qual o próximo passo? Aguardar. Após aflorar os sentidos, devemos trabalhar para a sua compreensão, seja do fenômeno externo, seja do fenômeno interno: mudanças de humor, sentimentos e pensamentos.

Usamos de nossa razão para tornar as flutuações dignas de compressão - uma verdadeira investigação que necessita de notas, experimentos, por isso a importância da escrita, pois a palavra precisa ganhar corpo repetidas vezes, até percebermos as reverberações de nossas limitações e de nossas grandezas. Em ato repetitivo e racional vamos lapidando todo o processo de investigação de si. Sem nos darmos conta, entraremos no campo de uma maestria daquilo com que se trabalha. Aqui abriremos espaço para algo a mais se criar.

Um verdadeiro trabalho de si,
Eis a filosofia em sua máxima potência,
A arte em ato.

4. A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Olha,
 Como medir o desconforto?
 Pesquisar.
 O que, afinal, significa pesquisar?
 É hora de adentrar mais fundo
 Habitar o escuro
 É hora da escrita,
 É hora da imagem em movimento
 Coragem, firmamento
 Pés que enraízam
 Cabeça em devir
 Cartografia de si
 Só assim estabeleço o fluxo
 Ético e estético
 Pois toda pesquisa é invenção.

4.1 A ausência

Diário de bordo. Quinta-feira, 12 de maio de 2022.

Esse exato momento. O que acontece nesse exato momento? A vida acontece nesse exato momento. Perceber o total descontrole, perceber o cronos derretendo em minha mente. Nesse exato momento, eu estou sendo consumida pela minha mente.

Minhas mãos transpiram, não me faço entender. Caos. Porém, veja bem, veja bem, veja bem. Pela respiração, pela respiração, é repetição, respiração. Pela respiração recupero o fio de ligação. É como uma pausa no processo para perceber o que me acontece nesse exato momento. Talvez seja necessário começar por ontem. O que significa ontem? Bem, um passado que está latejando em meu ser até agora. É o tal do ontem. Ontem acordei inquieta, já sabia que o dia não seria linear. Não foi. Não quero relatar os acontecimentos, pois para além, eu preciso recuperar o que vibrava aqui, ou seja: a necessidade do não linear. É isso? Acho que estou começando.

A linha reta, o caminho que lhe retira do campo da necessidade de pensar a respeito, o caminhar pelas certezas traz seguranças. Até quando sustentamos esse reto caminhar? Dura tão pouco; é impraticável porque necessitamos de não respostas, necessitamos do não saber, do mistério, do desconhecido, do outro em nosso caminhar. Até quando sustentamos esse reto caminhar?

Nesse processo

O fluxo linear passa a desestabilizar

As ondas despertam a agitação

Distorção

Incompreensão.

O encanto acontece

O que estava acima torna-se abaixo

O fluxo natural se mostra como lei em eterna transmutação.

É paradoxo.

Caos.

O que me acontece no caos? A dança do descontrole, que rodopia sem parar, sem parar, sem parar. Acho bonito de ver os movimentos desconexos, disformes, livres. Mas, veja bem, às vezes é difícil de acompanhar o imprevisível; dói, desespera.

Respire, sinta o fluxo do ar se esvaír, sinta o fluxo do ar voltar. O fluxo da respiração é a dança pulsante que tem seu ritmo próprio.

Habitar o caos e ter a base em fluxos respiratórios.

Saber habitar essa ideia, transformá-la em corpo, em pulso real.

Assim a força se mostra presente: em ato, em cena. Mesmo no caos, na dor, na confusão. É bonito, porque a vida assim se torna experiencial.

Falo tudo isso para fazer uma ligação com o que me habita há alguns meses: um novo lugar, uma pesquisa, um transformar-se, novos fluxos com outros corpos. Sagrado.

Habitar o caos, saber ficar no caos, conversar com o caos, aprender com o caos, pesquisar com o caos, escrever com o caos, dançar com o caos, meditar com o caos. E, assim, subir novamente. O que estava abaixo torna-se acima, respira, enxerga novas cores. Eterno retorno. Dance.

Figura 35 — Pele. 2021



Fonte: arquivo pessoal.

Pesquisar no e com o cárcere requer um aprendizado para lidar com as adversidades que surgirão pelo caminho. Além disso, não há como estabelecer o ritmo dessa investigação, pois ele não será ditado por nós, pesquisadores. São necessárias muita disposição e clareza

sobre as suas motivações para lá estar; quem, de fato, está preparado? Não foram poucas as vezes em que preparamos material; passei dias em concentração e acordei às cinco horas da manhã para cedo sair; às sete horas, o telefone toca com a notícia de que “hoje não vai poder ter sarau, está tendo ‘blitz’ nos pavilhões”.

A realidade das prisões, no que diz respeito à recepção de grupos para atividades educativas e artísticas em São Paulo, ainda se fez menos amarga que a do Ceará, onde hoje temos uma política que inviabiliza qualquer tipo de ação artística e social que esteja fora dos parâmetros que a Secretaria de Administração Penitenciária julga estar de acordo com a sua cartilha de “disciplina e ordem”.

A ausência de clareza, de certezas, de rotina, de liberdade para lá estar sempre que necessário, às vezes sufocava, aniquilava e frustrava possibilidades de pesquisa. Porém, por outro lado, habitar a ausência de forma consciente pode ser um grande adubo para fortalecer nosso solo quando em ato. Em meus longos períodos de ausência da materialidade do cárcere, eu pude estar presente através dos livros, das escritas, das fotografias revisitadas e narradas. Mas nem sempre a ausência se converte em presença.

2023 fora pensado e planejado como um ano para se criar em muita presença “do lado de lá”, mas o caminho se fez diferente. Além da ausência forçada, não consegui me fazer presente pela distância. O resultado? Asfixia e sentimento de espelho quebrado. Sei que, como tudo na vida, é uma fase; e se é um momento, dentro dele há muitas possibilidades, inclusive é criada uma agora: renascimento para presenciar a temática com reverência e alegria. E, assim, as ausências e presenças são costuradas na vida daqueles que pesquisam no e com o cárcere.

Portanto, o caos, a ausência da presença do cárcere e o sentimento de impotência estarão presentes nessa escrita. O que acontece na ausência? Criações, angústias, medos. E hoje, mesmo hoje, quando eu tenho as condições perfeitas para atuar, ainda assim acontecem imprevistos e rotas são reconfiguradas. Tenho a convicção de que o resultado dessa pesquisa de mestrado será baseado naquilo que fugiu da rota, nos tropeços, nas angústias e frustrações. Pela necessidade de remodelagem é que se faz o cartografar, pois é vida em ato, experimento, criação pela presença que nos convida sempre à reinvenção.

4.2 Memórias

4.2.1 *O nascimento da escrita*

Figura 36 — A escrita das águas. 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Podemos dar vida ao universo das palavras por diversas vias; podemos criar caminhos infinitos a partir da coragem de grafar acontecimentos, sentimentos, desejos, enfim. Queria narrar sobre a minha relação com a escrita desde cedo, o lado afetivo, maternal, mas sinceramente, não lembro. É isso?

O fato é que a minha escrita nasceu de uma dor. Descobri isso jorrando palavras em blocos de notas do computador e em cadernetinhas aleatórias, partindo de um acontecimento desastroso, doloroso, violento... Violência que nasceu em mim?

A alegria nunca foi um disparador da escrita para mim, mas o interessante é que, a partir do movimento de transcrever pensamentos desconexos no papel, algo de inimaginável acontece. Uma alquimia, uma transvaloração da disfunção em pertencimento, em vigor, em ordem. Não do corpo, mas da palavra pensada, que toma um corpo pensante, atento - sereno, até.

Dos delírios às fantasias, a escrita já me socorreu de muito caos mental; podemos falar em entidades? Sou grata a todas elas, que, de alguma forma, me acolheram a partir das palavras que surgiam no papel.

Enfim, acho que a tal da escrita nasce em cada ato de coragem em enfrentá-la, afinal, nenhuma será igual à outra, certo? Sempre me deparo com surpresas através do ato: sempre um nascimento, nem sempre admirável, mas enfim, que possamos acolher os nossos filhos, as nossas criações e nos criar a partir delas, com elas.

4.2.2 O nascimento da escrita sobre e com as prisões

Durante um longo período de 2022, eu escrevi rotineiramente sobre o que era, afinal, a minha pesquisa. Talvez essa necessidade de me entregar todos os dias às mesmas indagações se constituía por uma necessidade. Antes de iniciar, escrever e reescrever diversas vezes sobre perguntas indecifráveis parecia ser o caminho mais seguro.

[...] Temos medo de pensar no que acontece dentro desses espaços. Assim, a prisão está presente em nossas vidas e, ao mesmo tempo, ausente. Assumimos que as prisões são algo dado, natural, mas, na realidade, temos medo de enfrentar as realidades que elas produzem. [...] A prisão tornou-se um buraco negro dentro do qual os detritos do capitalismo contemporâneo são depositados. Por que não há grandes protestos? Uma resposta parcial a essa questão tem a ver com o modo pelo qual consumimos as imagens midiáticas da prisão. A história da visualidade, do modo pelo qual conecta-se à prisão, é a grande impulsionadora da percepção da instituição prisional como parte naturalizada da nossa paisagem social (DAVIS, 2018, p. 113).

Uma das investigações cartográficas que compõem esta pesquisa passa pela ideia de que possamos criar um imaginário do que seja estarmos submetidas ou submetidos ao controle total do Estado, que cada vez mais é gerido por grandes empresas privadas. Nesse sentido, compartilho um vídeo (de acesso privado na plataforma digital YouTube⁷, podendo ser acessado somente por esse *link*) criado para a primeira apresentação sobre este projeto, trazendo através da ficção o ar do sistema carcerário cearense.

Abaixo, disponibilizo o *QR code* para o acesso à criação “Meditação de detento”:



Videoarte “Meditação de detento”, de Beatriz Nogueira, 2022.

⁷ Disponível em: www.youtube.com Acesso em: 13

Figura 37 — O que vê?



Fonte: arquivo pessoal.

4.3 Em busca da terceira margem do rio

Agora, eu escolho escrever nua. Para tratar sobre pecado, culpa e penitência, é preciso voltar para onde tudo começou. Desfaço-me dos adereços e das vestimentas formais para tratar sobre o cárcere dos corpos, para que assim seja possível um verdadeiro mergulho nas águas desse rio hoje estéril, sombrio e infame. Faço esse banho como uma pesquisadora - por isso um mergulho, o que significa que a visão é limitada, pois entro, mas volto com relatos sobre as inquietações e motivações que me atravessam cada vez que realizo essa busca de uma terceira margem para esse problema planetário que criamos e alimentamos todos os dias através de nossa postura diante do outro. Por isso ressalto que a função que exerço nessas profundezas é de ser ponte, um canal para que essa temática se esparrame em outros campos de estudos, afetando ativamente outros de nós.

Antes de relatar sobre os mergulhos, trago uma fabulação que faço sobre o rio antes de seu adoecimento. Ele era pura potência em estado silencioso, preparando-se para a sua singularização em Terra, apartando-se do Mar, a sua fonte de criação, passando a existir a partir da linguagem, pronto para desbravar novos horizontes, novas espacialidades e ser um líquido fértil para outros mundos. Para onde a linguagem levou o rio?

Para os caminhos do discurso - uma grande descoberta de mundos que criou, assim, a bifurcação de si, onde vemos, de um lado, o discurso da violência do Estado e de todas as instituições e dispositivos repressivos, realizando a construção de personalidades que não reconhecem o poder criativo e ativo em si, espelhadas por dor, miséria afetiva e não identificação: alteridade rasgada, ensanguentada e violenta. Essa polarização entre o “eu” e o “outro”, essa disputa, essa luta constante é fonte ou resultado das polarizações; a ordem não importa, pois o olhar aqui está voltado para a bifurcação: ela ceifou o rio e a sua possibilidade de uma vida ativa e criativa. Como recuperar a fonte ética e estética de nossas existências (FOUCAULT, 2017)?

Gostaria de fazer uma breve digressão sobre o meu envolvimento com a temática da realidade carcerária mundial e brasileira, porém, percebo a dificuldade porque não há uma linha cronológica coerente. Eu não sei quando essa inquietação começou - algo em torno de 2012, talvez - e, por motivos desconhecidos, comecei a ler, pesquisar e a me inquietar profundamente sobre esse outro mundo sobre o qual ninguém fala, ninguém vê e ninguém escuta - a não ser através das manchetes fantasiosas das grandes mídias. Prosseguindo, durante esses dez anos pude vivenciar muitas experiências sobre e com o cárcere em diversos campos

do conhecimento, envolvendo estudos na Faculdade de Direito e Criminologia de Porto/Portugal, salas de audiência criminal como advogada, círculos de construção de paz nas penitenciárias no Ceará, coletivo de poesia na penitenciária de Guarulhos/SP, aulas de ética e moral no Centro de Detenção Provisória de Pinheiros/SP, através do Instituto de Defesa pelo Direito de Defesa (IDDD), participação ativa nas Associações de Proteção e Assistência aos Condenados (APACs), estudos nos campos jurídico, filosófico, sociológico e criminológico. O que fica verdadeiramente? Uma profunda sensação de vazio e incompreensão sobre essa construção humana para outros humanos, mas não somente. Por que continuo escavando e procurando outros campos de atuação?

Figura 38 — Autorretrato em Penitenciária Feminina APAC/BH, 2021.



Fonte: arquivo pessoal.

Tornei-me fotógrafa quando assumi o meu olhar atento para o mundo em devir, ou seja, um mundo que escapa das representações. A visão me intriga: mesmo vendo o que o outro vê, nunca enxergamos da mesma forma. Para enxergar, é preciso colher todo o nosso baú de memórias - lá estará o registro do significado que damos às coisas, aos acontecimentos, às cores,

às formas, aos sabores, cheiros e símbolos. Como enriquecemos esse baú? Será que ele acumula as suas memórias com as vidas vividas em outras encarnações? As nossas vivências nos criam: abrimos espaço para afirmar o que nos afeta, o que nos emociona, o que nos impulsiona e o que nos gera repugnância. No meu baú há muita intensidade. Deve ser por isso que, desde a primeira vez em que entrei em uma prisão, tive uma explosão de sensações, memórias - uma espécie de visão afluída e sedenta de criação. Meus olhos repousavam naquele espaço; eu silenciava, à minha maneira; cada coisa posta e não posta naquele espaço foi tendo a sua importância de investigação e fabulação.

Sons, cheiros, cores, formas, corpos, olhares, auras, silêncios, falas, gestos. Tudo se faz importante, tudo pode ser motivo para um desabrochar de nossa sensibilidade. Aqui trarei alguns relatos de vivência no cárcere e elegerei a imagem como escritura, deixando que ela fale por si, deixando que o leitor possa tirar as suas próprias conclusões e assuma o papel de autor quando interpreta o que vê.

Sei que a minha visão pode ser extremamente cortante e motivo para aflorar ideologias julgadoras. Portanto, sempre se faz necessário trazer o posicionamento de que eu não romantizo o cárcere. Eu enxergo o cárcere. Falo, problematizo, registro e me faço como uma espécie de ser micro, que veio ao mundo assumindo um papel como qualquer outro.

A ideia foi ainda trabalhar sobre essas imagens para a minha escrita da dissertação final; porém, nesse momento, eu me contentei com essa experiência.

Nesse sentido, trago a construção de pensamento de Nize Pellanda e Felipe Gustsack (2015), que contribuem para a minha afirmação desse fluxo:

Partindo da ideia de autopoiesis, conceito central na Biologia da Cognição, segundo o qual os seres vivos constroem a si mesmos no viver, nos humanos esta construção pode ser singular como forte marca de autoria. Quanto mais original forem estas estratégias de autoconstituição maior autonomia terá o sujeito. Um dos instrumentos mais importantes de autoconstituição nos seres humanos é a prática da autonarrativa pelo potencial que carrega de organização do caos interno, proporcionando uma reconfiguração nos sujeitos que a praticam. Mas qualquer tecnologia autopoietica pode disparar o potencial de autoorganização que é, ao mesmo tempo, o potencial de autocriação (PELLANDA; GUSTSACK, op. cit., p. 45).

Figura 39 — Qual a sua arma? 2017.



Fonte: arquivo pessoal.

4.4 Artes frustradas

Diário de bordo, domingo, 29 de maio de 2022.

Aqui estamos novamente.

Estou cansada.

Não um cansaço do corpo

É alma

É muita Alma

Transbordante

Delirante

Gritante

O que se faz com nossos excessos?

Sou a constituição da exorbitância

Isso é real

Passo dias contendo, moldando, disciplinando

Até que chega o grande dia

C a o s

E começa tudo outra vez, outra vez, outra vez

Veja,

Ontem, em mesa de bar, me falaram olhando no âmago de meus olhos,

Falaram uma coisa que vibrou em mim

Falaram sobre a tensão que está impressa em minha alma

Que é preciso descuidar, experienciar

Que é preciso viver essa fase com menos aflição

É interessante porque eu seria a pessoa quealaria isso para um amigo

Seria a pessoa que pregaria a necessidade do caminhar sem pretensão

Acontece que, aos 27 anos de idade, isso não se aplica

Perdoe-me

Mas não se aplica

Perceba essa fase, você está num entre, nem fora nem dentro, mas

Entre mundos, entre fases, entre acontecimentos - imanência.

Renunciei a um mundo, Tu sabes o que é isso?

Renunciei a um ideal criado, narrado, sonorizado em meus ouvidos desde o nascer

Não estou em um Mestrado em Artes porque era um caminho coerente

No decorrer de minha vida.

Estou aqui procurando a linguagem que tanto almejo encontrar

Para finalmente dar forma àquilo que quero criar, narrar, fazer, presentear

O que quero ainda não tem nome

Porque é preciso inventar

Inventar um modo de dizibilidade sobre todas essas questões que me afligem

Que tiram o sono

Que acordam a alma

E é por isso que vale a pena

Acordar a alma é coisa rara, é coisa com que não se brinca

É preciso cuidado com os assuntos que despertam nosso Ser.

Como levar tudo isso no tom da descontração?

Você falaria para alguém para lidar com os assuntos mais preciosos de sua vida
Através da descontração, do relaxar, do deixar a vida ditar?
Veja bem, veja bem, veja bem.
É preciso muita coragem para bater o pé diante dos disparates que se escuta
A tensão que me circunda tem a sua razão de ser
Faz-se necessária
Só assim a gente reconhece o momento do soltar
Em suas raras aparições
Cada vez mais sagradas
Saber habitar todos esses horizontes
Saber habitar a tempestade e criar o solo mais belo com o vento esvoaçante
Veja bem, mais uma vez
Saber habitar significa ficar e conter-se
Sabendo que o sol irá chegar
E que a dança se fará em Luz novamente.
Agradeço
E sigo.

Figura 40 — Capão Redondo/SP, 2023.



Fonte: arquivo pessoal.

Carta aberta para quem tem medo do futuro.

Hoje, 14 de março de 2023, acordei mais tarde do que o previsto; olhei para um lado, olhei para o outro e aguardei ansiosamente pela vontade de vida que chega todos os dias para me acariciar os pés, as pernas, o tronco, os braços, os dedos, o peito, o pescoço, a face e o inconsciente. Aguardei. Ela não chegou. Aguardei mais um pouco e vi que a única opção era receber o 14 de março sem ela. Talvez estivesse atrasada, tudo bem, mas ela chegaria. Banho quente demorado, por fim, um jato de água fria para tentar receber a minha companheira de vida, nada. Dentes escovados, corpo inchado, pele áspera, roupa trocada. Primeiros passos, chego à sala e a única opção é saudar os mestres não de frente, mas da forma que dava - um olhar lateral, tímido, confuso, mas entregue. Estou aqui, sem ela, sem a tal vontade, mas estou aqui.

Acho que agora eu entendi. És tu, o medo do futuro, que hoje me habitas; és tu, não ela, a vontade de vida. Tudo bem, hoje ela não virá. Tudo bem, vamos tomar café.

Estamos no mês três do ano vinte e três, é metade do mês, já avisto o mês quatro; é tempo que jorra, transborda e cobra. Algo acontece aqui e agora, algo faz estremecer cada célula epitelial que hoje me constitui. Começo a perceber que a vida há dias não me visita; então,

quem estava me acompanhando por essas horas todas? Era ele, aquele que se fez visível somente hoje, o 14 de março.

Medo, já que hoje tu estás comigo; senta e deixa eu te contar um pouco de minhas nostalgias com ela.

Preciso narrar intimidades, essas que ao depender de quem escuta, fazem chacota com quem narra, por ver todas as feridas abertas e sem proteção alguma. Espero que ela, a vontade de vida, não se sinta exposta, mas sei que me entenderás. Em momentos de completa entrega, o seu poder me habitava através da utopia em ato; sonhadora que sou, abraçava meus projetos mirabolantes, tinha a visão mediada pelos deuses para qualquer bobagem que surgisse em meu caminho. Tinha clareza quanto às metas para os meus desejos genuínos e quando se tratava sobre o “cárcere”, a experiência não era diferente.

Hoje, meu amigo, tu chegas e me colocas o dedo na cara. E aí? O que faço com tudo isso? Uma bela ilusão, uma fantasia singular e egóica? Nada faz sentido; o que quero com essas pesquisas que digo serem cartográficas, micropolíticas, éticas, artísticas, criativas, subjetivas? Eu sei, fui longe demais - saí da possibilidade de habitar os palanques do macro para descer às profundezas do micro. Agora, com a possibilidade do um a um, eu me desfiguro. Por que tudo isso? 28 anos de jornada sonhada e não realizada. Sei que estou sendo cruel comigo, sei que estou colocando a sombra para dançar, gozar, para me aniquilar. Estou observando e até gostando. Analiso, rio, descamo, sofro, me abro, sofro mais um pouco e espero. Respostas? Zero. Impotência, fraqueza, naufrágio.

Qual o próximo passo? Talvez a percepção, a abertura para a minha fragilidade, a minha não onipotência. A inclinação para escutar os cânticos daqueles que me mostram que sou fragmento e, por isso, sou paradoxo. Se faço parte do plano coletivo, é simples perceber que no micro eu me faço. No um a um, a libertação é minha, é tua, é nossa.

Neste 14 de março percebo a minha clausura, o meu cárcere que se conforta em ti, medo. Aliás, aceitas mais um café? É, fica um pouco mais, conceda-me a honra de te fitar os olhos em completa entrega e confiança.

Germinar

Quando não há palavras

Quando não há pensamento digno

Quando não há pudor

Quando não há bravura

Quando não há certezas

Quando não há firmeza
 O que há?
 O inominável
 O todo em seu estado imaterial
 O todo em seu estado inimaginável
 Mudança de substância
 Pele a esfarelar sem parar
 Nenhuma palavra
 É tempo de germinar
 Saber esperar
 Saber enfrentar demônios
 Saber dançar com todos eles.
 Beatriz Nogueira

4.5 A arte do encontro com o outro por uma ética da alteridade

A arte que se cria dentro do sistema prisional pode ter inúmeras interpretações e formas de realizações. Um artista pode ensinar os seus dotes, as suas técnicas e formas de ver o mundo para os que lá se encontram. Um professor pode levar as bases históricas da arte e de seus desdobramentos, enfim, não há limites. Entretanto, a arte que enxergo em minha pesquisa e na trajetória de vida junto ao sistema se aproxima de uma arte da relação, do encontro, da ética e do reconhecimento de um outro que em nada se parece comigo, mas que pela diferença nos encontramos.

Não tenho a pretensão de professar, de expor obras ou de qualificá-los para um ofício - o que dificulta bastante a explicação de o que, afinal, faço lá dentro. Desistir das tentativas de enquadrar a razão universal como a “grande mãe” de todos nós, possibilita o nosso contato com o que há de humano em cada ser.

Aos poucos, passo a me aproximar da ideia de “alteridade”, o que me leva à percepção de que sempre algo me escapará, e que, por consequência, não haverá um fim da história ou uma moral universal. Quem sabe, uma moral que se crie a partir das experiências com o externo; sendo assim, o não idêntico convida o caos para dançar no preestabelecido, no

já instituído. Já o outro é aquele que me expurga de toda a minha esfera de egocidade, possibilitando o questionamento da própria razão do meu eu e me convidando para o experimentar de um novo mundo de sentidos, onde, por mais que eu queira e tente, algo sempre me escapará, mostrando-se todo outro, de outro modo.

Figura 41 — Unidade Prisional APAC Feminina de Itaúna/MG, 2021.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 42 — Unidades Prisionais APACs/MG.



Fonte: arquivo pessoal.

5 UMA CONCLUSÃO EM MOVIMENTO

Finalizo esta dissertação convocando os afetos - algo que, na verdade, já jorra em cada frase escrita. Aqui pretendo deixar evidente a minha posição sobre a importância de estarmos atentos àquilo que amplia a nossa capacidade de agir, sentir, criar e fazer em uma determinada fase de nossas vidas. Esta pesquisa sobre e com o cárcere, como já mencionado, andou comigo desde meados de 2016 até 2023, quando percorri muitos campos do saber, colhendo substratos que pudessem ressoar nas pesquisas com as prisões.

Hoje, em 2024, estou ausente das penitenciárias como pesquisadora, mas perduro como uma admiradora das profundezas de homens e mulheres que, ao se depararem com as artes, mesmo em estado de cárcere, se abrem para a experimentação, se dão uma chance de encontrarem a si pela primeira vez, ou melhor, de criarem a si.

O motivo desta ausência como pesquisadora foi, justamente, o nascimento de um filho que hoje, em agosto de 2024, está com sete meses de vida e que fora gerado a partir de um encontro proporcionado pelo trabalho voluntário com homens e mulheres em cárcere. Esclarecendo, adentrei às muitas portas da penitenciária Adriano Marrey, em Guarulhos/São Paulo, em 2019, quando conheci o Sarau Asas Abertas⁸, projeto este tão falado nessa dissertação. Ao entrar em contato com o fundador do referido projeto, Jaime Queiroga, recebi o convite para adentrar as grades da Penitenciária A. Marrey, onde passei o ano de 2019 com o grupo, fazendo oficinas de poesia e conversas em cárcere.

Os anos se passaram e voltei para Fortaleza; perdi contato com o coletivo, ingressei neste mestrado em Artes e, somente no fim de 2022, passei a ter contato novamente com o Sarau e com Jaime. Nisto recebi um convite para estar com eles em uma apresentação no Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, evento este já amplamente comentado nesta dissertação. Neste reencontro, eu e Jaime nos permitimos a abertura para vivermos uma paixão que germinou, virou amor, virou vida vivida, virou um filho que chegou em 27 de dezembro de 2023.

Portanto, falo que o cárcere me deu um filho, mas é preciso muita atenção e vontade de saber para ler o que está por trás dessas palavras aparentemente duras demais. O cárcere, a minha entrega pelo trabalho, pela pesquisa, a minha necessidade de estar próxima deste tema

⁸ Conheci o Sarau a partir de uma pesquisa em www.google.com sobre trabalhos voluntários com Artes em prisões do estado de São Paulo.

tão profundo e negligenciado, o cuidado e a ética com aqueles que lá estão, me trouxe um filho - me trouxe João Lázaro Nogueira Queiroga.

João Lázaro, na religião do Candomblé, é filho de Xangô, o rei da justiça. Quando João estava com 16 semanas em gestação, fizemos o seu exame de ultrassom e lá estava ele, de braços cruzados, fazendo exatamente a saudação ao rei Şàngó (iorubá). Jaime, adepto dessa religiosidade, ao ver o gesto, imediatamente saudou o mencionado orixá: *kaô kabecilê*. No sincretismo, João Batista é Xangô e, por este motivo, ele virou João. Querendo afirmar seu nome duas vezes, ele nasceu após 32 horas de trabalho de parto, no dia de São João Evangelista, 27 de dezembro.

Figura 43 — Orixá Xangô e a ultrassonografia de João Lázaro - 16 semanas.



Fonte: fotografia de Vanessa Vieira.

Quando o meu trabalho de parto entrou em sua fase ativa, na noite do dia 26 de dezembro, ainda estávamos em casa - até que resolvi que já era hora de irmos ao hospital, pelas intensas dores que eu sentia. Antes disso, eu, Jaime, Samanta (minha doula) e Vanessa (fotógrafa do parto) fomos até o quarto de santo que temos nos fundos de casa para entrarmos em sintonia com a chegada de João. Neste momento, acendemos velas, incensos e saudamos os orixás. Entre as contrações e um estado de êxtase, entrei em concentração. Jaime, que é adepto do Candomblé e médium, fez os ritos que intuía serem necessários. Neste meio tempo, entre agradecimentos e preces, Jaime saudou a falange dos encarcerados, dos libertos, dos ainda em processo de dor e sofrimento. Em seus relatos, ele disse ter visto fragmentos de vidas passadas, fragmentos de correntes, grades e o nascimento de um filho nosso em cárcere. Então estávamos tendo a oportunidade de criar um filho em liberdade.

Abaixo, seguem fotografias da noite do dia 26 de dezembro de 2023 e do nascimento de João Lázaro, em 27 de dezembro de 2023:

Figura 44 — A chegada de João Lázaro 01



Fonte: fotografia de Vanessa Vieira.

Figura 45 — A chegada de João Lázaro 02



Fonte: fotografia de Vanessa Vieira.

Figura 46 — A chegada de João Lázaro 03



Fonte: fotografia de Vanessa Vieira.

Figura 47 — A chegada de João Lázaro 04



Fonte: fotografia de Vanessa Vieira.

Figura 48— A chegada de João Lázaro 05



Fonte: fotografia de Vanessa Vieira.

Sei que relatos mediúnicos e espirituais podem sofrer resistência no campo acadêmico. Fiz questão de trazer este acontecimento, mesmo que de forma muito resumida, porque acredito que a academia pode e deve se abrir para o invisível, para o campo experiencial, para a linguagem performática e artística, que dão língua, corpo e forma ao universo que há no caos da inconsciência, para se comunicar fragmentos de uma pesquisa que ultrapassa os limites formais, pois

É somente quando a consciência se deixa desestabilizar pelas diferenças que se ativa no pensamento a potência de alcançar o invisível. Só que a ativação dessa potência depende de incorporarmos à prática do pensamento a apreensão por sensação, por afecto, que é o que lhe dá acesso ao inconsciente. O pensamento, nesse caso, passa a ser o próprio trabalho cartográfico do inconsciente: uma prática em que se criam universos de referência para novos modos de existência que venham encarnar diferenças - ou seja, novas cartografias para novos territórios de existência individual e coletiva (ROLNIK, 1992, p. 6).

Ademais, preciso enfatizar que “praticar o pensamento por sensação ou afecto nada tem de primitivo ou de espontâneo” (ROLNIK, op. cit.). Na contramão de uma ideia simplista, a autora afirma que só podemos ter acesso à dimensão invisível da alteridade pela via da sensação - e isso se dá de forma hipercomplexa, onde

[...] Um incessante movimento de atração e repulsa de fluxos e partículas, que gera uma incessante produção de diferenças, cujo efeito é uma não menos incessante perda de sentido das formas vigentes e invenção de novas formas. Portanto, a passagem de que se trata aqui não é entre a ordem e a desordem, mas sim entre a complexidade do caos ou das nascentes e a complexidade dos territórios existenciais (ROLNIK, 1992, p. 7).

Ao iniciar esta pesquisa e, posteriormente, este mestrado, eu não tinha resquícios de intuição do que este caminho iria me trazer concretamente. Neste caminhar investigativo, mudei de vida, mudei de lar, mudei para São Paulo com o intuito de pesquisar com mais profundidade as prisões. Por meio desta pesquisa, conheci o meu atual companheiro, alguém que conhece substancialmente as mazelas do crime, alguém que tem a dor e o sofrimento de ter perdido tantos para a famosa política estatal de guerra às drogas.

Digo que estar submersa nesta temática por anos me forneceu substrato para o caminhar desta escrita e me deu potência para lapidar o olhar e a prática fotográfica. Nessas andanças, pude viajar para Minas Gerais, também percorrendo Itaúna, Belo Horizonte e Santa

Luzia, a fim de conhecer o modelo de encarceramento sistema APAC⁹, onde dormi por duas noites dentro de uma penitenciária masculina, em regime fechado, em um alojamento destinado para visitantes. Por meio desta pesquisa pude contribuir com o livro “Escrita cobogó - invenção de si, cidades e univercidades”, lançado pelo LAMUR¹⁰ em 2024. Por meio desta pesquisa, eu me aproximei de realidades únicas, sofridas, vivenciadas por homens e mulheres que já passaram pelas grades dos corpos. Com esta pesquisa pude sair de mim, praticando o exercício da alteridade, processo este que

Passa-se a desejar a alteridade em sua dimensão invisível, desejar essa condição que nos obriga a nos diferenciarmos de nós mesmos: uma espécie de amor pelo desconhecido e pela incerteza criadora. É justamente essa espécie de amor que define esse modo como ético: amor pelo devir, devir do social, indissociável de um devir da subjetividade; amor pela existência individual e coletiva concebida e praticada como obra de arte - em suma, uma nova suavidade (ROLNIK, op. cit., p. 14).

Esta pesquisa me ensinou sobre cartografia, sobre escutar a voz do tempo, sobre a necessidade de uma abordagem transdisciplinar para se criar uma pesquisa em artes. E, mais uma vez, esta pesquisa me trouxe João Lázaro Nogueira Queiroga.

Portanto, não tenho como deixar de concluir esta dissertação sem trazer a importância dos afetos na pesquisa e na escrita acadêmica, já que fui guiada justamente pelos afetos, pelos incômodos e por perdurar fora da zona de conforto durante boa parte desse trajeto. Ao finalizar, é esse estado de afetação que também me sustenta, que me dá forças para entregar essa escrita, mesmo em estado de completo esgotamento intelectual. Ou seja: para estar aqui escrevendo, eu me sinto completamente afetada pelas circunstâncias, pelo estado de vida em que me encontro.

Este “eu” que aqui escreve sabe que é formado por muitos; sabe da sua atual condição, que oscila como qualquer outra individualidade (mas plural) e justamente por isso é que, hoje, este “eu” toma consciência da importância de se sustentar o inconsciente no processo de escrita, por exemplo. Era isso que fazíamos nas prisões, em nossas rodas artísticas, catárticas. É isso o que faço aqui.

Cuidar de um ser recém chegado à Terra me enche de alegria e entusiasmo, pois encontrei a grandiosidade da vida por poder partilhá-la com meu filho. Também custa força

⁹ Associação de Proteção e Assistência aos Condenados.

¹⁰ Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas – LAMUR, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGArtes, no Instituto de Cultura e Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC).

vital pelo trabalho em dedicação diária a um sistema de vida completamente novo, a algo que me retirou de uma realidade de forma abrupta para me colocar em outra sem tempo de adaptação. Escrevo esta confissão sabendo do peso que automaticamente passo a carregar por tal afirmação.

Meu corpo passa a entrar em estado de alerta, a pinicar da cabeça aos pés, por encarar essa escrita com um outro estado de mente e intelecto, com um grande incômodo pelo tempo marcado para ela ser finalizada. Será que estou sendo honesta comigo e com todos aqueles que aqui foram citados? Será que sou digna de me tornar mestra em artes escrevendo em estado de exaustão, com um corpo por vezes ansioso e, por isso, escrevendo quando já não há tempo?

Figura 49 — Aleitamento. 02 de maio de 2024, às 21:51. Autorretrato.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 50 — Curvas que alegram o caminho.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 51 — Sem título.



Fonte: arquivo pessoal.

Tempo.

Escrevo quando já não há tempo.

Escrevo quando meu bebê dorme.

Escrevo enquanto meu filho cresce.

Escrevo ao seu lado, escutando sua respiração.

Escrevo exaurida, após um dia de completa entrega aos seus cuidados.

Escrevo minhas oscilações de pensamento e sentimentos.

O que escrevo?

Ingratidão?

Angústia?

Cansaço?

Cárcere.

Falar sobre o cárcere, ou melhor, os cárceres,

Em um mestrado em artes requer afeto.

Afetar-se, deixar-se tocar, deixar-se levar.

O que sobra?

“Liberar a vida, lá onde ela é prisioneira”.

Hoje, em prisão intelectual e mental, eu me torno incapaz de dissertar sobre aqueles que estão com os seus corpos encarcerados. Mas quem disse que quero dissertar sobre algo que não vivo? Isso nunca foi a minha intenção.

Esta dissertação nasceu a partir de minhas vivências com o cárcere. Se hoje não vivo como uma pesquisadora deste campo, porque lá não estou, escrevo sobre aquilo que me tornei graças às vivências, escrevo sobre o que observei e ficou cravado na pele, escrevo sobre o que pulsa neste momento.

E o que escrever, então?

Escrevo a minha intuição.

Ela diz que se hoje não me encontro em campo, em pesquisa diária com os encarcerados, que fale sobre a importância de se cultivar na academia artística brasileira as pesquisas que se formem pela vivência, pela pele ativa, pelo corpo que dança, porque tudo isso pode ser a mais fina forma de se fazer ciência. Neste mestrado fiz ciência porque fui muito alegre (ESPINOSA, 1983) em minhas atuações no cárcere. Acredito no fazer ciência em artes quando este fazer passa a ser carregado de pulso, de sentimento (e não sentimentalismo) quando

ele é carregado de corpo, vida, quando ele consegue tocar o outro e deixar-se tocar, deixar-se modificar ao pesquisar.

Na pesquisa com o cárcere pude me modificar por completo: escutei inúmeras histórias, contei as minhas, fotografei o invisível, chorei, dei e recebi conselhos e abraços daqueles que estão com os corpos em clausura, mas com a alma em completa comunhão com o seu sagrado. Mas para além da minha transformação, eu falo repetidamente da transformação deles, daqueles que vi se abrirem para uma outra realidade, dando a chance de tocarem em suas clausuras subjetivas porque, antes mesmo de entenderem, já sentiam na carne o estado de potência que se cria ao acessar os seus processos artísticos, como a dança, a escrita e a poesia em suas múltiplas linguagens. Aliás, esta pesquisa é, resumidamente, sobre processos (trans)formativos¹¹: meus, teus, deles, delas - é a saída do estado interno de clausura para a abertura de novos caminhos, de subjetividades ainda não narradas; é a tomada da “vida como obra de arte”.

Lembro perfeitamente do dia em que cheguei, em 2020, sozinha em uma Unidade Prisional APAC em Santa Luzia/Minas Gerais, às 20 horas de uma terça-feira, quando tive que caminhar sobre uma estrada de terra batida até chegar à entrada da prisão. Olhei para o céu e lá estava a sua escuridão, que me benzia por uma luz que não era sua, mas sim do poste da rua. O motorista do aplicativo Uber disse que dali não passaria, mas que ficaria me olhando de longe, até abrirem os portões da prisão para mim, como visitante. Neste dia, a comitiva que também viajou para Minas Gerais não havia chegado; portanto, tive que ir sozinha para esta primeira apresentação. Neste modelo de prisão, quem toma conta da Unidade são os próprios detentos - isso significa que eu seria recebida por eles, somente por eles.

Naquele dia, eu fui recepcionada por Diego, um prisioneiro que supervisionava o portão principal; o seu sorriso me abraçou. Logo após, fui apresentada a outros reclusos, que me trataram com muito respeito e serenidade. Diego me ofereceu um sanduíche de presunto e queijo com leite quente em uma salinha azul turquesa com uma bíblia gasta, amarronzada, no centro de uma mesa de vidro, coberta por uma toalha de crochê branca.

Após minutos de conversa e silêncio que muito comunicava, eu me ajoelhei quando entrei no alojamento de visitante e passei a chorar por ter meu corpo tomado por uma alegria sem fim, por saber que ali, em uma penitenciária, estava segura e, acima disso, por saber que

¹¹ Termo estudado no grupo de estudos do LAMUR/UFC - Fortalezas Sensíveis: processos (trans)formativos com as artes e as cidades: A pesquisa instiga, em seu próprio nome, um convite ao encontro entre as artes e as cidades com o desejo de intensificar as proposições poéticas e políticas ao cartografar e inventar processos (trans)formativos que ativem encontros com modos de existência singulares e coletivos no cotidiano das cidades e da universidade.

ali havia homens que entenderam o valor de suas vidas, que viviam o significado da ética sem nunca terem lido Espinosa (op. cit.).

Ali eu vi homens presos sem nenhuma presença de armas, policiais penais, algemas, sujeira, desrespeito ou ódio. Estavam eles com os corpos presos, mas pelo respeito que fora cultivado – um campo sutil poderia se abrir para os afetos.

Afetos ativos,

Não passivos.

Potência,

Força vital.

Ali eu vi homens em comunhão, vi homens que produziam as suas afecções pelo respeito que se produzia entre eles, pelo compromisso e pelo senso de responsabilidade gerado. Ali modifiquei-me como ser humano por estar diante de uma realidade que não se vê e nem se conta. É preciso viver para entender. É preciso compreender que os afetos mudam pessoas, vidas, comunidades, sistemas. Tudo depende do direcionamento de nossas afecções.

Mas o que seria o afeto, tema este tão recorrente nesta dissertação? Não pretendo limitá-lo e, por isso, uma definição possível vem de Espinosa (1983), quando este afirma que é “o poder de ser afetado e de afetar”. Sensibilidade e responsabilidade. Afeto se manifesta por desejos, intensidades, depressões, velocidades. A sensibilidade direcionada pode aumentar a nossa capacidade de agir, de afirmação de nós no mundo, gerando responsabilidade perante o todo por pura presença e ligação com as forças vitais.

Investigar academicamente tendo a afecção como base, me coloca como agente de expansão da rede conectiva entre seres da vida ordinária, comum. Para pesquisar desta forma é preciso outro gesto de quem investiga, não havendo espaço para um distanciamento do fenômeno pesquisado - ao contrário, é preciso um movimento de integração e comunhão. Nesse sentido, a vida que pulsa em quem pesquisa também é material de estudo, já que estamos sempre imersos em redes de acontecimentos, afetando e se deixando afetar por elas.

5.1 Uma escrita ética–estética–política

Mais de 300 dias sem escrever. Mais de 300 dias imersa no gestar – em parir e no tornar-se mãe.

Hoje, ao me deparar com a pesquisa, passo a enxergá-la como uma terceira observadora. Não sou mais aquela submersa no campo por motivos óbvios. Há um lado que

lamenta, que sente como se tivesse amputado um membro de meu corpo, corpo político vivo no mundo. O nascimento de um filho me deu o nascimento de outro corpo com membros ainda desconhecidos. O corpo político vivo no mundo se cria de outra maneira e hoje pode falar sobre esta pesquisa com menos voracidade, com mais sutileza.

Nesse ato de “observação de si”, passei a identificar a metodologia que intuí nos anos de imersão na temática do cárcere dos corpos. Falarei um pouco sobre este método, este caminho percorrido, que fora construído à base de muita intensidade, onde afirmo ser potente e possível de ser lapidado.

A escrita é acontecimento. A escrita nasce a partir de um estado de corpo, mente e de fluidos invisíveis, mas existentes. Abrir-se para a escrita do que lhe acontece pode ser um primeiro passo para percepção do mundo que o ser se encontra. Só fui perceber que pesquisava o cárcere após inúmeras escritas de vivências, feitas desde 2016 em blocos de notas. Como exemplo simplório, trago abaixo um devaneio de 2019, meses após uma experiência vivida junto aos detentos na Penitenciária de Pinheiros II, em São Paulo.

Figura 52 — Diário de bordo

18 de dezembro de 2019 às 15:52

Aula na penitenciária Pinheiros II

Aula? Sobe o que Beatriz Nogueira daria aula?

Sobre ética e moral.

Oportunidade cedida pelo Instituto e defesa pelo direito de defesa para advogados que se interessam em cidadania no **cárcere**.

Aceitei o desafio e fui. Tive o prazer de conhecer duas pessoas incríveis, Clara e Anderson.

Os dois conduziram o encontro comigo. Preciso relatar a grandiosidade de tal encontro.

Antes disso, preciso filosofar a respeito da necessidade do tempo para que as coisas possam aflorar em nosso ser.

Explico: já se foram alguns meses após essa experiência e somente agora veio a necessidade de relatar o que aconteceu.

Eu estava com medo, estava ansiosa. Não sabia como seria falar sobre filosofia para detentos, para pessoas que estavam privadas de sua liberdade há tanto tempo. Imaginem só! Filosofia, um tema tão difícil de aceitação para nós, quanto mais para pessoas que os problemas mundanos estão bem mais aflorados? Enfim, a verdade é que senti a necessidade de encarar esse desafio e fui. Aliás, preciso relatar que se não fosse a força e a coragem do Anderson e da Clara, as coisas não teriam sido como foram. Tudo se encaixa.

Fonte: arquivo pessoal.

Aqui eu chamo atenção não para o conteúdo da escrita, mas para a pulsão de inquietação perante uma temática. Anos antes, eu já acreditava que o estudo filosófico poderia ser um caminho de formação de seres críticos e políticos no mundo; mas foi a partir desta oportunidade de falar sobre ética e moral em uma prisão, que um novo elemento brotou para minhas atuações em cárcere. Ou seja: em tudo há necessidade de tempo e experimentação para vingar - é na caminhada que criamos um método, uma forma de agir, de investigar.

Abaixo, eu trago outro relato de campo, registrado em 2020. As vivências nos presídios APACs inauguram um olhar mais artístico e refinado para as individualidades.

Figura 53 — Diário de bordo II

2 de dezembro de 2020 às 11:14

Não sabia qual era a sua arte antes da prisão.

Impossível esquecer a satisfação deste recuperando ao me mostrar uma de suas obras. Ele me contou que estava há pouquíssimo tempo pintando e que descobriu o talento para artes nas oficinas oferecidas na APAC como uma das possibilidades de restauração.

(...)

No **cárcere** dos corpos o que pude perceber, em muitos dos casos, é que a desenfreada busca por valores externos, a falta de entendimento de si, de seus reais anseios e de sua natureza, cultiva seres esquecidos sobre quem de fato são. E o que nos resta? Seguir obedecendo padrões (morais e econômicos). E se não conseguirmos? E se não há encaixe e se não há oportunidades e se há exclusão e se e se...? O que fazer com esse Ser?

Há muitos caminhos e, sem entrar no mérito e julgamento, alguns percorrem caminhos que levam ao **cárcere**. Fato.

E aí o que se percebe, é esse certo padrão quando eles e elas ingressam ao sistema (penitenciário).

O padrão do medo, da raiva, da angusta e, principalmente, o da rejeição. Há uma frase que diz algo como: "

atrás de todo excesso se esconde uma falta", acredito nessa ideia.

É o que está estampado em nossa face.

E sabe mais?

Esse fenômeno não acontece somente com aqueles que estão com os corpos encarcerados.

Nós, encarcerados da mente, percorremos o mesmo trajeto.

A descoberta de si por meio da dor, conhecendo nossa sombra para então perceber a Luz que clama por nós. Retorne!

-

Acreditar no Ser humano que há aqui.

-

Presídio APAC Santa Luzia/MG.

#

Fonte: arquivo pessoal.

Mais uma vez, afirmo que o conteúdo não é o mais importante. Hoje não comungo de muito do que escrevi, mas isso só se faz possível porque verdadeiramente questioneei, acreditei, adentrei em teorias e de fato as vivenciei, como a teoria do método APAC. Tive que dormir em uma penitenciária, tive que renunciar a muitos conceitos e preconceitos enraizados. Quando isso aconteceu, me abri para o simples, entendi o que é Ética, me abri para a Alteridade,

me abri para escutar este outro e enxergá-lo e este outro também me enxergou. O respeito é algo que se sente.

Os diários de bordo, os rascunhos, os blocos de notas escritos de forma catártica, pode fazer com que a reflexividade ética entre em nosso cotidiano, transformando a teoria e quem pesquisa e isso se dá pela permissão que damos a nós para agenciar estes afetos que nos impulsionam a escrever, trazendo aquilo que muitas vezes não é aceitável academicamente, nem intelectualmente falando, ou seja, textos que jamais seriam publicadas. Esse lugar “estranho” em nós é de suma importância e deve ser explorado, acolhido, pois só a partir daí é que podemos pensar mais uma vez, recriar uma ideia, modificar nossos conceitos e crenças.

Suscitar algo novo por meio do exercício do pensamento e da desconstrução do já dito, mudar de rumo após muitas repetições ideológicas, mudança que vem pelo exercício da experiência, do aprofundamento. E tudo isso para suscitar a potência do gesto reflexivo, ampliar o mundo de nossas fabulações e artefatos que criam enunciados. Assim, a ética e política da pesquisa pode ser criada a partir de nossas infâmias, de nossas reflexões menores, banais, de nossas vivências singulares com um determinado “objeto” de estudo. Portanto, acredito que no decorrer desta pesquisa, de forma intuitiva, sempre procurei manter viva a força vital que se engrandece ao trilhar um caminho de estudo, de pesquisa, de partilha do sensível dentro de nós e dentro do Outro.

Posso afirmar que foi a partir daquilo que me afetava que me coloquei em comunicação real com o cárcere, ou seja, a pesquisa veio até mim. Aqui há a necessidade de uma espécie de prontidão para que possamos ser transformados com o que a pesquisa trará, o que significa que muitas vezes precisaremos renunciar a teorias e crenças. A sensibilidade pede passagem. Percebi que sem abertura ao outro, ao mundo que pulsa hoje, século XXI e suas questões, como o movimento feminista, a crítica pós-colonial, o movimento queer etc., não há como se fazer uma pesquisa artística-afetiva, porque aqui é preciso os olhos e poros abertos para captar o que está no ar. Assim talvez possamos chegar perto de uma ética menor, parafraseando a ideia de “literatura menor” de Deleuze e Guattari (1994). Cultivar uma postura de abertura às diferenças fora e dentro de nós. Afinal, talvez essa tenha sido um dos maiores ensinamentos que os aprisionados me trouxeram.

Portanto, pesquisar é se abrir para os encontros, é se colocar em relação, é espera, é tempo, é saber que conquistar teoria e conceitos não pode ser o objetivo final, e sim objeto de questionamento e percurso. Experimentar o que se estuda talvez faça mais sentido do que apenas dissertar sobre algo.

Neste caminhar quase que ensaístico percebo que os encontros e desencontros guiaram esta pesquisa e hoje escrevo exatamente de onde me encontro, escrevo também os caminhos desviados, pausados, silenciados, porque isso também é pesquisa. Assim há a possibilidade de abertura para uma presença viva em cada fase do pesquisar, respeitando os vácuos, os vazios e as folhas a serem escritas.

Quando fincamos nossos pés na terra e nos orientamos para uma determinada posição política, ou melhor, quando incorporamos um personagem político no mundo, esse direcionamento se dá necessariamente por nossos afetos, por aquilo que nos arrebatava, por aquilo que nos toca, que faz sentido para nós. Se, como uma jovem adulta, em meus primeiros anos de formada, procurando um caminho a seguir, me identifiquei com a causa carcerária, segui porque também me encontrei como ser político no mundo ao abraçar a causa e acredito que aí está uma das justificativas de pesquisar e suscitar os afetos em nossa formação. Abaixo, trago mais um exemplo desta força em uma escrita pessoal de 2021 no bloco de notas.

Este desejo ainda não fora realizado, mas gostaria de deixar registrado que a chama se mantém mesmo em tempos de pausas, como o momento que vivo atualmente. Respeitar as pausas é fundamental na pesquisa, pois aí há magia da força do tempo, de seus encontros e desencontros, de maturação de ideias.

Figura 54 — Diário de bordo III

5 de outubro de 2021 às 22:38

Um local de apoio e acolhimentos a pessoas que estão cumprindo pena em regime aberto e para aqueles que acabaram de sair da prisão com o tal do "e agora?".

- Tudo isso por saber que atuar TAMBÉM quando essas pessoas já estão fora, pode e deve ser a sua abordagem. Para pessoas que já estão aqui fora e querem trilhar novos caminhos. Ajuda intelectual, emocional e espiritual.

Teremos:

Base em pesquisa sobre o sistema prisional e formas de ressocializar homens e mulheres após saírem da prisão.

Tratamentos psicanalítico;

Meditações;

Yoga;

Rodas de conversa e círculo de Paz;

Oficinas de trabalhos manuais;

Rede de contato com empresas cadastradas para receber egressos;

Estudos de valores e ética pra a vida com oficinas de escrita e tudo aquilo que possa colocar o ser para expressar-se;

Apoio básico em questões processuais penais;

Precisaremos do apoio financeiro do Estado do Ceará, por ser um trabalho de Estado.

Precisaremos de apoio financeiro de empresas por meio do seu IR;

Precisaremos de apoio da sociedade;

O nome:

Instituto Devir Consciência - Reestruturação e responsabilização para egressos do Sistema Prisional.

Fonte: arquivo pessoal.

O estado de pesquisa perdura, como disse; é um estado, uma forma de se comunicar com a vida, uma forma de atenção, uma investigação das relações e de si.

Mas como forma de fechamento desta dissertação, eu não posso deixar de suscitar algumas perguntas, no que todas elas circulam em torno de algo maior: a liberdade.

Questionar como conquistá-la é fundamental, mas precisamos ir além, investigando como mantemos acesa a chama da liberdade em nossas vidas - e aqui me remeto às diversas formas de perda e de conquista da liberdade. No decorrer desta dissertação, pude trazer a clausura dos corpos e a clausura de nossas subjetividades, fiz uma dança, uma mescla entre

essas duas formas de aprisionamento dos corpos e de nossa energia vital. Conheci pessoas encarceradas que cultivavam a postura da liberdade subjetiva diariamente, algo surpreendente e difícil de se ver em nossa sociedade liberta; isso não é um discurso romântico, muito menos desabono o Estado pelas péssimas condições de nossos presídios. Estou a falar sobre o estado do ser, sobre uma postura ética diante da vida. Postura essa que nada tem a ver com moralismo - mais uma vez, eu repito.

A ética da existência a qual encontrei muitas vezes do lado de lá, entre homens e mulheres enclausurados, pôde ser relatada no decorrer desta dissertação. Ética esta vivenciada com as artes propostas por trabalhos voluntários em prisões. Vi pessoas encontrarem a sua voz, o seu tom, ao terem a oportunidade experimental de si. Não quero falar que “a arte serve para curar”, já que ela não tem a função de servir para nada; ela não serve, ela não é útil na visão capitalista da palavra. Mas, trazendo a visão potente da vida, a arte serve para nos firmarmos, para cultivarmos essas subjetividades outras, possíveis.

A arte “serve” para criar gente livre:

A conquista da liberdade, tal como a concebe um modo de subjetivação em que ativou-se o vetor homem da ética, não se passa apenas no plano dos ideais, mas num verdadeiro processo de mutação da subjetividade, em que abandonamos nossa carcaça de unidade individuada e isolável, tão ilusória e mesmo assim tão poderosa em seus efeitos devastadores. Conquistar a liberdade é conquistar a capacidade de selecionar e de tomar decisões a favor das diferenças, decisões que são disparadoras de processualidade. Mas isso só é possível se nos livramos da tutela do terror, para que o pensamento não fique mais a serviço exclusivo da consciência e possa desenvolver seu trabalho na perambulação entre o invisível e o visível (ROLNIK, 1992, p. 16).

A questão é: o que fazer com essa liberdade, como caminhar com ela sendo uma força vital, criadora, um elã entre o “eu” e o “nós”, ou seja: como a liberdade se curva para nossa potência criativa e não destrutiva?

Iniciei este último capítulo relatando sobre o meu estado de prisão intelectual e mental; portanto, percebo que há sempre dois trabalhos a serem feitos. O primeiro seria poder praticar, poder cultivar as artes em nossas vidas, até que encontremos a tal liberdade, simplesmente por dar corpo à nossa subjetividade, nunca estática, sempre dinâmica. O segundo trabalho seria dar o tom ético a esta liberdade: que ela sirva para nos fazer vibrar a criação e não a destruição.

Aqui falo para quem está dentro e para quem está fora das prisões estatais. Já falei para eles e voltarei a falar. Fala esta que não possui um tom de profetizar, de ensinar, de trazer

a verdade. Uma fala partilhada, que primeiro escuta, pergunta, faz refletir, que dança, brinca, escreve, canta, silencia e depois se torna possível de ser ouvida e vivida.

Aconteceu comigo. Neste último capítulo, eu pude encarnar o estado cartógrafo do sensível. Iniciei em completo estado de pulsão de morte, por necessidade, desespero. Iniciei cansada, esgotada, em desânimo por não encontrar aquela Beatriz pesquisadora, imersa no universo filosófico, acadêmico e no campo das prisões.

Se pesquisarmos o significado da palavra “ânimo” no dicionário etimológico, veremos que ela “vem do latim *animus*, significa a alma, os pensamentos. Em latim, *animus* era o lado psicológico do ser, a sede dos pensamentos, das ideias, da vontade, das emoções e do caráter”.

Ao decorrer da escrita, pude organizar os pensamentos; as pulsões puderam se expressar, cada uma teve seu lugar, foi mostrado como é a dinâmica. Suely Rolnik (op. cit.) fala de um certo “terror” que nos acontece, que nos toma quando nos deparamos com o processo de libertação. Sei que hoje enfrento monstros, pulsões de morte, o medo da alteridade de dentro e, mais uma vez, encontro a arte neste processo:

É que livrar-se da tutela do terror passa por reconhecê-lo e enfrentá-lo: atravessar o terror que a alteridade mobiliza em nossa alma, terror ao caos e à incerteza criadora, e que faz de nós presas fáceis de bandeiras idealizadoras. O desafio que essa travessia nos coloca é que ela implica em vencer a imensa força de resistência contra o devir, promovida pelo terror. É só vencendo essa força que se torna possível desobstruir o acesso à experimentação do devir: descobrir que essa experimentação não é desintegradora, ativar essa experimentação, afirmá-la na subjetividade (ROLNIK, 1992, p. 18).

A “escrita de si”, esta forma de criação poderosa, mostra a sua capacidade para nos fazer enxergar e elaborar o caos interior - ela nos mostra o caminho a ser percorrido para enfrentar o “terror”, sendo um verdadeiro remédio, uma força alquímica para encontrarmos esta alteridade, para entrarmos em processo de devir. Não menos importante, digo que esta pesquisa criou corpo por ter a força dos afetos como pulsão inicial para que todo o trabalho de criação nascesse e perdurasse.

No cárcere, eu vivenciei encontros banhados de trocas artísticas onde essa tal “escrita de si” estava sempre presente, seja através do corpo que falava, seja pela voz ou pelo lápis que gritava poesia. O Sarau Asas Abertas coleciona mais de 500 cartas, poesias, desenhos, relatos pessoais e agradecimentos daqueles que passaram pelo ou que ainda estão em cárcere.

Imagino que o próximo passo desta pesquisa - que não findou - seja dialogar com as palavras grafadas por eles, por elas.

Finalizo essa dissertação compreendendo a força das artes dentro e fora do cárcere. Cultivar o estado artístico em si, com uma postura ética diante de nossa história, talvez não cure as nossas dores existenciais e muito menos quebre o ciclo de violência estatal e relacional em que estamos inseridos, mas ela possibilita a recuperação da potência vital necessária para perdurar, caminhar, acionar o estado de reconhecimento de si e deste Outro.

Por fim, caminhemos, pois "os afetos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 18).

Figura 55 — Lágrimas molharam a escuridão, nasceu a Luz. 2024.



Fonte: arquivo pessoal.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.
- BOAL, A. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- COSTA, Luciano B. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. *In: Revista Digital Paralelo*, 31, [s. l.], d. 15, Dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/2099> Acesso em: 15 abr. 2023.
- COSTA, P. A. B.; GREINER, C. Dobrar a morte, despossuir a violência: corpo, performance, necropolítica. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8661341> Acesso em: 14 fev. 2023.
- DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Editora Bertrand Brasil, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo, Editora 34, 1992.
- ESPINOSA, Baruch. **Tratado teológico-político**. Lisboa, PT: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. *In: Ditos e escritos*, vol. V: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In: Ditos e escritos*, vol. IV: estratégia, poder, saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GROISMAN, Miguel. **No Martins denuncia a arquitetura de violência e o racismo em individual em Londres**. Arte! Brasileiros, [s. l.]. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/exposicoes/no-martins-individual-social-signs/> Acesso em: 8 ago. 2024.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

HAN, Byung Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LOMBROSO, Cesare. **L’homme criminel**. Paris: Félix Alcan, 1887.

MARTINS, No. **No Martins denuncia a arquitetura de violência e o racismo em individual em Londres**. Arte! Brasileiros, [s. l.]. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/exposicoes/no-martins-individual-social-signs/> Acesso em: 7 ago. 2024.

MARTINS, No. **Projeto Afro**. Disponível em: <https://projetoafro.com/artista/no-martins/> Acesso em: 11 ago. 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**, São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MILLAN, Art. **No Martins**. Millan Art. Disponível em: <https://millan.art/artistas/no-martins/> Acesso em: 14 ago. 2024.

NOGUEIRA, Beatriz. **A divina comédia humana**. Videoarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pkACzSVcDx4&t=118s> Acesso em: 01 jun. 2023.

NOGUEIRA, Beatriz. **Cartografia**. Videoarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OjdhsPADXKk&t=25s> Acesso em: 01 jun. 2023.

NOGUEIRA, Beatriz. **Meu povo é descendente de reis**. Videoarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qcn4VAbGS84&t=149s> Acesso em: 01 jun. 2023.

NOGUEIRA, Beatriz. **O falso Messias chegou, mas já vai embora**. Videoarte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RRfj3pBPG6U&t=99s> Acesso em: 01 jun. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Carmen S. Brasil, além do ressentimento. *In: Revista Vazantes*, vol. 1(2), 2017. p. 63-83. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20497> Acesso em: 22 jul. 2023.

PELLANDA, Nize; GUSTSACK, Felipe. Autonarrativas e invenção de si. *In: GORCZEWSKI, Deisimer (org.). Arte que inventa afetos*. Fortaleza: Imprensa Universitária - UFC, 2015. p. 39-54. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15857> Acesso em: 20 de julho de 2023.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina: Editora UFRGS, 2007.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.